

MÁRIO FERREIRA  
DOS SANTOS

# ANÁLISE DIALECTICA DO MARXISMO

EDITORA e LIVRARIA

LOGOS

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS



# ANÁLISE DIALÉTICA DO MARXISMO

★

LOGOS

SÃO PAULO

1953

## OBRAS DE MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

### Publicadas:

- "Filosofia e Cosmovisão"
- "Curso de Oratória e Retórica", 2.<sup>a</sup> edição.
- "O homem que foi um campo de batalha", prólogo de "Vontade de Potência", de Nietzsche.
- "Se a esfinge falasse..."
- "Realidade do homem"                    { ambas com o pseudônimo de Dan Andersen
- "Tratado de Economia", edição mimeografada, esgotada, em reedição.
- "Lógica Formal"
- "Dialéctica"
- "Decadialéctica"
- "Psicologia"
- "O Homem que Nasceu Póstumo", temas nietzscheanos.
- "Análise Dialéctica do Marxismo"
- "Técnica do Discurso Moderno"
- "Curso de Integração Pessoal"

### A publicar:

- "Gnoseologia e Criteriologia (Teoria do Conhecimento)", no prelo.
- "Ontologia" (Metafísica Geral)
- "Cosmologia"
- "Teologia e Teodicéia"
- "Estética"
- "Simbólica"
- "Ética"
- "Psicogênese e Noogênese"
- "Noologia Geral"
- "Axiologia"
- "Temática e Problemática filosóficas"
- "Teoria Geral das Tensões"
- "Dicionário de Filosofia"
- "Filosofia e História da Cultura"
- "Sociologia Fundamental"
- "Psicologia social"
- "Antropologia cultural"
- "Tratado dialéctico de Economia" (reedição ampliada do "Tratado de Economia")
- "Teoria das Idéias políticas"
- "Temática e problemática das ciências sociais"
- "Assim Deus falou aos homens" — seleção de apólogos, fábulas, aforismos, etc., publicados com o pseudônimo de Mahdi Fezzan.
- "Assim falava Zaratustra", edição da obra de Nietzsche, com análise da sua simbólica.

### Traduções:

- "Vontade de Potência" — de Friedrich Nietzsche
- "Aurora" e "Além do Bem e do Mal", de Friedrich Nietzsche
- "Diário Intimo", de Amiel
- "Saudação ao Mundo", de Walt Whitman, com ensaio introductório.

## ÍNDICE

|  |     |
|--|-----|
| O PLANO DESTA OBRA .....                                     | 9   |
| A ECONOMIA, A TÉCNICA E A HISTÓRIA .....                     | 17  |
| O DESENVOLVIMENTO DA TÉCNICA .....                           | 29  |
| A EOTÉCNICA .....  | 35  |
| NEOTÉCNICA .....   | 49  |
| MARX E O MARXISMO .....                                      | 55  |
| MARX E PROUDHON .....  | 69  |
| MARX E ENGELS CONTRA OS MARXISTAS .....                      | 79  |
| POLEMICA SÓBRE O ESTADO ENTRE MARXISTAS E ANARQUISTAS .....  | 87  |
| A TEORIA MARXISTA DO ESTADO .....                            | 89  |
| AS EXPERIÊNCIAS DAS REVOLUÇÕES PARA OS MARXISTAS .....       | 103 |
| O ESTADO PARA OS SOCIALISTAS LIBERTÁRIOS E ANARQUISTAS ..... | 109 |
| PODE A DITADURA SER UMA ESCOLA DE LIBERDADE? ...             | 113 |
| DITADURA E LIBERDADE .....                                   | 125 |
| O DEFINHAMENTO DO ESTADO .....                               | 133 |
| AS CONCEPÇÕES LIBERTÁRIAS E SUA CRÍTICA DO MARXISMO .....    | 141 |
| SÍNTESE DA CRÍTICA LIBERTÁRIA .....                          | 159 |
| SOCIALISMO E POLÍTICA .....                                  | 165 |
| ANÁLISE DECADIALÉCTICA DO MARXISMO .....                     | 183 |
| OS FACTORES EMERGENTES E PREDISPOONENTES .....               | 209 |
| ANÁLISE DECADIALÉCTICA .....                                 | 215 |

**ANÁLISE DIALÉCTICA DO  
MARXISMO**

## O PLANO DESTA OBRA

Se o marxismo é simplesmente considerado por muitos como um pesadelo da história, sem maior significação, e que passará como passaram tantos outros movimentos, aparentemente populares, ou se representa o resultado de um longo processo, e com uma significação que ultrapassa a visão comum, ambas atitudes, tomadas sem um exame mais acurado dos factos, podem ressentir-se ou de primarismo judicatório ou de uma excessiva valorização dos acontecimentos.

Ninguém pode desconhecer que o marxismo representa um papel importante, e atrai para si, de todos os sectores, a atenção dos estudiosos, dos descontentes, dos propugnadores de uma nova ordem que ofereça ao homem um rumo melhor.

Examinar o marxismo com a máxima isenção de ânimo, evitando a influência das paixões que agitam a nossa época, analisar-lhe os fundamentos, premissas, postulados, sem deixar-se arrebatado pela paixão, reconhecemos, é difícil e raia até o impossível.

Somos sempre incapazes de fazer uma justa apreciação dos factos que decorrem contemporaneamente conosco. E o marxismo, apesar de sua história já atravessar algumas gerações, ainda está muito vivo para que o possamos ver com a frieza com que vemos os factos do passado, a realidade que revestem para nós, quando já alheios ao calor da sua agitação.

Por isso, reconhecemos que a tarefa que empreendemos neste livro é imensamente difícil, mas, como não tememos enfrentar dificuldades, pois ao contrário gostamos de tê-las pela frente, procuraremos, sopitando quando possível o que mais intimamente pensamos, fazer a análise dialectica

dessa doutrina sob alguns dos seus principais ângulos, com a maior isenção possível de ânimo, buscando libertarmo-nos dos esquemas em que as posições angulares se fundam, fazemos a análise decadaléctica, dentro dos dez planos e das seis providências, que tivemos ocasião de expor em "Lógica e Dialéctica", há pouco publicado.

Logo compreenderá o leitor que é impossível realizar, num único volume, uma análise exaustiva dos diversos aspectos filosóficos, históricos, econômicos e sociológicos que o marxismo oferece. Por esta razão, neste livro, salientaremos apenas os aspectos gerais, suficientes para nos oferecerem os elementos capazes de permitir uma análise decadaléctica.

Na exposição das teses marxistas, e na análise dialéctica, teremos o máximo cuidado de fundarmo-nos sobre os textos de seus principais autores, como Marx, Engels, Lenine, sobretudo, e secundariamente nos autores posteriores, que disputam entre si a validade de sua exegese.

Ninguém desconhece que, entre estes últimos, a variedade de opiniões e as oposições são tão evidentes, as acusações mútuas são tão contundentes, os apodos de traição e de ignorância são tão constantes, que é difícil examinar o escolasticismo dos epígonos de Marx, que se diferenciam desde as mais subtis e nímias preciosidades de interpretação, até os fundamentos da própria doutrina.

Não podemos deixar de reconhecer as dificuldades que aqui surgem. E como sucedeu com os comentadores da escolástica, em face da simplicidade e da clareza dos seus grandes representantes como Santo Anselmo, São Tomaz, São Boaventura, Duns Scot, Suarez, Fonseca, etc., encontramos nos comentadores, nem todos é verdade, e nos sequazes das diversas opiniões sustentadas por aqueles gigantes do pensamento medieval e renascentista, um obscurecimento das idéias expostas, que ao perderem de clareza ganharam negativamente em confusão, oferecendo um dos espectáculos mais desastrosos do espírito humano, como foi o escolasticismo. Êste, que teve o poder de criar uma desconfiança às genuínas doutrinas escolásticas, e atirar até

sobre estas o desprezo dos filósofos modernos, conseguiu realizar o que nunca estaria no intuito daqueles grandes autores: o divórcio entre a filosofia moderna e a escolástica, o que, diga-se desde já, foi prejudicial ao pensamento destes últimos séculos, pois na obra daqueles gigantes encontramos bases sólidas, genuinamente dialécticas, que muito nos auxiliaram a dar melhor luz aos temas e aos problemas debatidos hoje entre homens de cultura.

E assim como o escolasticismo causou tanto mal à genuína escolástica, o escolasticismo marxista trouxe a confusão entre os epígonos de Marx, hoje divididos entre diversas seitas, que se consideram, todas e cada uma por sua vez, como as verdadeiras intérpretes do pensamento de Marx, desvirtuado, naturalmente, pelas outras seitas.

Esse espectáculo, que repete analógica e correspondentemente uma velha consequência de todas as doutrinas, não tem marca de originalidade e está a apontar, percebido por muitos, que o destino do marxismo é o mesmo de todas as ideias: o de deperecer, afinal, pela acção desagregadora dos epígonos.

No entanto, ante os acontecimentos político-sociais, o marxismo se apresenta realizado no regime imperante na Rússia, etc., um terço do espaço terrestre. Este facto importante dá-lhe uma significação toda especial, sobretudo por disputar hoje a Rússia a hegemonia no mundo, e desejar impor sua forma de governo e os esquemas constituintes de sua maneira de ser.

Que a Rússia represente realmente o marxismo ou não, ou que, na Rússia e seus satélites, o que temos é a genuína realização daquelas ideias expostas por Marx, ou apenas uma forma exterior das mesmas ideias com um conteúdo diferente, ou, em suma, que seja a Rússia realmente marxista ou apenas uma aproveitadora do que o marxismo criou, usando suas premissas, e sobretudo, as suas palavras, mas negando, com sua actividade, o arcabouço teórico, são aspectos a serem examinados no decorrer da obra, pois constituem, em suas linhas gerais, o que se costuma dizer, pensar e arguir em torno de tema de tal importância.

Portanto, impõe-se esclareçamos o método a ser empregado no decorrer deste livro, afim de realizarmos o que pretendemos.

Para que se efectue uma análise dialéctica do marxismo, impõe-se estabelecer, de maneira clara e com o maior rigor histórico, todos os *factores predisponentes* do marxismo. Após essa análise, é imprescindível procurar os *factores emergentes*, cuja actualização depende, naturalmente, das predisponências.

Observando pentadialécticamente, o marxismo, como unidade doutrinária, pertence à *totalidade* do pensamento socialista, que, como série, se inclui no pensamento social, que se conjuga no *sistema* do pensamento ético-filosófico do ocidente, e, como *universo*, está imerso em nossa cultura fáustica, como a chama Spengler.

Ainda pentadialécticamente, o marxismo, como facto social, pertence à totalidade do período romântico; como série, à chamada era industrial; como sistema, à cultura fáustica, e imerso na universalidade de nossa era cristã.

Desta maneira, colocamos o marxismo, sob dois grandes planos pentadialécticos, podendo ainda estudá-lo, seguindo as mesmas normas, como doutrina económica, como doutrina política e como doutrina ética.

Mas não seria possível, neste livro, como já dissemos, abordá-lo exaustivamente. Tal não implicará, porém, que os aspectos principais não sejam examinados e discutidos.

Em trabalhos posteriores, se recebermos a boa atenção e o apoio dos leitores, pretendemos penetrar em outros termos de máxima importância onde faremos uma análise em profundidade, de outros aspectos, por ora impossível de realizar.

Após a análise pentadialéctica, procederemos à dos factores de emergência e de predisponência, para finalizar com a análise decadialéctica, dentro dos dez campos, já expostos em nossos trabalhos de dialéctica e decadialéctica.

Temos certeza que após esses estudos, que procuraremos realizar com o mínimo emprego do tecnicismo filosófico, usando, tanto quanto nos permita a clareza, uma linguagem mais universal, cooperará para trazer alguma luz nova ao marxismo e dar-lhe uma análise honesta, bem intencionada e justa, sem cair em afirmativas apaixonadas do partidarismo. No entanto, não poderemos deixar de apresentar as opiniões apaixonadas dos seus adversários, para que tenha o leitor sempre patente aos olhos a crítica que tem sofrido, e os embates travados com outras opiniões sociais. E desse embate poderá o leitor tirar muitas das conclusões que se impõem, pois procuraremos, sempre que conveniente, pôr em paralelo as opiniões favoráveis ao marxismo e as que lhe são opostas, através de sínteses esquemáticas, que serão de utilidade para permitir uma visão de conjunto, bem como uma revisão das opiniões expostas.

Para que possamos alcançar a meta desejada, teremos de proceder, desde já, apresentando uma série de análises de aspectos importantes, que favorecem a boa compreensão dos factores predisponentes do marxismo. Para tal fim, iniciaremos fazendo um estudo combinado da História, da Técnica e da Economia, afim de facilitar a boa compreensão do clima histórico em que ele surgiu, imprescindível à boa inteligência das suas ideias e significado. Nessas páginas, aproveitaremos as grandes lições de Lewis Mumford, às quais acrescentaremos outras, de outras fontes.

Por outro lado impõe-se esclareçamos, afim de evitar más incompreensões, que a maneira de dispor a polêmica sobre o marxismo obedeceu a uma intenção. Nos últimos cem anos, em que o marxismo se estruturou, a principal polêmica foi travada entre os dois socialismos: o autoritário e o libertário. Se este último, nesta época de cesarismo, é aceito por um número reduzido e disperso de partidários, o primeiro, inegavelmente, atrai maior número de seguidores. No entanto, é de verificar-se, que, em face das decepções, os socialismos mais idealistas, sentem, quando os factos lhes mostram algum malogro do socialismo, a necessidade de

retornar às posições do socialismo libertário, onde permanecem à espera de que novos acontecimentos possam mudar a fisionomia e significação dos factos. Lenine já compreendeu êsse retorno, e se êle o considerava um “desvio pequeno-burguês”, outros consideram que o socialismo perdeu seu genuíno sentido proletário, para transformar-se num meio de vantagens sociais e políticas para “pequenos-burguêses desajustados”, que atacam veementemente a pequeno-burguesia numa auto-punição psicológicamente bem compreensível.

Se colocamos a polémica entre libertários e marxistas em primeira plana, devemos explicar a razão da nossa atitude. Não pretendemos, neste livro, enunciar qual a *nossa forma* de ver o problema social, pois exigiria que previamente publicássemos nosso “Tratado Dialéctico de Economia”, o que ainda pretendemos fazer êste ano, onde após a análise das categorias, conceitos e estruturas tensionais da economia, poderemos mostrar, numa visão concreta deca-dialectica, como a economia deve ser pensada e sentida para que, na cooperação com as outras ciências, possa contribuir a resolver o problema humano, fundando-se nas reais e melhores possibilidades do homem.

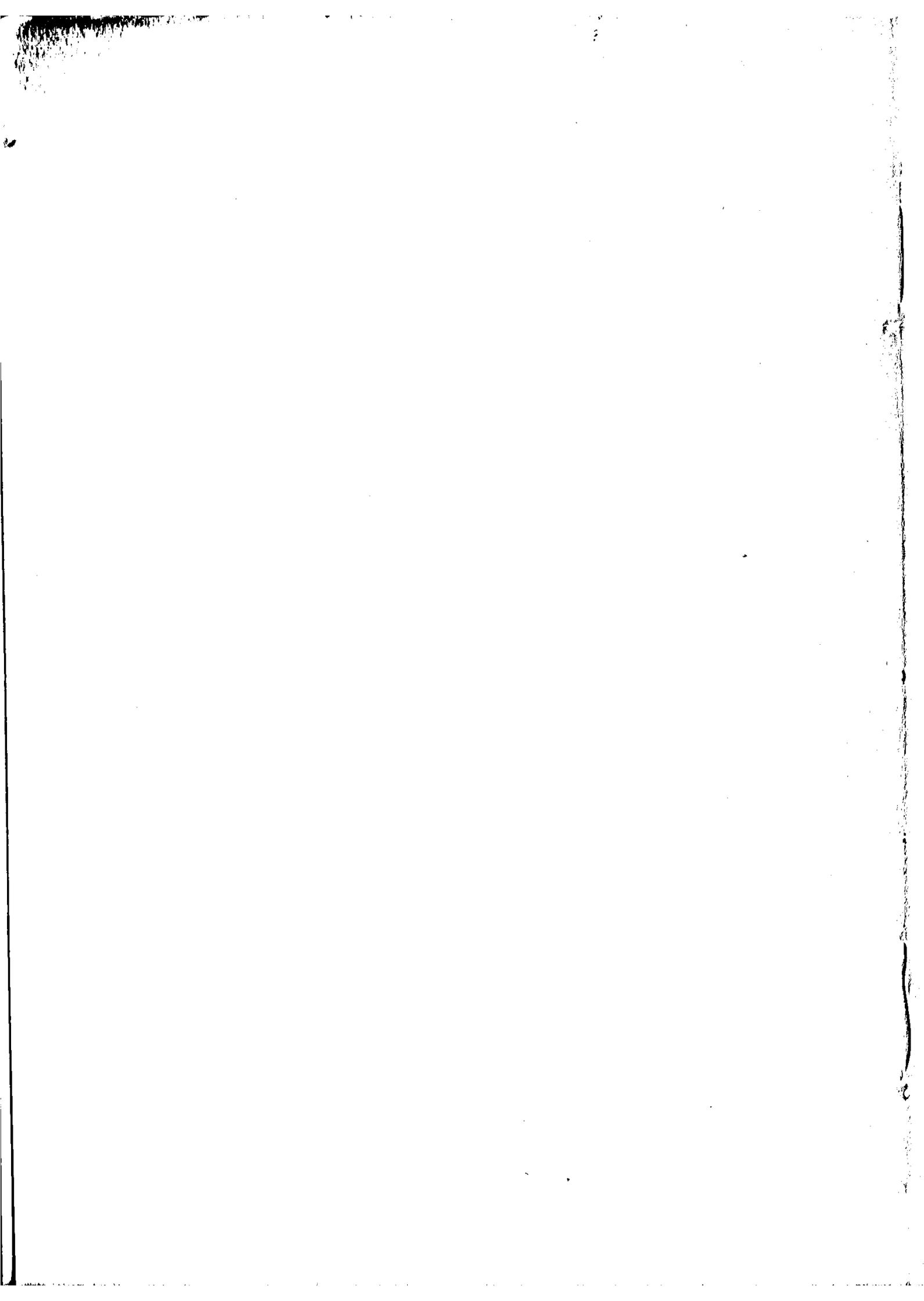
Portanto, se a alguns partidários transparecer que os argumentos anti-marxistas são expostos com mais eficiência, sobretudo os advindos do campo libertário, queremos desde já explicar o por que dessa atitude. As obras apologéticas do marxismo são contraditórias e numerosas, enquanto as libertárias são mais raras e pouco lidas. Impunha-se, por isso, acrescentar maior número de razões em oposição ao marxismo, pois tais argumentos não poderiam ser manejados do campo do capitalismo, mas apenas do campo do socialismo, pois os libertários não acusam os marxistas *de serem* socialistas (como o faria um capitalista partidário, por exemplo) *mas precisamente por não serem* socialistas, ou por terem dele se desviado. Portanto, a crítica libertária não ataca o *muito*, mas acusa o *pouco*, e como é ela constructiva e não destructiva, merece atenção.

Se algumas vezes as expressões tornam-se cruas, devemos desde logo chamar a atenção que, no campo socialista,

a linguagem é sempre assim, quando não descamba para o desaforo vulgar e baixo. Por isso, não é de admirar que muitos desejem tapar os ouvidos quando dois socialistas se descompõem.

Uma crítica do socialismo como gênero, do qual marxismo e outros "ismos" seriam apenas espécies, é tema que merecerá de nós futuro trabalho.

*Mário Ferreira dos Santos*



## A ECONOMIA, A TÉCNICA E A HISTÓRIA

Uma rápida visão panorâmica da História nos mostra que nestes últimos mil anos, não só a base cultural como a material sofreram profundas modificações no Ocidente, e grande foi o papel nessa transformação exercida pela *máquina*.

É comum ouvir-se chamar a nossa Era de “era mecânica”, como é comum, também, afirmar-se que a transformação, observada na indústria moderna, começa com a invenção da máquina a vapor, atribuída a Watt, ou como o fazem alguns economistas, à “máquina automática de tecer”.

O desenvolvimento, porém, da máquina, processou-se durante pelo menos sete séculos, na Europa, antes que se dessem as mudanças dramáticas que acompanham a chamada “revolução industrial”.

*A mecanização do homem no mosteiro e no exército, precede à que se verificou na fábrica.*

Não são a *mecanização* e a *sistematização* fenômenos novos na história.

O que se deu de novo foi a *organização das formas* que dominam hoje toda a nossa existência, pois o *mecânico* domina hoje quase *totalmente* a nossa vida.

Os elementos fundamentais da técnica moderna, como o relógio, a imprensa, o moinho, a bússola, o tear, o torno, a pólvora e o papel, como as matemáticas, a química e a mecânica já existiram em outras culturas.

Tanto os gregos como os árabes haviam dado um grande passo para a máquina. As grandiosas obras dos cretenses, dos egípcios e dos romanos, revelam trabalhos extraordinários de engenharia e demonstraram habilidades técnicas elevadas. “Tinham máquinas, mas não haviam desenvolvido a máquina”, diz Mumford. Foi à Europa Ocidental

a quem coube o papel de adaptar a vida ao ritmo e à capacidade da máquina, como a ela caberá incorporar o *inorgânico ao orgânico*, a *máquina à vida*.

Dá Mumford três momentos sucessivos de penetração da máquina na nossa civilização. O *primeiro* deu-se no século X. O *segundo* deu-se no século XVIII, e finalmente, em nossos dias, temos o início do *terceiro momento*.

Vejam os antes de tudo o que é *máquina*.

Segundo Reulsau, "máquina é uma combinação de corpos resistentes, dispostos em forma tal para que, mediante eles, as forças mecânicas da natureza possam ser obrigadas a fazer trabalho, acompanhadas por certos movimentos determinados".

A máquina serve para poupar forças e obter maiores proveitos com menos esforço do homem. Quando um homem trabalha com uma ferramenta e executa, depois de muita aprendizagem, trabalhos perfeitos, é ele *uma verdadeira máquina*.

Com a máquina, o *automatismo* é maior e adquire uma exatidão mais completa, reduzindo o trabalho humano.

Conservou a civilização ocidental os conhecimentos da cultura greco-romana, apesar das invasões de bárbaros e da luta dos primeiros cristãos contra aquela cultura.

Foi nos mosteiros do ocidente, que o desejo de ordem e de poder, *distinto do domínio militar*, manifestou-se mais plenamente.

Aí a ordem reinava como a mais completa disciplina. Foi o *relógio* a primeira grande máquina, inventada e usada nos mosteiros, que teve sua influência decisiva sobre a formação técnica da humanidade ocidental.

Neles, sobretudo nos dos beneditinos, onde imperavam a ordem e a disciplina, realizou-se uma das grandes revoluções que sucedem à revolução cristã.

*São os beneditinos em grande parte os fundadores do capitalismo moderno.*

O trabalho, que havia sido apresentado como maldito, encontrou nos beneditinos uma redenção, e o santificaram.

Em certa época, houve cerca de 40.000 mosteiros de beneditinos na Europa.

O relógio servia não só para marcar as horas, como para sincronizar as acções dos homens. No século XIII, nas cidades apareceram os relógios mecânicos.

Com a vitória do Cristianismo, a queda do Império Romano e a invasão crescente dos povos bárbaros da Europa, as condições de vida tornaram-se diferentes, como diferentes as opiniões dominantes.

Na cultura grega, predominava o *orgânico*, a vida, que era plenamente vivida, amada, apesar de todo o pessimismo grego. Os romanos também foram, em parte, orgânicos em sua visualização da vida, embora não tivessem aquele sentido tão natural e vital dos gregos.

O Cristianismo tirou à vida aquela beleza simples e natural dos helenos. O mundo era um *vale de lágrimas*, o trabalho um castigo, a vida uma preparação apenas para a morte.

Os primeiros cristãos esperavam pelo juízo final que os profetas haviam prometido para próximos dias. Toda a Europa cristã se preparava para a morte.

O império romano tombou fragorosamente. O Catolicismo dominou a Europa e impediu que os bárbaros destruíssem tudo.

Com o não advento do juízo final, aos poucos, o espírito místico do cristianismo foi sofrendo um refluxo, cada vez maior, e os homens começaram, outra vez, a olhar para a vida e para o corpo com outra atenção.

*Este é mais um dos elementos que vão constituir uma das coordenadas do capitalismo e facilitar sua ascensão, como veremos.*

Não podiam, porém, os europeus tornar ao espírito simples e orgânico dos gregos.

A carne era já demasiadamente duvidosa, fonte do pecado, para *que a exaltassem* senão pecaminosamente.

Por isso a penetração do *mecânico*, em vez do *orgânico*, a direção para a máquina, em suma, era o único caminho que se oferecia, como também o desvio do homem para as coisas, já que a visão de si mesmo oferecia o repugnante espectáculo das paixões pecaminosas.

Foi o relógio a máquina-chave da época industrial moderna e não a máquina a vapor que, ao sobrevir, já abre o campo a uma outra fase no terreno técnico.

O relógio é o símbolo mais típico da máquina, pois é a máquina mais importante da técnica moderna, como, também, a que sempre manteve a dianteira na precisão, como o salientou Mumford.

Serviuiu o relógio de modelo para muitas outras classes de funções mecânicas, permitiu a análise do movimento, os tipos de engrenagens e transmissões e a exactidão da medida.

Ser dono de um relógio foi durante muito tempo o símbolo do sucesso.

“Tempo é dinheiro” é uma das frases mais prediletas dos burgueses do século XVIII em diante, quando o relógio atingiu a sua grande perfeição. A vida humana passou a ser regulada pelo relógio.

E a nova ideia do tempo, permitiu que se desenvolvesse o conceito da história sob outros aspectos, e o interesse sobre o tempo passado tornou-se tão forte, que o Renascimento, em seu aspecto cultural, foi uma tentativa de reviver o que já se dera, o esplendor das antigas civilizações greco-romanas.

Depois da disseminação das populações, européias em consequência da invasão dos bárbaros, com seus castelos burgos fortificados, com a vida segregada nos mosteiros, o mundo tomara uma feição espacial estreita, limitada. Mas as Cruzadas, vencendo a separação entre o ocidente cristão e o oriente musulmano, permitiram que novas gerações, criadas em ambientes estreitos, empreendessem novas marchas por terras desconhecidas.

A amplificação do espaço emergiu também, da predisponência oferecida pela ideia nova de tempo. A divisão do espaço, a nova concepção que dele se forma, tem seu início sobretudo nos séculos XV e XVII, graças às descobertas. O espaço não é mais uma hierarquia de valores, mas um sistema de magnitudes. O sentido quantitativo predomina definitivamente. As leis da perspectiva na pintura só poderiam surgir aí.

A relação simbólica entre os objectos é substituída por uma relação visual. A *fase místico-espiritual dos cristãos*, que substitui a *fase orgânica* dos gregos, é agora substituída pela *fase mecânica* do Renascimento. Põe-se o homem à conquista do tempo e do espaço, cujas raízes emergentes vemos surgirem no período gótico.

A arte da guerra, de grande importância na economia, tem um sentido de conquista do espaço. Surgem o canhão e o mosquete. Nessa época foram feitos projetos fantásticos para voar, como os interessantes e extraordinários de Leonardo da Vinci. O ritmo do trabalho aumentou, as magnitudes cresceram; a cultura entregou-se ao espaço e ao tempo. Max Weber chamou essa época de “romantismo dos números”. Para comerciar e guerrear, os homens baralharam números e “finalmente, à medida que se generalizou o costume, só os números foram tomados em conta”.

\*  
\*            \*

Nessa fase é que surge, com Galileu e Leonardo, uma nova orientação no pensamento, que permite o advento da ciência moderna.

Em vez de procurar saber *por que* um corpo cai, preocupou-se Galileu em estudar *como* caía. O *modo* tornou-se mais imediatamente urgente conhecer-se do *que* o *porque*, entregue apenas à Filosofia. A ciência iniciava sua marcha num novo campo gigantesco.

\*  
\*            \*

Estudando essa época, diz Marx: “Assim como todas as diferenças qualitativas entre as mercadorias desaparecem quando intervém o dinheiro, este, que é um nivelador radical, faz desaparecer todas as distinções. O próprio dinheiro é uma mercadoria, um objecto externo, capaz de chegar a ser a propriedade privada de um indivíduo. Portanto, o

poder social se converte em poder privado em mãos de uma pessoa privada”.

E a medida comum, o denominador comum, o dinheiro, representado pelo ouro, toma um vulto extraordinário e simplifica as relações de troca. A atenção humana é desviada para o “ganho e a perda”, e surgem grandes banqueiros como os Fugger.

\*

\* \*

Não podiam os cristãos, nos primeiros séculos do cristianismo, emprestar dinheiro com juros. No entanto, a reforma protestante o permitiu e, além disso, os judeus, não sujeitos a essas restrições, faziam grandes negócios com empréstimos a juros. Esses elementos são importantes e vão constituir as coordenadas do capitalismo moderno que, conjugadas com as anteriores formam as condições concretas das grandes transformações que a economia começa então a sofrer. Por outro lado, protestantes, como Calvino, julgavam que a vitória no mundo dos negócios era uma manifestação da graça divina. Os homens que venciam, que aumentavam seu pecúlio, eram agraciados por Deus, o que significava uma reviravolta importante nas restrições que os católicos ainda faziam.

\*

\* \*

Vemos, assim, que essa época marcava a predominância do *quantitativo*. Estas palavras de Kepler, em 1595, são bastante significativas: “Assim como o ouvido está feito para perceber o som e a vista a cor, a mente do homem foi formada para compreender, não toda classe de coisas, mas quantidades. Quanto mais se aproxima uma coisa, quanto à sua origem, às quantidades nítidas, tanto melhor a percebe a mente, e à medida que uma coisa se afasta das quantidades, aumentam nela, em proporção, a obscuridade e o erro”.

O capitalismo ter-se-ia de tornar racional, portanto quantitativo. Porque o mercador pesa, mede, compara, conta.

A razão é a função do espírito que mede, pesa, conta, e compara. O racionalismo empirista da escolástica, o platonico, e o aristotélico, do tomista são, sucedidos pelo racionalismo abstracionista da filosofia moderna.

O mercantilismo e as trocas mais constantes entre as partes tinham que predispor a formação das grandes nações, já sob outro aspecto. Os mercadores, que iam e vinham do ocidente ao oriente, formaram outra coordenada que constituiria os fundamentos da nossa era.

Grandes mercadores eram, também, experimentadores na ciência física, como os fundadores da Royal Society de Londres.

Se os hábitos abstractos do pensamento, os interesses pragmáticos e as estimações quantitativas preparam o ambiente do capitalismo, não foram, porém, os únicos, como já vimos.

*O desenvolvimento técnico influiu sobre o capitalismo como o capitalismo sobre a técnica.*

Se a indústria necessitava de grandes capitais e tendia a crescer, graças à mecanização, o comércio oferecia, também, possibilidades de grandes lucros. A economia fechada, que então predominava, abria-se agora, procurava mercados, matérias primas. Os mercadores, trazendo novos materiais da Índia e das Américas, permitiam que se desdobrassem novas possibilidades.

A máquina foi aproveitada, não para estimular o bem-estar social, mas para *aumentar lucros*, e em benefício das classes dominantes.

A máquina, assim, trazendo em si esse interesse privado, era desvirtuada.

*As virtudes da máquina não são devidas ao capitalismo. A este se devem muito do seus males.*

Convém que se note desde já um ponto importante: o capitalismo existiu em outras épocas, mas com *técnicas diferentes*.

A técnica permitiu que o capitalismo ocidental tomasse essa feição que conhecemos.

*A técnica não depende do capitalismo*, portanto, como julgam tantos, e entre eles Marx, que escreveu as páginas mais entusiastas sobre o capitalismo. E tudo isso, aos poucos, iremos abordando para que se esclareça bem.

O mundo, para o homem religioso ocidental, não era apenas a realidade que *aparecia*. Havia *outra-realidade*, atrás dessa.

As coisas permitiam que se vissem as intenções de Deus e o mundo era demasiadamente insignificante para ser valorado em demasia. A visão era mística, porque o que se via era menos do que era. Só a valorização da visão natural e a libertação do misticismo dos números valorativos como 3, 4, 7, 9, 12, poderia permitir à ciência de formar-se sob uma base realista.

Nesse ponto, o papel dos artistas do Renascimento, e antes até, é importantíssimo, e deve ser considerado como uma das coordenadas da economia moderna. Quando os jovens estudantes, em pleno século XIII, faziam perguntas e desejavam conhecer as condições do globo eram criticados pelos mestres religiosos, apegados mais à teologia e às explicações religiosas.

Os estudos sobre o corpo humano, o qual se pode, sob certo aspecto, considerar uma grande máquina, o desenvolvimento da anatomia e da fisiologia, a ânsia de conhecer o mundo, os animais, sua forma de vida, enfim o conhecimento intensivo e extensivo da natureza, permitiram a Leonardo, por exemplo, construir tão maravilhosos inventos. O desejo das descobertas, as grandes aventuras atiçavam o espírito humano ao conhecimento das coisas e não o da divindade.

Note-se que a máquina começou por imitar a vida, os homens e os animais. As primeiras tinham representações animais, só depois, no desenvolvimento da técnica e já em nossos dias, é que ela tomou esse aspecto puramente mecânico, que hoje conhecemos.

Por não serem as máquinas mais feias e repulsivas que o corpo humano, tão desprezado pelos religiosos, estes não a combateram, apesar de se encontrar na Crônica de Nuremberg, em 1398, frases como esta: “o diabo é realizador das máquinas e rodas que realizam estranhas acções e trabalhos”, (citado por Mumford). Mas, nos mosteiros, entre os beneditinos, por exemplo, as máquinas eram construídas.

Teve a máquina seu maior desenvolvimento nos mosteiros e nos campos de batalhas e nas minas, e menor entre os camponeses, por serem mais conservadores.

Não se deve considerar o papel do protestantismo na formação do capitalismo ocidental como a predominante, mas apenas como um dos factores coordenados, como já vimos. Citemos Mumford: “A vida, em toda a sua variedade sensual e sua cálida delícia, foi excluída do mundo do pensamento protestante; o orgânico desapareceu”.

“O tempo era uma coisa real: aproveite-o! O trabalho era uma coisa real: pratique-o! O dinheiro era uma coisa real: economize-o! O espaço era uma coisa real: conquiste-o! A matéria era uma coisa real: meça-a! Essas eram as realidades e os imperativos da classe média”.

A mecanização cresce nas coisas e no espírito. O *orgânico* dos gregos e o *espiritual místico* dos primeiros cristãos são reduzidos agora ao *mecânico*. Não era possível ao homem, imbuido pelas máximas do cristianismo, duvidoso da carne pecaminosa, voltar aos gregos. O Renascimento foi assim um grande equívoco. E ele não voltava, ele apenas justificava, através da arte, uma nova visão da vida que não era mais orgânica, pois procurava até no orgânico apenas o aspecto mecânico.

Tomava em tudo “fins práticos”.

\*

\*            \*

São muito expressivas estas palavras de Galileu, que abaixo reproduzimos:

“Enquanto concebo uma substância material ou corpórea, simultaneamente sinto a necessidade de imaginar que

em uma ou outra forma tem limites, que em relação com outras substâncias é demasiado grande ou pequena, que está neste ou naquele lugar, neste ou naquele tempo, que está em movimento ou em repouso, que toca ou não toca outro corpo, que é única, rara ou comum; e não me é possível, mediante um acto de imaginação, abstrai-la dessas qualidades. Mas não me encontro absolutamente obrigado a apreendê-la como se estivesse necessariamente acompanhada por certas características, como, por exemplo, a de ser branca ou vermelha, amarga ou doce, sonora ou silenciosa, de odor agradável ou desagradável; e se todos os sentidos não tivessem destacado essas qualidades, a linguagem e a imaginação, por si sós, jamais teriam podido descobri-las. Portanto, creio que esses gostos, odores, cores, etc., com respeito ao objecto no qual parecem residir, não são outra coisa que nomes. Só existem no corpo sensível, pois, quando se suprime a criatura viva, todas as qualidades desaparecem, embora nos tenhamos imposto nomes particulares, e se tornaria vão todo esforço para convencer-nos que, de facto, existem. Não creio que exista nada nos corpos externos para excitar os gostos, os odores, os sons, etc., excepto o tamanho, a forma, a quantidade e o movimento”.

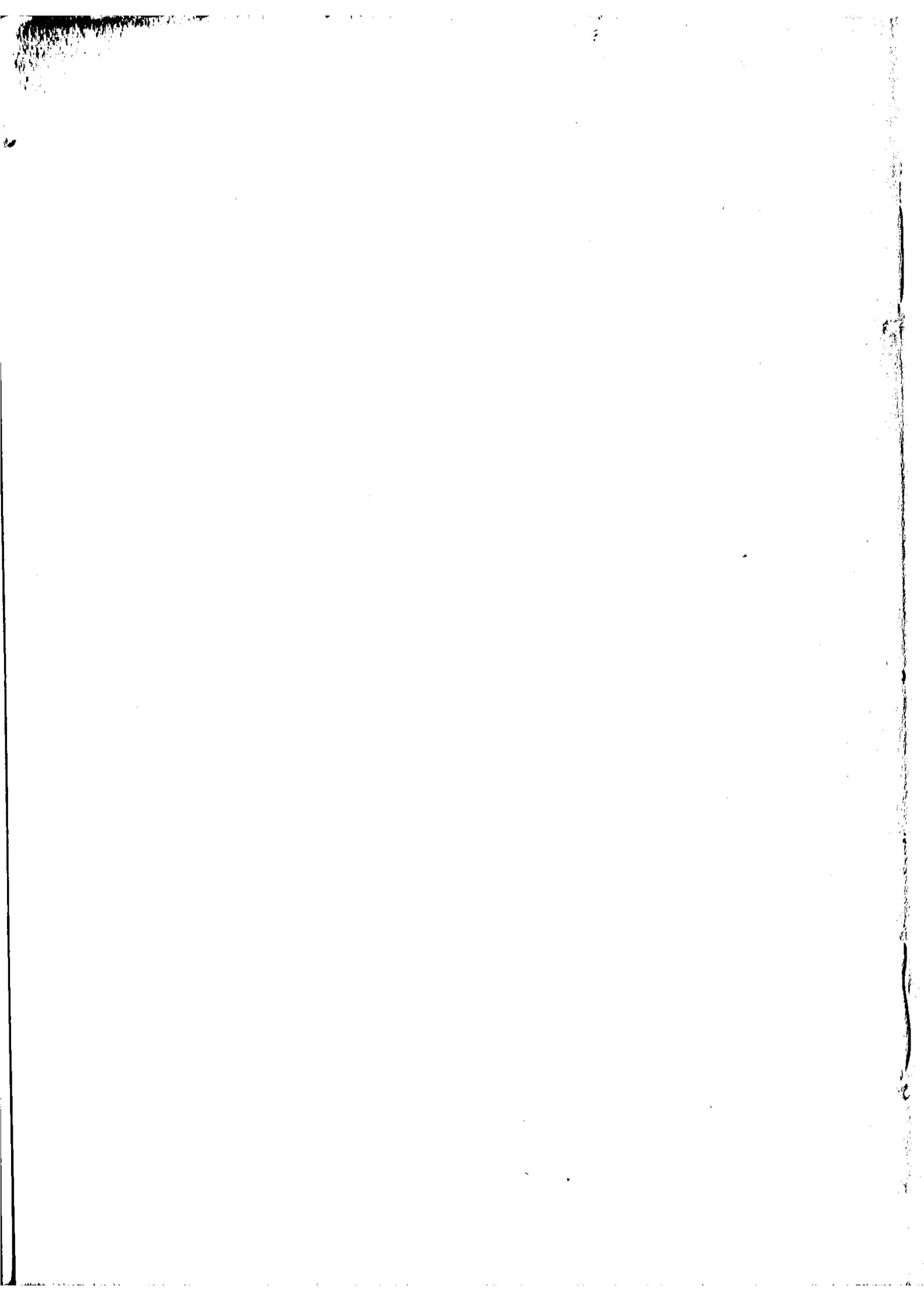
Está aí sintetizado o sentido quantitativo que tomaria essa fase mecânica, a qual começa hoje, por uma imperiosidade de factores conjugados, a ser substituída, como veremos mais adiante.

\*  
\*       \*  
\*

Grandes inventos foram realizados nessa época, como, também, grandes antecipações foram propostas. Vejamos estas palavras de Roger Bacon:

“Mencionarei agora algumas obras de arte maravilhosas e também algumas obras maravilhosas da natureza, que nada têm que ver com a magia, e que esta não poderia realizar. Podem fazer-se instrumentos, graças aos quais grandes barcos serão guiados por um só marinheiro; tais barcos viajarão mais rapidamente do que se tivessem a bordo uma

grande tripulação. Poder-se-ão construir carros que se transladarão de um lado a outro com incrível rapidez, sem a ajuda de animais. Talvez se construam aparelhos para voar, nos quais, o homem, sentado com toda comodidade e meditando sobre qualquer tema, possa bater o ar com suas asas artificiais, tal como o fazem os pássaros... e também máquinas que permitirão aos homens caminhar no fundo dos mares ou dos rios”.



## O DESENVOLVIMENTO DA TÉCNICA

Não se pode deixar de considerar a técnica mais primitiva, o emprego de objectos modelados pela natureza, pedras, conchas para transformá-los em utensílios, e, com êles, cavar, partir, martelar, fiar e modelar até os utensílios de acordo com o que exigiam as necessidades e as habilidades do artesão.

Acidentes felizes, como o do fogo, e posteriormente o do vidro, permitiram transformações importantes do ambiente material. O uso do ferro meteórico, o emprego de fios cortantes, que têm certas conchas, são descobertas humanas.

A linha de desenvolvimento da civilização humana encontra-se nos vales, aproveitando os caminhos naturais dos rios ou à beira do mar.

O trabalho nas minas é um dos mais primitivos e tècnica-mente, ainda em nossos dias, é geralmente realizado por meios primitivos.

A necessidade de alimentos obrigou o homem a caçar, perseguir a caça, golpeá-la, firmar o olhar, ser hábil na construção de armadilhas, invadir, na perseguição dos animais, regiões de outros, e com eles ter conflitos constantes. Nas selvas, aprendeu a tornar ocas as árvores e transformá-las em canoas, inventou o arco e a flecha, o mais eficaz dos instrumentos primitivos; inventou os dispositivos para fazer o fogo, cortou as árvores, inventou a roda. Ao derrubar as árvores, deixou cair sementes no chão e com elas descobriu a agricultura. Nos campos, criou cabras e vacas, e inventou as formas primitivas do fuso e do tear.

A ordem e a segurança das culturas agrícolas, e da pastoril, representam o progresso mais importante observado no período neolítico. A estabilidade procurada, permitiu surgissem a vivenda, a comunidade permanente, uma vida de

cooperação e social, e posteriormente, os mercados, o intercâmbio.

Esses elementos da cultura primitiva, nunca estão num equilíbrio completo. É o lavrador e o pastor que ocupam as posições mais importantes, e é a agricultura que oferece as modalidades principais da vida, tanto na religião como nos conhecimentos da época.

As culturas de lavradores sofriam com os ataques vorazes dos caçadores e pastores, que dilatavam seus territórios de caça, e em fases mais adiantadas, começaram a exigir tributos e a exercer o domínio sobre tribos inteiras.

O primeiro utensílio eficiente parece ter sido uma pedra tomada pela mão humana e transformada em martelo.

O silex era comum no norte da Europa. Ao partir-se apresenta fios cortantes e, por isso, foi aproveitado. Com a ajuda do corno de rena e pedras, extraía o homem o minério e o silex e, com o tempo, o martelo alcançou sua forma perfeita actual, no fim do período neolítico.

Oferece a indústria mineira, desde os tempos primitivos, grandes sugestões para a formação das ideias humanas, mas tais aspectos, que ultrapassam o âmbito do livro, não poderão ser examinados aqui.

O trabalho nas minas é o mais penoso que se conhece. Os riscos são numerosos, os desastres quatro vezes mais numerosos que os de qualquer outra profissão. O mineiro vive num mundo estranho, de umidade, sombras, falta de ar, perigos. Não tem cores, luz diurna, formas, mas apenas matéria bruta, informada, terrivelmente a mesma.

Em suas fases primitivas procurava o imprevisto, a fortuna que poderia surgir de um momento para outro, ou a maior parte das vezes o malogro.

As gerações de mineiros formaram uma psicologia toda especial.

Com as descobertas já em nossos dias de uma maquinaria complicada de bombear água, ventilar a mina, com o aproveitamento da energia hidráulica para accionar os grandes fornos, tornou-se necessário o emprego de capital de que não possuíam os primeiros trabalhadores.

\*Desta forma, grandes capitais particulares começaram a ser aplicados na indústria da mineração, oferecido por patrões que não tomavam parte no trabalho, os quais, com o decorrer do tempo, foram apropriando-se plenamente da propriedade da mina, e transformando os antigos patrões trabalhadores em meros assalariados.

No século XV, dá-se na Europa um grande desenvolvimento da indústria mineira que, desde então, prosseguiu em ascensão, o que agudizou a luta de classes. O desenvolvimento da indústria mineira atraiu o emprego de grandes capitais, graças aos lucros fabulosos que oferecia, levando, também, a conquista de outros territórios para explorarem as jazidas mineiras, provocando guerras de conquista.

Se considerarmos que a mineração é a base das guerras modernas, e que para manter exércitos são necessárias novas jazidas de mineral, vemos que os ciclos das guerras modernas é um verdadeiro círculo vicioso: precisa minas para fazer a guerra, e faz guerras para ter as minas.

E como a guerra realiza um consumo completo, porque é um consumo total, é ela anti-econômica, e tem custado mais males à humanidade do que benefícios, tanto para vencidos como para os vencedores.

Empregaram os homens nas guerras esforços combinados e reservas que, se utilizadas fossem para benefício do homem, não para a sua destruição, outro seria o panorama da vida humana.

Embora seja uma verdade tão simples, não é facilmente compreendida nem aceita, por um lado, pela influência dos interesses criados e, por outro, porque, dizem alguns, a guerra estimula a criação de novos inventos.

Um estudo, porém, consciencioso, nos mostrará que grandes inventos não foram criados propriamente pela guerra, mas sim guardados para ela, para os momentos oportunos, por aqueles que nela tinham interesses diretos.

O mineiro primitivo trabalhava para enriquecer, e o seu espírito impregnou o capitalismo e, assim como este, sua concepção do valor é também meramente quantitativa.

Entretanto, a conquista do ambiente por meio de máquinas, se deve à acção do madeireiro. A madeira presta-

-se à manipulação e foi por isso o elemento que exerceu mais influência e a matéria prima por excelência da produção. O aproveitamento da madeira e das condições oferecidas pelas árvores serviu para os empregos mais diversos. Por ser um material dúctil, por se prestar a uma grande variedade técnica, foi possível construir, não só instrumentos de trabalho, mas também casas, pontes primitivas, defesas, estacas e combustível, permitindo um desenvolvimento da técnica.

Os primeiros tornos foram feitos de madeira.

\*

\* \* \*

Grande é o papel que teve a pilhagem na história. A pilhagem foi um dos meios de poupar trabalho e a guerra permitiu obter mulheres, obter poder, sem o uso de inteligência. Ante estas possibilidades, o caçador, à proporção que se desenvolvia, transformou-se em conquistador sistemático à procura de escravos, pilhagem, poder, terminando por fundar um estado político com o monopólio do poder.

O desenvolvimento da guerra foi dando, aos poucos, uma superioridade ao soldado, e pelo progresso técnico, a sua capacidade de matar foi aumentada. Os povos agrícolas e pastores, não cavaleiros, são em geral pacíficos, desejam a cooperação amistosa, e deles saíram os grandes pregadores da paz e da cooperação entre os homens, como Moisés, Confúcio, Jesus, etc.

O desenvolvimento da guerra forçava um desenvolvimento da técnica e esta, por seu turno, a própria guerra.

Os primeiros alto-fornos construídos na Europa foram destinados às fundições e à manufatura de material de guerra.

A primeira grande indústria organizada foi precisamente a da guerra.

Como a guerra e o exército são consumidores totais, e oferecem maiores lucros às indústrias, como vemos exemplos extraordinários na história, provocaram a construção das grandes fábricas de armas, realizadas por Colbert na

França, as de Gustavo Adolfo na Suécia, e as de Pedro o Grande, na Rússia, onde uma única fábrica empregava quase 700 trabalhadores. Pode-se dizer que a primeira produção em série, organizada tecnicamente, se deu na fábrica de material de guerra.

Tais factos vêm salientar a *pilhagem* como factor da história, por oferecer ela a aquisição de uma soma maior de bens à custa de outros, com um menor emprego de esforços.

Se nos recordarmos que Luís XIV tinha um exército de 100 mil soldados, e que o exército é um grande consumidor, cujo consumo não é reprodutivo, podemos imaginar que procura extraordinária de mercadorias estandardizadas êle exigia.

As necessidades individuais dos gostos eram postas de lado para atingir-se a uniformização, o que tinha fatalmente que levar à criação de uma indústria em série, já que o exército é um consumidor ideal, que tende a reduzir a zero o produto, e sendo todo poderoso em suas exigências, foi ele, por seu imenso desgaste, o estimulador da indústria moderna.

Se observarmos, também, a psicologia do militar, se considerarmos as obtenções e as cruezas bestiais dos campos de batalha, os excessos praticados após as vitórias ou as batalhas, a exacerbação do erótico, o gasto descontrolado, o luxo, tudo isso teria de provocar uma ampliação da produção.

Num campo de batalha não se fazem restrições ao consumo. No decorrer da idade média os senhores feudais e os grandes chefes militares procuraram, por todos os meios, aumentar o seu poder à custa dos outros.

Tal prática levou os imperadores a centralizar o poder num poder superior, decorrendo daí a formação das côrtes. Estas, pela necessidade da magnificência, capaz de impressionar aos menores, foram levadas ao uso de um luxo desmedido. Os que se deixaram arrastar por esse plano inclinado do luxo, acabaram por gastar mais do que podiam, comprometendo seus bens, junto aos grandes banqueiros e mer-

cadores, de quem obtinham empréstimos, terminando por se empobrecerem.

A consequência foi a decadência da classe dominante e o domínio econômico de uma nova classe detentora do capital que, no século dezoito, já senhora do campo econômico, tornou-se finalmente senhora no campo político, cujo símbolo é a grande Revolução Francesa.

Já havia a aristocracia, levada pelo luxo, se relacionado, por meio de casamento, com os mercadores e fabricantes.

Com a vitória econômica e política da burguesia, esta transformou a classe aristocrática em subserviente, e permitiu que ela existisse enquanto não a prejudicou.

Acostumados ao luxo e ao consumo exagerado, a vitória da burguesia trouxe como consequência um aumento exagerado do consumo e da produção, do que em parte se aproveitaram as classes inferiorizadas.

## A EOTÉCNICA

Foi Patrick Geddes quem dividiu as fases da técnica em três, partindo das análises de Kropotkine: a *eotécnica*, a *paleotécnica* e a *neotécnica*.

Na realidade, Geddes estudou as duas últimas, tendo deixado de lado a fase preparatória anterior a essas duas, que Mumford chamou de eotécnica, palavra formada de *eos*, que em grego quer dizer aurora, enquanto *páleos*, em grego, quer dizer antigo.

Essas três fases são sucessivas, mas superpõem-se uma à outra, isto é, estamos hoje, nos países mais civilizados, na neotécnica, mas ainda perduram elementos da eotécnica e da paleotécnica.

Cada fase tem sua origem em regiões determinadas, e apresenta a tendência de aproveitar matérias primas especiais.

“Cada fase tem seus meios específicos de utilizar e gerar energias e suas formas especiais de produção. Finalmente, cada fase cria tipos particulares de trabalhadores, especializa-os de acordo com modalidades determinadas, estimula certas aptidões e atenua outras, e desenvolve certos aspectos da herança social”.

*Há exemplos que são claros: as penas de ganso são um produto da eotécnica; a pena de aço, da paleotécnica, e a caneta tinteiro da neotécnica.*

A *eotécnica*, quanto à energia e aos materiais característicos, é um complexo de água e madeira; a *paleotécnica*, complexo de carvão e de ferro, e a *neotécnica*, um complexo de electricidade.

A chamada *biotécnica* será a época da energia atômica, e outras energias a serem descobertas e controladas.

A eotécnica, no Ocidente, conheceu o momento mais alto no período compreendido entre o ano 1000 ao ano 1750.

Durante este período foram aproveitados os problemas e as sugestões técnicas de outras civilizações, quando foram ideados os principais inventos, que condicionaram o desenvolvimento da maquinária.

Os trabalhos de Leonardo da Vinci, de Galileu, entre outros, mostram os pontos altos dessa época.

Foi um momento grandioso, apesar de seus malogros políticos, que realizou todo esse grande arcabouço da arte e da filosofia dessa época.

Do ponto de vista sociológico, o Renascimento não foi a aurora de um novo dia, mas sim seu crepúsculo, afirma Mumford.

No terreno sociológico, o sentido orgânico dos gregos e dos romanos, fôra substituído pela direcção espiritual-mística do cristianismo.

Com o Renascimento, há um desejo de retorno ao orgânico, mas é já impossível, porque a vida e o mundo estavam irremediavelmente modificados pela visão cristã.

Deu-se o inevitável: retiraram do orgânico helênico apenas seu aspecto *quantitativo*, o *mecânico*, que encerra o movimento, o dinamismo, não porém o vital.

As artes debilitaram-se e as artes mecânicas tiveram seu maior desenvolvimento.

*O homem diminuiu no sentir, mas aumentou no poder.*

Tivemos nas eras anteriores da eotécnica, e durante a primeira fase desta, o emprego da força física, exclusivamente do homem, livre ou escravo, e a dos animais. Eram esses os geradores e produtores da energia. No artesão, temos o exemplo dessa fase, onde se une a habilidade humana aos instrumentos de trabalho.

O período eotécnico mostra um aumento da utilização do animal para a produção da energia. A introdução da ferradura de ferro nos cavalos, aumentando o seu poder de tracção, favoreceu maior rendimento, bem como o aproveitamento do arnês, no século X, já conhecido dos chineses

duzentos anos antes de Cristo, permitiu aos cavalos tirarem pelas espáduas, em vez de pelo pescoço, como era antes.

Foram usados os cavalos para mover os moinhos de trigo e para bombear a água. Com os cavalos, agora aproveitados, a agricultura teve um grande desenvolvimento, permitindo, por seu turno, que se pudesse criar mais cavalos, dadas as possibilidades maiores de alimentação.

Os progressos técnicos mais importantes se deram nas regiões, onde os rios são de corrente mais rápida, como o Ródano e o Danúbio, os arroios da Itália, e nas regiões do Mar do Norte e do Báltico, açoitadas por fortes ventos. A nova civilização teve aí suas expressões culturais mais felizes.

As rodas hidráulicas, para levar água, foram descritas por Filon de Bisâncio, no terceiro século antes de Cristo.

No século XIV, o moinho de água era empregado nas fábricas de todos os grandes centros industriais, como Bolonha, Ausburgo, Ulm.

Em 1290, o moinho serviu para reduzir os farrapos de panos em uma polpa que se convertia em papel, e foi empregado, também, para accionar máquinas, portadoras das fábricas de ferro, para serrar madeira, para bater couros nos cortumes, para fiar seda.

Em 1400, foi aproveitada para bombear água nas minas e nesse mesmo século se empregaram moinhos de água para triturar minerais.

Graças a eles foi possível fazer foles mais poderosos, alcançar temperaturas mais altas, empregar fornos maiores, aumentando a produção do ferro. Esse aumento da energia e da produção possibilitou a maior difusão das populações e permitiu maior equilíbrio entre as diversas regiões da Europa, e entre a cidade e o campo.

Com a concentração do poder financeiro e político, no século XIV e XVII, surgiram as grandes cidades de Londres, Amsterdam, Paris, Lyon, Nápoles.

Outra fonte importante de energia foi ministrada pelo vento.

Em fins do século XII, os moinhos de vento propagaram-se rapidamente na Europa. Em 1438, criou-se a pri-

meira turbina de vento, que, no século XVI, teve maior desenvolvimento com os holandeses.

Nesta época se dá o grande desenvolvimento industrial dos Países Baixos, centro de produção de energia, como seria a Inglaterra no regime do carvão e do ferro. Sendo uma região batida pelo vento, os moinhos, na Holanda, permitiram um grande desenvolvimento econômico, como também ganhar terra ao mar, evitando as inundações. Estas terras, conquistadas ao mar, depois de extraído o sal, proporcionavam boas pastagens, e eram de grande fertilidade.

Existia na Holanda em 1836 doze mil moinhos que forneciam uma força motriz aproximadamente de cento e vinte mil cavalos, o que era dez vezes maior que a força motriz de que dispunha a Alemanha na mesma época.

Convém notar que o moinho, depois de construído, dá uma energia sem nenhum custo de produção, o que já não se dava com a máquina a vapor que, no início, era custosa. Por outro lado, os moinhos de vento contribuíam para enriquecer a terra e facilitavam a implantação de uma agricultura estável, enquanto as indústrias mineiras deixavam atrás de si ruínas e vilas despovoadas, além de terras cansadas e de matas derrubadas, devido ao grande emprego da madeira para a construção das galerias.

No século XVIII, a grande produção das indústrias têxteis decorreu da utilização da energia hidráulica.

Furneyron criara uma turbina hidráulica de grande eficiência e, em meados do século dezenove, construíram-se turbinas de quinhentos cavalos de força. (500 H. P).

Pode-se concluir que a revolução industrial moderna podia ter-se registrado sem a necessidade da extração do carvão.

Já vimos que foi a madeira a matéria prima da economia eotécnica.

Se olharmos e examinarmos bem, veremos que quase tudo era feito de madeira. Só no século XV, começaram a aparecer as rolhas de cortiça, depois da invenção das garrafas de vidro.

As máquinas empregadas na indústria eram feitas de madeira, como o torno. Mas a necessidade de armaduras,

canhões e balas de canhão, e de metais para a guerra, favoreceram o desenvolvimento da arte de mineração.

Foi o vento, a água e a madeira que se combinaram para uma produção técnica importante: a construção de barcos. A arte de navegação desenvolveu-se extraordinariamente, graças aos grandes lucros que oferecia, e não só serviram os barcos para o comércio oceânico, como também para os transportes regionais e locais, graças aos sistemas de canais organizados na Europa, há muitos séculos.

A velocidade dos navios também foi aumentada. Outra matéria de grande importância na economia eotécnica, que permitiu empregos dos mais variados, foi o vidro, um descobrimento feito pelos egípcios, ou provavelmente por povos mais primitivos.

No século XII, teve a indústria do vidro um grande desenvolvimento que colimou, no século XIII, com as famosas fábricas de vidro de Murano, perto de Veneza. O vidro mudou completamente o aspecto da vida doméstica, sobretudo nas regiões onde imperavam longos invernos e dias nublados.

O vidro das janelas permitiu uma visão da natureza emoldurada e das suas perspectivas, o que influiu na transformação da pintura do século XV, em diante. Com o vidro, surgiu a descoberta das lentes e, em 1615, Johann Lippershan inventou o telescópio, permitindo a Galileu as suas observações astronômicas.

Outro holandês, Zacarias Jansen, inventou o microscópio composto, e provavelmente o telescópio.

Essas invenções permitiram estender o macrocosmos e o microcosmos, isto é, o mundo do "infinitamente" grande e o do "infinitamente" pequeno.

Desta forma, a concepção do espaço modificou-se radicalmente.

Com o vidro, a visão tornou-se mais ampla, aumentando o valor deste órgão para o homem. Com o vidro, a química obteve o seu grande progresso, por ser ele um corpo de propriedades únicas, não só transparentes, como por não ser afectado pelas composições químicas.

Além de neutro às experiências, permitiu que o observador as visse com os olhos. Ademais, por ser passível de sofrer temperaturas relativamente altas, é um grande isolador, o que seria importante no século XIX, facilitou, além da criação da retorta, do frasco de destilação, do tubo de ensaio, do barômetro, do termômetro, das lentes, também, na *paleotécnica*, a formação das lâmpadas de luz eléctrica, dos tubos de raio X, etc.

Poderia acaso a ciência ter se desenvolvido tanto sem o vidro?

O vidro, além disso, permitia que através da luz coada por ele se percebesse melhor o pó que bailava no ar. A necessidade de mantê-lo limpo, para que por ele se coasse a luz, veio trazer um sentido de higiene muito mais alto, e, por isso, “a janela limpa, o assoalho lavado, os utensílios brilhantes são uma característica do lar eotécnico” (Mumford).

Grandes ainda foram as influências do vidro, pois dêle vem o espelho, e que seria das mulheres sem ele?

Além disso, ofereceu uma imagem muito mais nítida das feições humanas e desenvolveu, assim uma consciência muito mais profunda do eu, do introspectivo, que tanto influenciou na obra de Rembrandt e dos retratistas.

\*

\* \*

A centralização que se verificava nesta época permitiu uma monopolização do poder das corporações e, também, do monarca absoluto, e as idéias de uma harmonia universal surgiram então, por encontrar um campo mais favorável.

Já vimos quanto deve a eotécnica ao relógio, mas outro invento veio permitir uma transformação imensa nas condições do mundo eotécnico: foi a imprensa, que desenvolveu uma série de outras indústrias, como a do papel. A imprensa permitiu o desenvolvimento da cultura e da educação e, conseqüentemente, das necessidades humanas, factores da produção, porque exigem ser satisfeitas.

Grandes problemas surgiram na eotécnica, devido às lutas das corporações contra os monopólios capitalistas, que cavavam cada vez mais um abismo entre os patrões e os trabalhadores.

A máquina, em vez de colaborar para o progresso da humanidade, vinha aumentar a exploração humana.

O operário era obrigado a um excesso do trabalho e a vender a sua força de trabalho, porque lhe faltavam os meios materiais para produzir mercadorias.

E' no fim deste período, já no século dezoito, que termina o sistema corporativo e começa o do *trabalhador assalariado*.

A indústria atingia um grande progresso mecânico, mas retrocedia o respeito quanto ao homem. A agricultura especializava-se e a divisão do trabalho foi aplicada a ela.

O trabalho perdia na liberdade, restando-lhe apenas colonizar novas terras ou, então, converter-se numa máquina.

Essa degradação coube ao século XIX agravá-la ainda mais, e criar a angustiosa situação porque passa a humanidade moderna.

A energia, na eotécnica, não se desvanecia em fumo nem tampouco em produtora de rápido desgaste. Com ela, a Europa encheu-se de bosques amplos, povoações e jardins, cidades sòlidamente construídas com ordem e beleza. Centenas de canais cortaram os campos europeus, os artefactos tinham boa qualidade e eram duráveis e, para trezentos e sessenta e cinco dias de trabalho, tinham os homens cem dias de descanso.

Com a eotécnica, a arte atingiu os seus pontos mais altos, o refinamento dos sentidos foi o maior.

Ainda era humana a eotécnica porque tinha fins humanos.

Vamos agora entrar nessa época suja, de fumaça e de carvão e de desgastes, que é a *paleotécnica*.

A Revolução Industrial, em meados do século XVIII, transformou o modo de pensar, como os meios de produzir e as maneiras de viver.

Entrou-se num período de crescente *quantificação* da vida e os êxitos foram desde então, medidos apenas pelo *quantitativo*.

De 1760 em diante, os inventos se sucedem. A nova fase técnica tem lugar na Inglaterra. Neste país, o regime eotécnico deitara poucas raízes. Por isso foi fácil aceitar a nova fase.

A Inglaterra era um país atrasado economicamente, razão porque não opôs resistência ao novo desenvolvimento da técnica.

A indústria paleotécnica surgiu da derrocada da sociedade europeia e auxiliou a aumentar essa derrocada.

O interesse humano, em vez de dirigir-se aos valores da vida, transferiu-se para os valores pecuniários. Surgiram novas cidades industriais e a exploração do carvão, como combustível para as máquinas a vapor, era a grande fonte de negócios. As operações eram monótonas e a vida, nessas cidades sujas, era a mais cruel que se poderia imaginar.

Quatorze e dezesseis horas de trabalho era o comum, e os operários alimentavam-se muito mal.

Os salários, que nunca haviam sido suficientes para manter um nível de vida normal, haviam ainda baixado com o advento de nova indústria.

Eram tão baixos, que não obrigavam os burgueses a melhorar a indústria, porque admitiam lucros espantosos. Colaborava o Estado para manter essa situação e o empobrecimento dos trabalhadores agrícolas, que vinham aumentar o exército dos que necessitavam de trabalho, contribuía, também, para que os salários fossem cada vez mais baixos.

Além disso, a natalidade foi extraordinária. Tal facto tem sido mal explicado e as razões oferecidas não satisfazem.

Mas é aceitável compreender que muitos factores influíram.

De um lado, a vida de misérias do proletariado, que procuraria uma evasão prazenteira ao desprazer da vida

na fábrica ou na mina. E o amor sexual era um recurso para esquecer naquele instante, ao menos, a tortura da miséria espantosa dessa fase da paleotécnica.

(Estudos modernos comprovam que a natalidade cresce com certo crescimento da miséria).

Com o amor, vieram os filhos. Mas estes, com o tempo, serviam para ajudar os pais desempregados, porque as crianças, desde os mais tenros anos de idade, iam para as fábricas trabalhar. E trabalhar numa fábrica ou numa mina significava a miséria inevitável. Era preciso muita sorte e muita astúcia para evitar essa desgraça.

Essa fase não teve paralelo na história da civilização.

“Não se trata de uma recaída na barbárie, devido à decadência da civilização, mas a um *sobreerguimento* da barbárie, apoiada pelas mesmas forças e à perfeição da cultura humana “ (Mumford).

A paleotécnica teve seu momento mais alto na Inglaterra, onde o seu espírito ainda perdura. Vemo-lo na China e também aqui, no Brasil.

Vivemos, com o espírito da paleotécnica, pois o desejo do *lucro imediato e desenfreado* predomina entre nós, mas, felizmente, em certa parte da indústria, marchamos para a neotécnica.

O que prejudicou o progresso neotécnico brasileiro foi o campo não ter podido acompanhar o mesmo ritmo, o que provocou a vinda de homens famintos para a cidade, competir no mercado do trabalho e baixar os salários, o que é característico do paleotécnico.

Na Rússia, onde ainda predomina entre os bolchevistas esta mentalidade, pois o marxismo é uma filosofia para o *proletariado da paleotécnica*, assistimos o domínio da mesma visão mecânica quantitativa. O povo russo, o *muzique*, conserva a mentalidade cotécnica, que o torna apto a uma revolução biotécnica, quando superar o marxismo, retornando à religiosidade fraternal do homem das estepes, ao apoio mútuo da *mir*, e às formas de cooperação comungadas afetivamente, o que o policialismo e o conservadorismo bolchevistas não permitem desabrochar.

Note-se que o mecânico encerra o quantitativo e o qualitativo.

Na eotécnica, havia o mecânico, mas *qualitativo*, como já vimos.

Na paleotécnica, estamos no domínio do mecânico quantitativo. Os planos quinquenais russos dão resultados quantitativos, mas falham fragorosamente no *qualitativo*. O povo russo, apesar de haver atingido a um alto progresso material paleotécnico, conhece uma das situações mais miseráveis do mundo.

Tal não se dá porque assim o queiram propriamente os dirigentes, mas apenas porque a economia, seguida pelos cânones de Marx, é uma economia quantitativista. Tal visão deformada, veremos, condiciona os gravíssimos erros, pois ali, contrariando todas as ideias de Marx, é mais a política que dirige a economia, que a economia a política.

\*

\*        \*

O carvão já era conhecido muito antes de Cristo e usado pelos ferreiros, mas em 1709, graças à invenção de Abraão Darby, foi possível a construção de altos fornos de muito rendimento. Só em 1760, alcançou o invento a sua maior capacidade de produção. É digno de nota que nesta época se desenvolve a grande natalidade na Inglaterra.

O capital financeiro pos-se a explorar os campos carboníferos, em vista dos lucros espantosos que tal exploração oferecia.

O século dezenove é um século da extração do ouro, de ferro, do cobre, do petróleo e do diamante, enquanto o século dezoito iniciara a exploração do carvão de pedra. Com a máquina a vapor e o carvão, podia a indústria pesada conhecer um desenvolvimento espantoso, e, para diminuir as despesas de transportes, concentrou-se, perto das grandes jazidas carboníferas, a cidade típica da paleotécnica, a cidade-carvão, a cidade suja.

O espírito quantitativo tinha que ser exacerbado e justificado pelas próprias experiências gigantescas.

Decorreram daí a concentração da indústria, e o crescimento consequente das fábricas. E como a máquina a vapor exigia uma tensão constante, surgiu a conveniência de se criar máquinas cada vez maiores.

Esse processo aumentativo, quantitativo portanto, aparecia aos olhos de todos como um progresso, e daí para considerar-se o progresso apenas sob o ângulo *quantitativo* era um passo.

E vieram as máquinas de vapor gigantes, as fábricas gigantes, gigantes granjas de exploração, altos fornos. O maior substituiu o melhor. Com a invenção das estradas de ferro e do transporte mais barato, grandes massas agrícolas empobrecidas passaram a se transferir para as cidades industriais, aumentando, assim, o mercado do trabalho.

A guerra deu à paleotécnica uma transformação espantosa. Os grandes fornos permitiram dar mais aço e ferro, e mais barato, aos grandes exércitos, canhões maiores, navios de guerra maiores e mais equipados, e um novo sistema de estradas de ferro tornou possível transportar maior número de soldados para os campos de batalha.

O que é espantoso na paleotécnica é a destruição, o desperdício.

As cidades paleotécnicas, sem sol e sem ar, submissas sob a fumaça das fábricas, das chaminés fumegantes de gases tóxicos, que exerciam uma acção corrosiva sobre os vegetais e a vida humana, mereceram ditirambos de muitos escritores, mas hoje nos causa calafrios a memória dessa época de desperdício.

No século passado, calculou-se que só nos Estados Unidos, por ano, o desperdício atingia a duzentos milhões de dólares.

A economia paleotécnica era uma economia de desperdício e de imundície em que até os cirurgiões, para testemunhar a sua longa prática, orgulharam-se das manchas de sangue e de sujeira dos seus aventais.

Tal facto se dava nos hospitais das classes mais elevadas. Imaginai agora o que seria nos hospitais das classes pobres.

Para se ter uma ideia dessa época, e a que ponto levou a degeneração do trabalhador e ofendeu a dignidade humana, basta reproduzir estas frases de Ure: "A distribuição dos diferentes membros do aparelho conjunto cooperativo para accionar cada um dos órgãos com delicadeza e velocidade apropriadas, e, por cima de tudo, ensinar aos seres humanos a renunciar aos seus desordenados hábitos de trabalho e amoldá-los à regularidade invariável do complexo automático", estas eram as grandes dificuldades que ele notava.

E prosseguia: "devido à imperfeição da natureza humana, pois sucede que quanto mais hábil é um trabalhador tantas maiores probabilidades tem de chegar a ser obstinado e intratável e, conseqüentemente, menos adequado para o sistema mecânico dentro do qual... pode, em última análise, causar grandes prejuízos".

Vemos que o requisito para a fábrica paleotécnica era a falta de habilidade, a disciplina miserável e cega, e a supressão de qualquer ocupação optativa. O operário era reduzido, assim, a uma peça do maquinismo; não podia trabalhar senão preso a uma máquina.

A miséria, a ignorância e o temor eram os fundamentos da disciplina industrial. A produção em série impedia ao operário a satisfação que conhecia o artesão independente, que podia deter-se no trabalho quando assim o quisesse. Com a produção em série, tal se tornava impossível e prejudicial.

As grandes greves que se verificaram neste período tiveram um papel benéfico, maior do que se possa julgar, porque elas obrigaram a melhorias na produção.

Também nunca foram repelidas com tanta energia, como nessa época, pela polícia a serviço do capitalista da paleotécnica.

As grandes cidades da paleotécnica mostravam os bairros de miséria mais espantosos que já existiram em qualquer época na humanidade.

A adulteração dos alimentos foi a mais completa e apoiada até nos parlamentos pelos representantes do povo (temos aqui exemplos também).

O álcool fazia estragos terríveis; o sexo degradou-se ao extremo, e nas minas e fábricas, o acto sexual era praticado com a maior brutalidade. Nalgumas minas, as mulheres inglesas trabalhavam nuas e rebaixadas a um grau de indignidade poucas vezes conhecido entre os escravos da antiguidade. O aborto era geral e os mestres de fábricas abusavam das suas condições, pervertendo as jovens. Cresceram os lupanares, mas também cresceram as reações morais. Nunca se combateu tanto o sexo, e os moralistas, que se esqueciam da indignidade da exploração humana, queriam acabar com os efeitos sem procurar acabar com as causas.

A moda desvirtuava totalmente a beleza feminina, deformando-a monstruosamente. E esta época, no entanto, de sujeira, de imundície, julgava-se *progressista*, e acusava a idade média de falta de higiene.

\*

\* \* \*

Desejariamos muito falar da ideia do progresso, este grande mito da paleotécnica. Mas os limites deste livro permitem-nos apenas chamar a atenção para alguns aspectos, tais como este: a paleotécnica tinha uma concepção apenas quantitativa do progresso, e homens como Ruskin e Nietzsche, que tanto a combateram, foram obrigados a viver na solidão.

A justificação maior da exploração humana fundava-se no postulado da supervivência do mais apto; do domínio do mais forte.

A luta de classes assumiu proporções espantosas e aguçou-se a ponto de levar aos embates mais sangrentos os trabalhadores do mundo inteiro. Foi durante esses embates que, em Rochedale, na Inglaterra, por ocasião de uma greve, surgiu a ideia, já velha, mas com novas formas, da *cooperação*.

Aquele pequeno punhado de homens, que uniram seus esforços para um bem comum, haviam de semear os elementos de uma nova era, a era da cooperação, a era da

biotécnica, que ingressamos agora, aos poucos, e da qual trataremos, em lugar oportuno.

Foi a paleotécnica a época dos políticos mais sórdidos da história e nunca esta desceu a graus tão baixos. Em nossa política, dominada pelo espírito da paleotécnica, temos esses exemplos, e não devemos esquecer que o sucedido entre nós é consequência desse espírito de lucro desenfreado e de aventurismo sem peias, que a paleotécnica permite emergir e alimenta.

Quando estudemos analiticamente a economia, veremos quanto o espírito paleotécnico influenciou nesta, pois é nesse período que ela se estrutura, porque é nele que o econômico se apresenta mais agudamente aos olhos de todos. Daí a actualização do econômico procedido pelos liberalistas e marxistas. (1)

As interpretações de Marx, imbuídas do espírito paleotécnico, representavam, ante as co-variantes dessa época, um estudo crítico coordenado do capitalismo paleotécnico. Mas surgiu depois, uma transformação radical, profunda e muito maior do que poderia parecer, como o advento de uma verdadeira revolução na técnica que, aos poucos, irá transformando totalmente o panorama do mundo.

E' a *Neotécnica*.

---

(1) A análise dialéctica da Economia, procedemos em nosso livro "Tratado Dialéctico de Economia", de próxima publicação.

## NEOTÉCNICA

Essa época, mais curta que a outra, está sendo substituída, em muitos aspectos, pela biotécnica, a fase prevista por Kropotkine, em que se dará a incorporação do orgânico ao mecânico, a fase verdadeiramente concreta, e que será o começo de uma nova aurora para a humanidade, depois de destruído, de uma vez para sempre, o espírito e as formas de vida e de exploração paleotécnica. Estudemô-la: |

Essa fase, vem das concepções geniais de Bacon, Leonardo, Galileu, Lord Verulam, Glanvill, e outros filósofos e técnicos do século XVI. Nas obras de Cellini e de Miguel muito já transparecia dessa época. Ainda predominam entre nós as concepções bárbaras da paleotécnica, sobretudo no terreno da luta de classe e das lutas nacionais.

Uma pergunta logo surge: quando se iniciou a neotécnica?

Não teve, propriamente, um início determinado, mas uma série de inventos foram permitindo que ela surgisse e que se modificasse, também, a mentalidade de muitos homens pela actualização do que havia ficado inibido durante o domínio quase total da paleotécnica.

Os inventos de Fourneyron, de que já falámos, os de Faraday, o isolamento da benzina, que permitiu o aproveitamento comercial da borracha, as descobertas de Volta, Galvani, Oersted, Ampère, Ohm, o electromagnetismo, as experiências de Joseph Henry, a pilha eléctrica, o acumulador, o dínamo, o motor, a lâmpada eléctrica, o espectroscópio e a doutrina da conservação da energia, tudo isso influiu para modificar o panorama da técnica, como o salienta Mumford.

Estas invenções, no período de 1875 a 1900, começaram a ser empregadas na indústria, ainda paleotécnica, para influir na sua transformação rápida, apesar das resistências do espírito bárbaro que nela predomina.

A primeira Guerra Mundial nos mostra talvez o marco desse início, embora a neotécnica ainda não tenha alcançado o seu apogeu, devido às resistências políticas e aos interesses criados.

Cabe à ciência um grande papel nessa fase. Os trabalhos de um Pasteur, de um Clerk-Maxwell, de um Hertz, de um De Forest, de um Niels Bohr, Einstein, Mach, Planck, Edison, Baekland, Sperry, Lord Kelvin, Michell, Pupin, Bell, Gibbs e de muitos outros, como também dos grandes institutos e universidades, as acções de grandes homens como Siemens, Schuckert, Krupp, Steinheil, Ford, Morse, Talsla, permitiram que novas fontes de energia fossem descobertas, sobretudo com o aproveitamento das forças eléctrico-magnéticas que iriam transformar totalmente o aspecto do mundo.

Muitas fontes de energia ainda não foram aproveitadas, como a luz solar, senão em fraca intensidade. Mas as quedas d'água, tiveram um aproveitamento novo e extraordinário, permitindo que países, sem os combustíveis clássicos da paleotécnica, pudessem tornar-se industriais, passando da eotécnica para a neotécnica, como a Holanda, Suécia, Suíça, Noruega, Finlândia, sem passar pela barbária da paleotécnica e, conseqüentemente, atingir a um nível de vida mais alto que os países onde ainda a paleotécnica continua fazendo seus estragos pavorosos. Imagine-se a possibilidade imensa da América do Sul, dotada de um potencial hidráulico extraordinário, ainda não devidamente aproveitado pelos entraves que oferece obstinadamente a mentalidade e os interesses paleotécnicos.

A transmissão da força permitiu a descentralização. Se as fábricas Ford tivessem que se concentrar, acumulariam elas centenas e centenas, até milhões de trabalhadores.

A transmissão da força permitiu libertar o homem das concentrações da paleotécnica e das cidades sujas de carvão e fumo.

O proletariado pôde retornar para mais perto do campo e ter possibilidades de uma vida humana e mais saudável.

A higiene nas fábricas pôde ser maior. Os planos de organização das mesmas poderiam ser totalmente modificados, permitindo, também, o aumento da produção que atingiu uma percentagem elevadíssima.

Pequenas unidades de produção podem ser utilizadas por grandes unidades da administração, bem como comunicações mais rápidas, supervisão mais técnica.

Ambientes mais distantes e mais vastos podem ser usados, portanto mais ar, mais luz, mais saúde.

Mas, o que caracteriza sobretudo a neotécnica é a *luta contra o desperdício*. O aproveitamento dos bens é integral. Enquanto na paleotécnica se envenenavam os rios, arroios, o ar, a neotécnica limpa, higieniza, porque aproveita tudo. Pequenas oficinas podem ser criadas, e o operário pode deixar de ser apenas uma engrenagem para tornar-se também criador, porque procura-se novamente aproveitar a sua inteligência.

Por outro lado seu esforço é menor, seu trabalho mais leve, mesmo quando automatizado. Dessa forma, a indústria da neotécnica torna-se capaz de produzir, com 10% de homens, uma produção multiplicada.

Benjamim Franklin já imaginava a organização do trabalho e a eliminação das classes possuidoras, e que seria possível produzir tudo quanto é necessário, trabalhando cada operário apenas cinco horas por dia. Hoje, cálculos mais perfeitos, mostram que bastariam apenas duas horas, numa produção neotécnica, apesar de terem aumentado os nossos padrões de consumo.

O progresso da química, de 1870 em diante, permitiu um aproveitamento integral e o desperdício pôde ser anulado. Cresce o número de técnicos; a competência afirma-se, novos metais são descobertos e outros são aproveitados para fins industriais, sobretudo os metais leves. Uma série de compostos sintéticos suprem o papel, o vidro e a madeira: a celulóide, a vulcanite, a baquelita e as resinas sintéticas, irrompíveis e elásticas, imunes à acção dos ácidos, prepa-

ram uma nova era. Graças à electricidade, o cobre e o alumínio tomam um papel importante. O tântalo, o tungsteno, o tório, o cério, o irídio, a platina, o níquel, o vanádio, o magnésio, o cromo, o selênio surgem para a indústria. O amianto, a mica, o cobalto, o rádio, o urânio, o hélio, o molibdeno começam a ter possibilidades imensas.

Abrem-se as fronteiras, apesar dos nacionalismos extremados e bárbaros. Os inventos novos vão beneficiar os povos de todo o mundo.

A ciência rompe as fronteiras e trabalha para a humanidade.

O amplificador de De Forrest e a válvula de Fleming criam possibilidades novas.

Da fase criadora da química, que continua, temos agora a fase da fisiologia, da biologia e da psicologia. O orgânico retorna para incorporar-se ao mecânico, e inicia-se a preparação de uma nova fase do futuro, *a biotécnica*.

O automóvel e o aeroplano, de 1910 para cá, conhecem progressos extraordinários. A radiotelefonía invade o mundo, a cinematografia cria possibilidades educacionais ainda não aproveitadas pelo entrave do espírito paleotécnico. A câmara fotográfica permite a formação de uma visão nova das coisas e do mundo. A mortalidade decresce, a eugenia avanta-se, a higiene melhora, a cirurgia realiza milagres, e os aspectos mais belos da eotécnica podem novamente encontrar campo para suas plenas realizações. A fertilização dos campos aumenta, a alimentação torna-se mais racional, as habitações melhoram de condições. No entanto, a predominância do espírito paleotécnico na política e na economia não permite que ingressemos de cheio nessa fase.

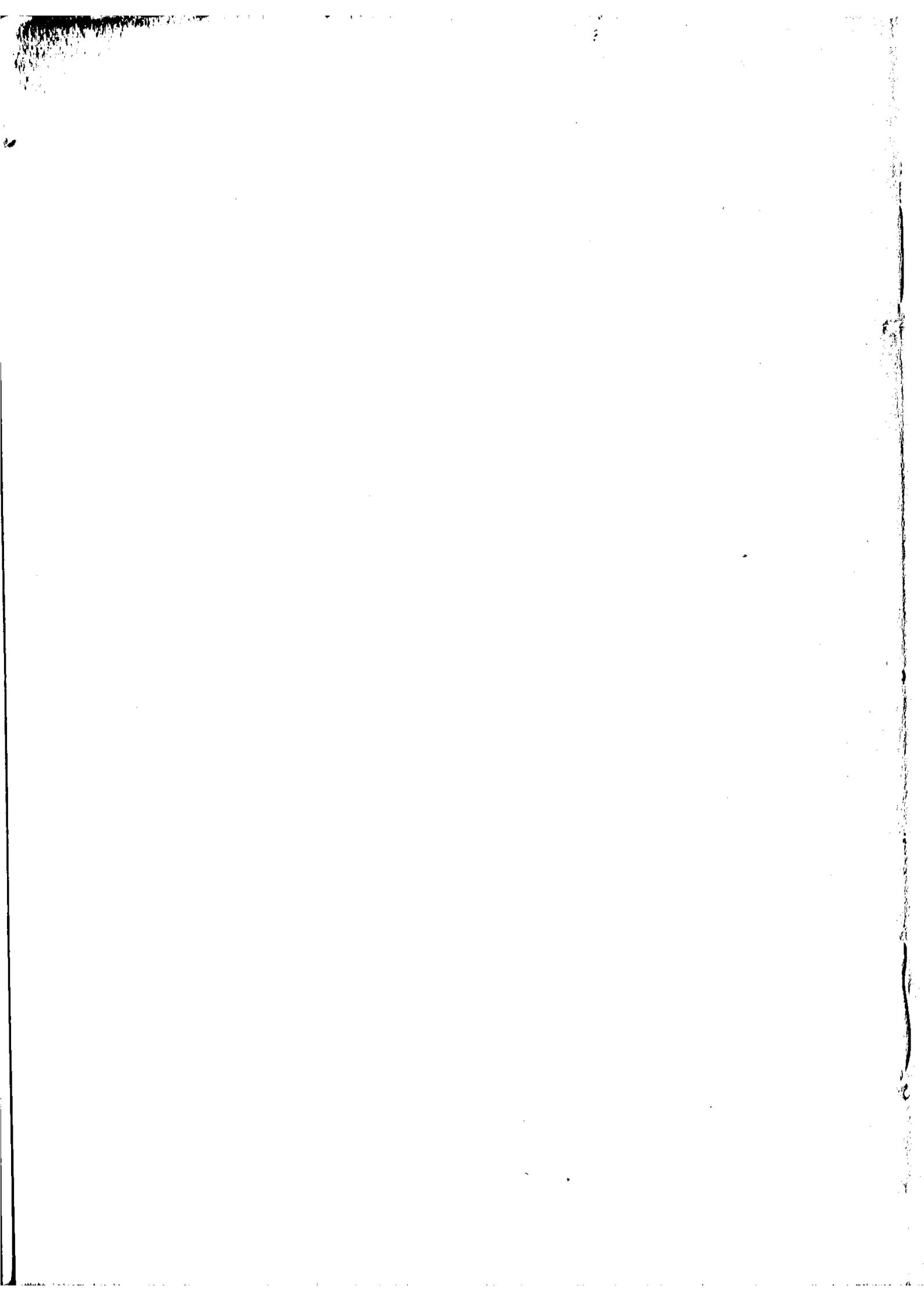
Ainda se favorece as concentrações humanas. Moscou abre subterrâneos para aumentar e facilitar o desenvolvimento ciclope da sua metrópole. Grandes fábricas, sob as normas da paleotécnica, ainda são construídas.

O liberalismo econômico continua ainda fazendo seus estragos, e as lutas de classe não permitem que os homens actualizem senão ódios e ressentimentos.

Não poderíamos penetrar devidamente no terreno das ideias a serem expostas neste livro se não as precedêssemos

com este estudo sintético das ideias de Kropotkine, Geddes e Mumford, que acabamos de fazer.

E' natural que a nossa atenção se enderece sobretudo para o que constrói a nossa época, tão rica de ideias diversas e de tantos embates. O estudo acurado das ideias políticas, que germinaram do Renascimento até os nossos dias, é inseparável das coordenadas sociológicas, económicas e históricas, pois são elas, na verdade, campos onde se processam diversas relações humanas, que se formam nesse período tão importante da história. Elas nos dizem respeito mais de perto, em face da influência que tais factos exercem, nesta hora conturbada de nossa vida, em que todos sentem que grandes acontecimentos nos esperam, e nem todos são capazes de guiarem-se com cuidado pelo emaranhado de ideias que disputam entre si a primazia, e, o que é mais grave, a posse de uma verdade absoluta.



## MARX E O MARXISMO

“Semeei dragões e colhi pulgas”.

(Karl Marx)

Uma síntese do que constitui propriamente a doutrina marxista nos levaria muito longe. No entanto, aqui, pretendemos apresentar os aspectos mais importantes, suficientes para predispor elementos para a análise dialéctica a ser empreendida.

Na construção da sua doutrina, Marx sofreu diversas influências do pensamento que o antecederam e que se desenvolvia, no sector da história e das ideias sociais, em sua época.

Reproduzamos a seguir as influências que sofreu Marx, segundo a classificação de Barnes e Becker.

1) Devia a Hegel seu sistema dialéctico e sua fé na actividade estatal;

2) foi provavelmente nos trabalhos de Lorenz von Stein onde encontrou pela primeira vez notícias gerais sobre o socialismo e o comunismo na França e em outros países; e também é muito provável que recebera de Stein as ideias da “sociedade civil” e das classes sociais;

3) o materialismo histórico tomou-o de Feuerbach e, em parte, talvez, de Heeren;

4) a teoria do trabalho como medida do valor deriva de Ricardo, Rodbertus e dos socialistas ricardianos;

5) encontrou a doutrina da plusvalia nos escritos de Thompson;

6) a noção da luta de classes e a necessidade de um levantamento proletário tinham sido assinaladas nas obras de Luis Blanc, Proudhon e Weitling;

7) Marx recebeu de Sismondi a convicção de que os capitalistas se iriam debilitando pela progressiva concentração da riqueza em mãos de uns poucos;

8) suas ideias acerca da “primitiva sociedade sem classes”, deriva, parece, de sua herança do “mischpat” hebreu e de certas teorias sobre os “direitos naturais” — Morgan apenas trouxe uma “confirmação” posterior;

9) pode ter derivado de Rodbertus a tese de as crises continuamente recorrentes constituírem um aspecto necessário da vida econômica sob o capitalismo;

10) sua fé numa futura Idade de Ouro de caracter quase místico pode ter derivado de suas leituras do Antigo Testamento;

11) por último, embora de modo algum seja o factor de menor importância, suas noções da tática revolucionária derivavam, em parte, de Danton e de outros líderes jacobinos da Revolução Francesa”.

Numa carta que escreveu a Joseph Weydemeyer, em 5 de março de 1852, Marx considerava que estas eram apenas as suas contribuições:

“... No que me diz respeito, não é a mim que me cabe o mérito de haver descoberto nem a existência das classes na sociedade moderna, nem a luta que se verifica entre elas. Muito tempo antes de mim, historiadores burgueses já haviam estudado o desenvolvimento histórico dessa luta entre as classes e economistas burgueses haviam feito sua anatomia econômica. O que fiz de novo foi apenas isto:

1) — Demonstrar que a *existência das classes* está ligada a *certas fases de desenvolvimento histórico da produção*;

2) — Que a luta de classes *conduz* necessariamente à *ditadura do proletariado*;

3) — Que essa mesma ditadura não constitui senão uma fase de transição no sentido da *abolição de todas as classes*, isto é, *a uma sociedade sem classes...*”

Para os criticos anti-marxistas, todo esse processo leva a um circulo vicioso.

Se as classes surgem de um desenvolvimento histórico da produção e se a ditadura do proletariado implica a formação do Estado, tende a instituir uma casta dirigente, que se separa da produção, fatalmente parasitária, que termina por tornar-se numa classe, cuja manutenção se processa à custa da plusvalia, realizada através de impostos, contribuições de toda espécie, etc., provocando, consequentemente uma nova luta de classes, que levaria a uma nova ditadura do proletariado, que instintuindo-se em forma estatal, geraria outra classe usufrutuária da plusvalia, provocando outra luta de classes e assim sucessivamente. O exemplo russo é demasiadamente expressivo e revela, de forma irretorquível, que a “ditadura do proletariado” se estruturou de modo não previsto nem por Marx, nem por Engels, nem por Lenine, refutando, na prática, o que fôra afirmado em teoria.

E' verdade que os defensores do estatismo russo alegam que as conjunturas históricas, etc., impediram a realização do que fôra “cientificamente” previsto por Marx.

Mas os adversários do marxismo respondem: e que valor científico tem essa doutrina que não previu tais conjunturas? Marx, Engels e Lenine acreditaram sempre no perecimento do Estado, e, no entanto, este aumentou de poder constantemente, fortaleceu-se cada vez mais, em vez de definir.

Que maior refutação às afirmativas que os factos?

Na verdade os marxistas fazem malabarismos espantosos para justificar a imprevisão de Marx e de Lenine. Mas essas justificativas não destroem as afirmativas que aqueles fizeram. Nunca admitiram a possibilidade do que aconteceu depois. Portanto, exclamam os anti-marxistas, Marx e Lenine foram legítimos utopistas. Os factos vieram comprovar, de maneira irrefutável, que os chamados utopistas que os combatiam eram muito mais realistas que os realistas Marx e Lenine.

Inegavelmente os factos confirmam a crítica ao marxismo feita antes e durante a revolução de Outubro.

Esses aspectos importantes serão por nós examinados.

\*

\* \* \*

Não se pode entretanto deixar de consignar que a contribuição de Marx a essas teses é verdadeiramente importante. Seria até primarismo desejar atribuir-lhe uma originalidade, que só lhe seria em grande parte desabonadora. Ele não era um "litterateur" anelante de expressões inéditas. Procurava interpretar o factor, captar através deles o nexos que apontariam através de sua simbólica e significação. Naturalmente que seu pensamento teria de encontrar precursores, e nisso não há nenhum desabonar à sua acção. Mas as contribuições pessoais, o rigor de suas análises, discutíveis em grande parte, aceitáveis ou não, obedeciam, a certa intenção honesta, filosófica e cientificamente cuidadosa. Se falhou muitas vezes, deve-se mais à precariedade dos factos conhecidos, aos meios que dispunha, à deficiência de certos conhecimentos que não adquirira, o que lhe criava óbices a um estudo mais fundamentado.

E' digno de menção esta passagem de Gray, grande estudioso da obra de Marx, embora não seja propriamente "marxista". Vejamos:

"Marx... sustentava que o modo fundamental do desenvolvimento social era a revolução e a marcha acumulativa da tecnologia e da ciência, embora tivesse feito uma contribuição valiosíssima à ciência social ao assinalar o significado desses factores. E' uma ironia que os modernos sociólogos, guiados pela ciência natural, destaquem como principal contribuição de Marx ao pensamento do século XIX, o que o próprio Marx considerava como apêndice de sua doutrina essencial.

Foi a socialdemocracia alemã e não Karl Marx, quem apadrinhou a noção do "determinismo econômico", como lei sociológica completa. A doutrina do Kautsky, equivalente alemão do metodismo inglês — assegurou às massas explo-

radas, que o milênio social havia de produzir-se sem necessidade de nenhum esforço feito por elas, simplesmente pela marcha irresistível dos acontecimentos econômicos. As opiniões de Marx... não postulam este necessitarismo. Salvou-os desse defeito político fatal a concepção da dialectica e a teoria da luta de classes. Marx... cria no poder da vontade humana de forçar o ritmo da mutação social, de produzir uma revolução num lugar de preferência a outro, num momento de preferência a outro. A dialectica não é uma filosofia determinista. É uma exposição do módulo geral pelo qual os homens mudam o mundo”.

\*  
\*       \*  
\*

Embora a teoria do Estado de Marx tenha decorrido da concepção de Hegel, aquele não permaneceu na deificação do Estado. Já em sua polêmica com Rouge em 1844, no “Vorwaerts” atacou o socialismo de Estado, e declarou que o Estado era “uma instituição da sociedade” que devia estar subordinado a esta (Rühle, Karl Marx, p. 78). Tanto Marx como Engels estavam longe de admitir que às funções do Estado coubessem a direção dos “interesses comuns da sociedade”. Ideia esta que julgavam absurda e impossível. (Veja-se Engels, Origens da família, p. 214, e “Introdução” à 3.<sup>a</sup> ed. alemã de “A guerra civil em França”, de Marx).

Em primeiro lugar a expressão “ditadura do proletariado” não aparece de forma explícita no “Manifesto comunista”. Há, entretanto, naquele documento expressões tais como elevação “do proletariado à posição de classe governante”, o “Estado, isto é, o “proletariado organizado como classe governante”.

Foi somente depois da revolução de 1848, que Marx deu um significado concreto à ideia da “ditadura do proletariado”. Foi na “Guerra Civil em França”, onde vemos esta frase: “... Em vez das exigências de reforma... ouviu-se o grito audaz de guerra: Derrocada da burguesia! Ditadura do proletariado!”

Já na mesma obra assinala: “a classe trabalhadora não pode apoderar-se simplesmente da máquina do Estado que encontra à sua disposição e aproveitá-la para os próprios fins”.

Daí deduz-se evidentemente que Marx queria destruir a velha máquina e construir uma nova. Quanto à natureza desse estado provisório, assim assinalava: “Gradualmente se socializarão os meios de produção, a produção será colocada sobre bases cooperativas, a educação será combinada com o trabalho produtivo, com o objecto de transformar os membros da sociedade em produtores. Enquanto dure o período de transição, não pode chegar a funcionar a máxima comunista, “de cada um segundo sua capacidade, para cada um segundo suas necessidades”, pois este período está ainda assinalado em todos os aspectos — econômicos, sociais e intelectuais — com os traços da velha sociedade e “os direitos não podem transcender a estrutura econômica da sociedade e o desenvolvimento cultural por ela determinado”. (Citação de Beer).

Só depois desse período transitório se chegaria à sociedade livre, sem classes. E’ Engels quem a anuncia nessas palavras:

“Quando se organize outra vez a produção sobre a base de uma associação livre e igual dos produtores, a sociedade desterrará toda a máquina do Estado para o lugar então mais adequado a ela — o museu de antiguidades, junto à forja e ao machado de bronze”.

\*

\* \* \*

Procurar determinar quais as forças motrizes de capitalismo, em seu pleno desenvolvimento, não é encontrar apenas formas simplistas. E’ preciso investigar mais longe. A “tendência do capital à plusvalia”, embora seja exatamente uma força motriz, não é a única nem sempre o ponto central de sistema econômico capitalista. A plusvalia é uma simples esquema de relação social. E’ realmente uma

força predisponente de sentido, mas para tornar-se afectiva exige, entretanto, outros elementos. As forças activas no curso da história, apresentadas tantas vezes como causais, revelam apenas uma simultaneidade e talvez um efeito. É vício de que já muito deviam ter-se libertado: o de emprestar a qualquer mudança de circunstâncias sociais o papel de causa única do acontecer social.

O grande tema filosófico e científico, também, da teoria de causa e efeito, muito tem perturbado à análise de muitos fenómenos. Este tema ainda em actualidade na filosofia deve ser examinado profundamente mais uma vez, para que se evitem certos preconceitos da filosofia moderna, que tanto obstaculizam uma nítida visão dos fenómenos que se apresentam na sociedade.

Já Sombart assinalou muito bem que fenómenos tais como “divisão do trabalho” ou a competição são mais efeitos que propriamente causas. Sombart mostra-nos como, por exemplo, a ordem jurídica não determina, não “produz” sempre uma ordem económica. E citou-nos o exemplo da lei da ordem industrial livre prussiana de 1810 e 1811. Quanto à técnica de per si não é suficiente. Basta recordarmos certas descobertas, em certos momentos da história, desprezadas e não aproveitadas. Nem o aumento de população gera sempre mudanças económicas como se verificou na China e na Índia.

O papel dialéctico da cooperação dos factores de emergência e de predisponência, que temos estudado em nossos livros de filosofia, nos mostram como se dá o processo social que não pode ser visto de ângulos abstractos e primários sob pena de falsear a realidade, por não considerar suas coordenadas. Sobre este tema nos demoraremos mais adiante.

Seria um grande erro e uma desonestidade negar o papel importante que tem Marx para o pensamento histórico e económico. Podemos encontrar defeitos e não recusamos atribuí-los à sua obra. Mas é preciso reconhecer que elementos dispunha em sua época.

Marx fundamentou suas teorias sobre as condições prevalentes no século XIX. Mas no século XX, a burguesia

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

modificou muito as suas condições, como já vimos. Seus postulados precisavam ser novamente adaptados a este século. Foi o que tentou Lenine, com relativo sucesso.

A lógica deve ser construída sobre a natureza e não julgar-se que se pode construir a natureza sobre a lógica. Os marxistas nem sempre compreenderam essa verdade, e muitas de suas afirmações caracterizam-se mais pelo desejo de torná-las verdadeiras do que deduzi-las da existência. A dialéctica necessita, por isso, novas investigações, apesar de muitos julgarem tenha alcançado o fim, a meta do caminho. Este é um dos preconceitos mais ingênuos que conhecemos.

\*  
\*       \*  
\*

A interpretação econômica da história exige expliquemos o conteúdo da ideia econômica, segundo Marx. Para Tugan-Baranovski se a definição marxista do econômico se estender até incluir a coordenação da actividade humana exercida sobre o mundo exterior, que tem como objectivo a criação de um meio material necessário para a satisfação das necessidades humanas, poderemos incluir naqueles até os factores fisiológicos e os não práticos, incluindo os religiosos, que realmente muitas vezes preponderam no desenvolvimento social.

A dependência do homem dos factores econômicos é variável. Se em certas épocas esses predominam com mais força não predominam noutras, e encontramos variações da influência de indivíduo para indivíduo, de grupo para grupo. Essa lei conhece portanto uma variabilidade, e se poderá prever, até, a libertação do homem, da vontade do homem sobre eles.

Por outro lado é preciso salientar-se que os interesses humanos não são os únicos interesses do homem, e nem sempre os seus antagonismos levam a um antagonismo geral em todo o âmbito social.

Se os factores emergentes e predisponentes (*emergentes*: o homem como *biològicamente* constituído, em seu processo bionômico, e como *psiquismo*, como espírito; e *predisponentes*, como ser que se dá num ambiente geográfico (os *factores ecológicos*), e como membro de uma sociedade, (*factores histórico-sociais*) são *invariantes* como presença em *tudo quanto o homem realiza*, a cooperação e reciprocidade entre eles nos explica a *variância* do acontecer histórico.

Uma visão genuinamente dialéctica evita as interpretações primárias que, ao cair na afirmação absolutista de um factor, como o económico, que é complexo e vário, leva a tomadas de posição apriorísticas, abstractas, perigosas, e pouco dialécticas, que se tornam, afinal, causas de futuros erros maiores.

\*  
\*       \*  
\*

Podem muitos admitir que não caiba ao filósofo descobrir a *unidade* do cosmos, mas a ele cabe, pelo menos, *construir* essa unidade: eis uma bela tarefa para a filosofia.

As leis da natureza são "formalidades" por nós captadas, cuja subsistência, existência de per sí, é tema filosófico. Pode partir-se de que o homem as constroi para dar ao universo uma inteligibilidade.

Quando Marx estabeleceu leis na vida social, procurou apenas construir uma interpretação, um corpo de leis interpretativas, que pudessem explicar a história. Desta forma, devemos humanizar Marx.

Outros podem afirmar que é precisamente uma sobrevivência atávica da tendência mística de emprestar ao homem de ciência o mesmo carácter do legislador religioso.

Querer afirmar que as leis dialécticas, essas leis que operam sobre a inteligência humana, são as mesmas dos processos da natureza, é a base da dialéctica marxista.

O homem é regulado pelas mesmas leis que regulam sua inteligência.

“As circunstâncias podem ser alteradas pelo homem” afirmava Marx, e nessa afirmativa havia muito de subjectivismo. Lenine, ao criar a teoria do “revolucionário profissional”, realmente a sua maior contribuição ao marxismo, pois tudo quanto afirmou de aparentemente novo estava já implícito na doutrina de Marx, prossegue naquele terreno e afasta-se, assim, do fatalismo econômico de Plekhanov, seu mestre e verdadeiro iniciador doutrinário.

E’ natural que, no ambiente predominante do século XIX, o subjectivismo fosse posto à margem e sujeito a dúvidas. Mas assim como o subjectivismo de muitos socialistas russos como Lavrof, os Narodniki, Michailovski, etc., pecasse pelo excesso, pecava, também, por excesso o fatalismo econômico, que era uma degeneração da verdadeira concepção de Marx.

Na sociedade e no mundo, o homem não é um ser passivo, apenas dirigido pelas forças da natureza. E’ um ser que pensa, que sente e que quer.

E o sentimento, o pensamento e a vontade são, também, forças dinâmicas que actuam sobre o meio ambiente e determinam sua acção.

Marx, quando afirmou a acção do objecto sobre o sujeito, não negou a acção do sujeito sobre o objecto. Esta interpretação faz parte da doutrina marxista, embora tantas vezes tenha sido esquecida, como tantas outras ideias, por seus epígonos.

\*

\*

\*

No mundo social, o mais difícil de determinar é a direcção. Pode haver antevisões geniais, intuitivas até. Mas, quando as condições são indeterminadas e as possibilidades variam, a direcção, quando decretada, está sujeita a imprevistos. Ainda hoje é difícil uma visão total do conjunto social, e menos ainda no tempo de Marx. Decretar uma direcção correspondia mais a um desejo do que a uma previsão do amanhã. Se muitas previsões de Marx não se

deram é consequência das condições indeterminadas ainda da época.

Ele viu no capitalismo o prólogo do socialismo. Sim, este só poderia sobrevir após aquele. Como nada do nada se cria, o socialismo deveria estar incluído, em germe, naquele. Essa a contradição do próprio capitalismo que o criava como uma fatalidade. Daí desejar Marx ardentemente o desabrochamento total do capitalismo. Este precisava alcançar sua plena maturidade, atingir sua totalidade para estancar-se, para conhecer, então, seu fim.

Foi este o desenvolvimento lógico do pensamento de Marx. E se aceitarmos que o socialismo é a decorrente de certas condições sociais determinadas em dado momento histórico, muito de verdade lhe assistia. Nós pensamos diferente, porque, para nós, o socialismo é sempre possível.

São os discípulos, muitas vezes, os inimigos dos mestres. Nem sempre por desvirtuá-los, mas por condenarem à esterilidade as primeiras investigações, por tornarem estáticas as doutrinas ou consequências decorrentes das obras. Os epígonos são temerosos de avançar, de aventar novas possibilidades. Vemos isso patentemente no que se refere a Marx. Em sua obra foi um grande interrogador, um investigador, um analisador. No entanto, seus epígonos, com raras exceções, querem condenar sua doutrina a mais absoluta esterilidade.

Nós reconhecemos na obra de Marx a influência das condições históricas que a geraram. Conhecendo o capitalismo em seus albores, era obrigado mais a deduzir dos factos o futuro. Dispondo de elementos tão precários, sua obra tinha de sofrer a fatal imperfeição de quem dispõe de poucos elementos.

Por outro lado, não podia libertar-se das próprias condições psicológicas. O crime dos "marxistas" consistiu, e consiste principalmente, em terem procurado esterilizar sua obra, quando lhes cabia continuá-la.

Marx julgou que o capitalismo era um sistema de transição. Estava certo. Equivocou-se, porém, ao julgá-lo mais transeunte do que o foi e o é.

O capitalismo, como sistema econômico, mostrou-se mais rico em novas fórmulas do que parecia aos olhares "históricos" de Marx. Precisava ele ter-se lembrado que o imprevisto é um elemento que sempre se deve contar.

As próprias condições imprecisas em que desabrochava o capitalismo não lhe permitiam uma visão maior e mais nítida da realidade futura.

Ele teria cáido no imaginativo se tentasse figurar o amanhã, e desse imaginativo nem sempre pôde esquivar-se. O impossível não é nunca um argumento de fraqueza para alguém. Humanizar Marx é uma tarefa hoje para seus discípulos; o contrário é que o tem comprometido.

\*

\* \*

Pode-se acreditar que do capitalismo surja o socialismo? Que Marx tivesse se empolgado nessa antevisão era mais fruto de seus desejos.

O capitalismo não é uma força criadora de formas que o neguem.

Precisamente nas zonas mais desenvolvidas do capitalismo é onde o proletariado é menos revolucionário.

A teorização do socialismo em nosso tempo, e sobremaneira ainda no de Marx, seria sempre uma obra imperfeita, primitiva, eivada de erros, sobretudo pela interpenetração dos conceitos referentes ao domínio das ideias com os correspondentes à realidade.

Que diríamos de alguém que, em pleno século XVI, quisesse teorizar sobre o capitalismo ainda mal esboçado?

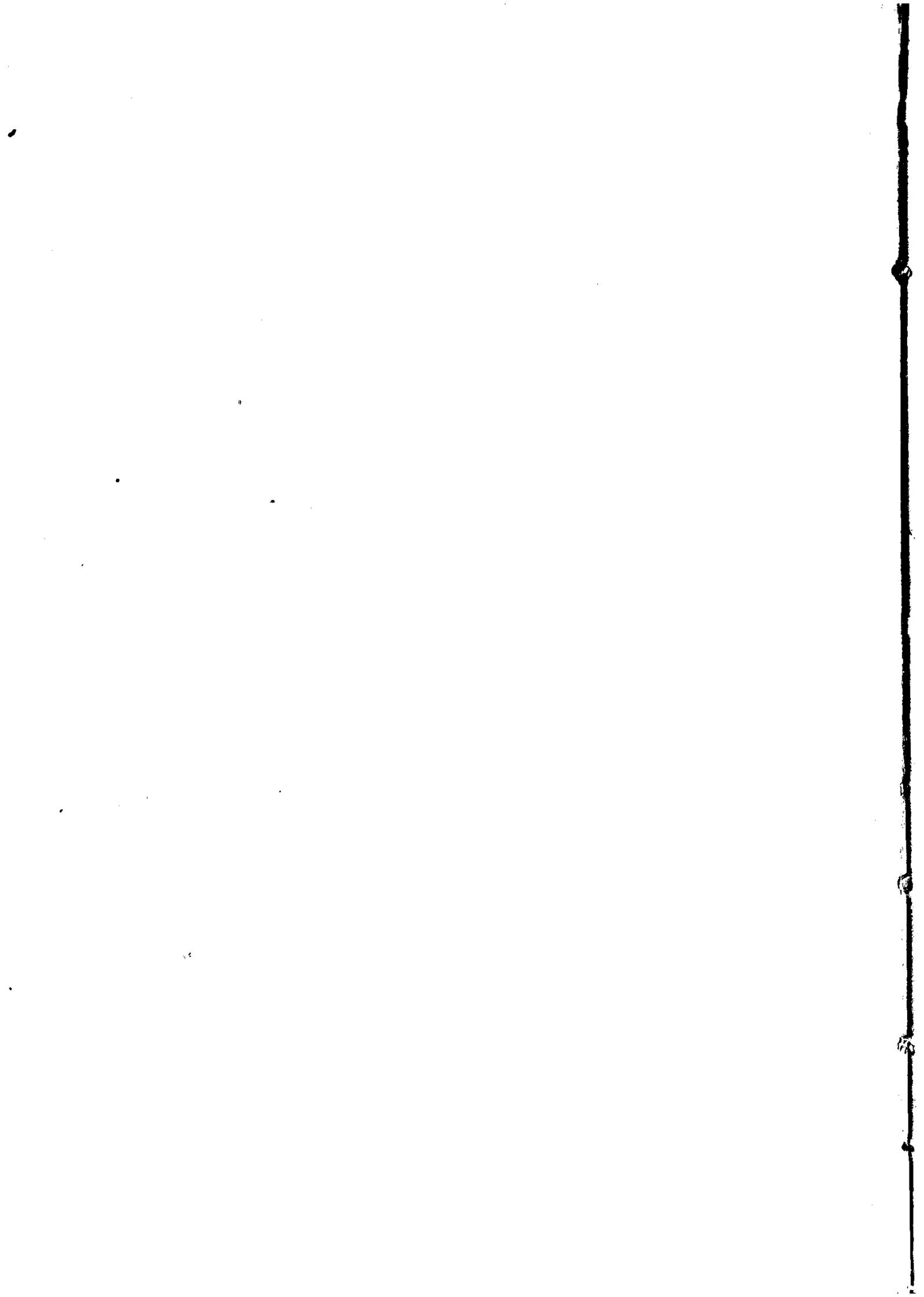
Assim como a teorização do capitalismo é obra tardia, possível no crepúsculo de sua vida, a teorização do socialismo não pode preceder a este, mas se fará somente quando o socialismo já conheça sua plena maturidade.

O capitalismo conhecerá o seu declínio ou será vencido pelo socialismo, sem desaparecer totalmente de imediato, mas conhecerá uma lenta agonia depois de sua derrota.

Durante o domínio do capitalismo não desapareceram outras formas de sistemas econômicos e não foi o único. O artesanato, a agricultura, conheceram até novos desenvolvimentos.

Talvez o desenvolvimento do socialismo conheça um predomínio e possa viver e desabrochar concomitantemente com outros sistemas econômicos.

São estas perguntas uma verdadeira temática para futuras análises.



## MARX E PROUDHON

Quando Proudhon publicou seu famoso livro "Sistema das contradições econômicas" ou "Filosofia da Miséria" foi recebido por Marx com entusiasmo.

Nesta época, era ele proudhoniano, e elogiou a obra considerando-a um trabalho "científico", que honrava o socialismo francês. (Lembremo-nos que ele sempre fez questão, posteriormente, de distinguir o socialismo francês do socialismo alemão).

Súbitamente, porém, lançou seu livro "Miséria da Filosofia", um panfleto virulento, que se difundiu entre os marxistas que o lêem, sem ler a obra de Proudhon, já "totalmente refutada" por Marx.

No entanto, poderíamos aconselhar aos marxistas que a lessem ao mesmo tempo, comparando-a com a de Marx, e veriam quanta coisa interessante acabaria por surgir. E' mesmo este um dos pontos mais graves do movimento socialista, um daqueles em que as maiores patranhas perduram.

O afastamento entre os dois socialistas, e o ataque posterior, no entanto, tem sua nítida explicação nestas cartas que reproduzimos. Uma de Marx para Proudhon e a resposta deste ao primeiro, ao qual nunca devotou grande simpatia.

A simples leitura destas cartas explicam melhor do que se pensa o divórcio posterior e nos mostra o grau de ressentimento de Marx, ante a negativa de Proudhon de acompanhá-lo em seus planos autoritários.

"Bruxelas — 5 de maio de 1846

Caro snr. Proudhon

Propus-me frequentemente escrever-lhe, desde que saí de Paris; circunstâncias independentes de minha vontade me impediram até agora.

Rogo-lhe que creia que o excesso de trabalho, os inconvenientes de uma mudança de domicílio, são os únicos motivos do meu silêncio.

E agora sobretudo saltemos em *medias res*. Conjuntamente com os dois meus amigos Frederico Engels e Felipe Gigot (os dois em Bruxelas), organizei, com os comunistas e os socialistas alemães, uma correspondência contínua, que deverá ocupar-se da discussão de questões científicas e da vigilância dos escritos populares e de propaganda socialista, que se possam fazer na Alemanha por esse meio. O objetivo principal de nossa correspondência será, contudo, pôr os socialistas alemães em contacto com os socialistas franceses e ingleses; manter os estrangeiros ao par dos movimentos socialistas que se realizem na Alemanha e informar aos alemães, na Alemanha, sobre os progressos do socialismo na França e na Inglaterra. Desta maneira, as diferenças de opinião poderão manifestar-se; chegar-se a uma troca de ideias e a uma crítica imparcial. E' um passo que terá dado o movimento social em sua expressão literária para desembaraçar-se dos limites da nacionalidade. E no momentos da acção, é certamente de um grande interesse para cada um estar ao par do estado dos assuntos no estrangeiro, tanto como no próprio país. Além dos comunistas da Alemanha, nossa correspondência compreenderá, também, os socialistas alemães em Paris e em Londres. Nossas relações com a Inglaterra já estão estabelecidas; quanto à França, cremos todos que não podemos encontrar melhor correspondente que você; você sabe que os ingleses e os alemães lhe apreciaram até o momento, muito mais que seus próprios compatriotas. Você vê, pois, que se trata apenas de criar uma correspondência regular e de assegurar-lhe os meios para seguir o movimento social nos diferentes países, para chegar a um benefício rico e variado que o trabalho de um só nunca poderia realizar. Se você quer

concordar com a nossa proposta, os gastos de correio das cartas que lhe sejam enviadas, como os de que você envie serão pagas por aqui, pois as coletas feitas na Alemanha estão destinadas a cobrir os gastos da correspondência.....

Não tenho necessidades de acrescentar que toda esta correspondência exige, por sua parte, o mais absoluto segredo; na Alemanha nossos amigos devem agir com a maior circunspecção, para não comprometerem-se. Responda-nos logo e creia na amizade muito sincera de seu abnegado Karl Marx.

P. S. Denuncie-lhe o senhor Grün, em Paris. Este homem é apenas um cavalheiro de indústria literária, uma espécie de charlatão, que quer comerciar com as ideias modernas. Procura ocultar sua ignorância sob frases pomposas e arrogantes, mas apenas conseguiu pôr-se no ridículo por meio de seu palavrório. Além disso é um homem perigoso. Abusa do conhecimento que estabeleceu com autores de renome, graças à sua impertinência, para fazer construir, com isso, um pedestal e comprometê-los ante o povo alemão.

Em seu livro sobre os socialistas franceses, atreve-se a chamar-se *privat dozent* de Proudhon, e pretende ter-lhe revelado os axiomas importantes da ciência alemã, e critica seus escritos. Cuide-se, pois, deste parasita, talvez volte a escrever-lhe mais tarde sobre este indivíduo.

Marx.

Aproveito com prazer a ocasião que se me oferece com esta carta para assegurar-lhe quão agradável é para mim entrar em contacto com um homem tão distinto como você.

Seu Felipe Gigot..

Quanto a mim estou certo de que você, snr. Proudhon aprovará este projecto que acabamos de

propor-lhe, e que terá a complacência de não nos recusar a sua cooperação. Asseguro-lhe o profundo respeito que seus escritos me inspiraram, para com você sou atentamente seu.

*Frederico Engels*".

## RESPOSTA DE PROUDHON

"Lyon — 17 de maio de 1846

Caro Snr. Marx

Consinto de boa vontade ser um dos membros de sua correspondência, cujo propósito de organização me parece devem ser muito úteis.

Não lhe prometo, contudo, escrever-lhe muito a miúdo; minhas ocupações de toda espécie, unidas a uma preguiça natural, não me permitem estes esforços epistolares. Tomarei, também, a liberdade de expor-lhe algumas reservas que me são sugeridas por diversas passagens de sua carta.

Antes de tudo, minhas ideias em matéria de organização e de realização estão, neste momento, por completo definidas.

Creio que é meu dever, que é o dever de todo socialista, conservar por algum tempo ainda a forma antiga dubitativa; uma palavra, professo ante o público um anti-dogmatismo econômico quase absoluto.

Busquemos juntos, se você quiser, as leis da sociedade, o modo como se realizam essas leis, o progresso segundo o qual chegamos a descobri-las; mas, por Deus, depois de ter demolido todos os dogmatismos *a priori*, não caímos na contradição de seu compatriota Martin Lutero, o qual, depois de ter derruido a teologia católica, pôs-se logo, com grandes esforços de excomunhão e de anátemas, a fundar uma teologia protestante.

Há três séculos a Alemanha tem se preocupado exclusivamente em destruir o remendo de Martin

Lutero; não venhamos a dar ao gênero humano um novo trabalho com novas confusões. Aplaudo de todo o coração seu pensamento de expressar um dia todas as opiniões; façamos uma boa e leal polêmica; demos ao mundo o exemplo de uma tolerância sábia e previdente, mas, por estar à frente do movimento, não nos tornemos chefes de uma nova intolerância, nem nos apresentemos como apóstolos de uma nova religião, embora fosse a religião da lógica, a religião da razão. Acolhamos, estimulemos todos os protestos, anatematizemos todas as exclusões, todos os misticismos e nunca consideremos uma questão como exgotada e quando tenhamos empregado até o nosso último argumento, voltemos a começar, se for preciso, com a eloquência e a ironia. Com esta condição entrarei com prazer em sua associação, do contrário, não. Tenho, também, de fazer alguma observação sobre estas palavras de sua carta: “No momento da acção” Talvez conserve você a opinião de que nenhuma reforma é actualmente possível sem um golpe de mão, sem o que antes se chamava uma revolução, e que afinal de contas não passa de uma sacudida. Essa opinião, que eu concebo, que eu excuso, que eu discutiria de boa vontade, tendo eu a compartilhado por muito tempo, confesso-lhe que meus últimos estudos me fizeram revisá-la completamente. Eu creio que nós não temos necessidade disso para triunfar; e que, em consequência, não devemos apresentar a acção revolucionária como meio de reforma social, porque este pretendido meio seria simplesmente um apelo à força, à arbitrariedade, numa palavra, uma contradição. Eu coloco assim o problema: fazer entrar na sociedade, por uma combinação econômica, as riquezas que saíram da sociedade por outra combinação econômica. Noutros termos, converter em economia política a teoria da propriedade, contra a propriedade, de maneira como para engendrar o que vocês, socialistas alemães, cha-

mam comunidade, e que eu me limitarei, no momento, a chamar liberdade, igualdade.

Muito bem, creio conhecer o meio para resolver, em curto prazo, este problema; prefiro, pois, fazer arder a sociedade em fogo lento, antes de lhe dar uma nova força, fazendo uma São Bartolomeu de Proprietários.

Eis aqui, meu querido filósofo, onde estou no momento; salvo se me engano, e que se tal se der, receba eu a férula de sua mão; à qual me submeto de boa vontade à espera de minha "revanche".

Devo dizer-lhe por alto que tais me parecem ser, também, as disposições da classe operária da França; nossos proletários têm tanta sêde de ciência, que seria mal acolhido por eles todo aquele que lhes desse a beber apenas sangue. Numa palavra, seria na minha opinião uma má política para nós falarmos como exterminadores; a violência virá por si só; o povo não tem necessidade, para isso, de nenhuma exortação.

Lamento sinceramente as pequenas divisões, que, segundo parece, existem já no socialismo alemão, e do qual suas queixas contra o snr. Grün me oferecem a prova. Temo muito que você tenha visto este escritor sob uma luz falsa; apelo, querido snr. Marx, ao seu sentido sereno, Grün encontra-se desterrado, sem fortuna, com mulher e dois filhos, sem outra coisa para viver do que a sua pena. Que quer você que explore para comer senão as ideias modernas? Compreendo sua cólera filosófica e aceito que a santa palavra da humildade nunca deveria constituir matéria de comércio, mas não quero ver aqui mais do que a desgraça, a extrema necessidade, e desculpo o homem. Ah, se todos fôssemos milionários, as coisas iriam melhor; seríamos santos e anjos.

Mas é preciso viver, e você sabe que esta palavra não expressa ainda nem de leve a ideia que dá a teoria pura da associação. E' preciso viver, quer

dizer, comprar pão, lenha, carne, pagar o senhorio; e assim o creio, o que vende ideias sociais não é mais indigno do que o que vende um sermão. Ignoro completamente se Grün se apresentou como meu mestre; mestre de que? Eu só me ocupo de economia política, coisa de que ele não sabe quase nada; considero a literatura como um brinquedo para meninas; e quanto à filosofia, sei o bastante para ter o direito de burlar-me dela quando seja ocasião. Grün nada me revelou em absoluto; se o disse, disse uma impertinência de que estou certo que se arrepende.

O que eu sei e estimo mais do que censuro, um pequeno acesso de vaidade, é que devo ao sr. Grün, assim como a seu amigo Ewerbeck, o conhecimento que tenho de seus escritos, meu querido sr. Marx, dos do sr. Engels, e da obra tão importante de Feuerbach. Esses senhores, a meu pedido, quiseram fazer algumas análises para mim em francês (porque tenho a desgraça de não ler o alemão), das publicações socialistas mais importantes e é a seu pedido que devo incluir (o que teria feito por mim mesmo) em minha próxima obra, uma menção das obras dos senhores Marx, Engels, Feurbach, etc. Fianlmente, Grün e Ewerberck trabalham para manter o fogo sagrado entre os alemães que residem em Paris, e a deferência que têm para esses senhores os operários, que os consultam, parece-me uma segura garantia da retidão de suas intenções.

Veria com prazer, meu querido sr. Marx, que retificasse um juízo, produto de um instante de irritação, porque você estava colerico quando escreveu. Grün me testemunhou o desejo de traduzir meu livro actual. Compreendi que essa tradução, precedendo a qualquer outra, lhe daria algum auxílio. Ficar-lhe-ia, pois, muito agradecido, assim como a seus amigos, não por mim, mas por ele, se lhe prestassem assistência nesta ocasião, contribuindo para a venda de um escrito que poderia, sem dú-

vida, com sua ajuda, dar-lhe mais proveitos que a mim.

Se você me quer dar a segurança de seu concurso, querido sr. Marx, enviarei sem interrupção minhas provas ao sr. Grün, e creio, apesar de seus aborrecimentos pessoais, dos quais não quero constituir-me, juiz, que essa conducta nos honraria a todos.

Minhas saudações aos seus amigos, srs. Engels e Gigot. Seu abnegado

*P. J. Proudhon*".

O que dizem estas duas cartas é mais eloquente do que se julga. Temos, daí, o início da ruptura no movimento socialista de tão grandes consequências posteriores.

Daí por diante, o socialismo, que era homogêneo, passa a subdividir-se em três movimentos nitidamente separados:

- 1) socialismo democrático (Trabalhistas, fabianos, socialistas reformados, etc.);
- 2) socialismo libertário (mutualistas, proudhonianos, anarquistas, etc);
- 3) socialismo autoritário, o de Marx.

Essa subdivisão atrasou sem dúvida a eclosão da revolução socialista, esperada até em dias do século passado.

A crise aberta no socialismo prosseguiu num crescendo, e hoje essas três correntes se degladiam mutuamente, num encarniçamento extremado. Há mais ódios entre eles do que contra as classes possuidoras, até então combatidas.

E com isso, o capitalismo respirou. Quanto às consequências desse divórcio, teremos, em breve, oportunidade de falar.

Como não caberia neste livro um melhor estudo de luta entre Marx e Proudhon, deixamo-lo para trabalhos posteriores. Mas essa luta tem uma importância muito maior do que julgam os socialistas de hoje. E o importante disso tudo é que as ideias proudhonianas, julgadas pelos marxistas como definitivamente destruídas, conhecem hoje uma ressurreição, embora com outros nomes, que marcam um

novo destino ao socialismo que, afirmamos, **sem poder por ora demonstrar, avassalarão, em breve, todo o movimento social.** O marxismo está atravessando **uma crise interna,** que as depurações e o autoritarismo **excessivo dos seus dirigentes,** as ameaças que fazem aos seus adeptos, **não são** mais capazes de conter a massa que ameaça romper os alques da coesão do partido, a qual é mais uma coesão produzida pela força do que uma força produzida pela coesão.

Outro momento crítico do socialismo foi o rompimento entre Marx e Bakunine. Para os marxistas, a batalha foi ganha por Marx, mas os frutos dessa vitória estão amadurecendo e são bem ácidos.

Contemos, pois, esta página da história do socialismo.

Bakunine opusera-se a Marx na 1.<sup>a</sup> Internacional. Acusava-o de autoritário, e pretendia que se concedesse, ou melhor, se respeitasse a liberdade das organizações operárias. Marx, que pretendia dominar a Internacional, via em Bakunine, como em Guillaume, dois inimigos de que era preciso desfazer-se.

Não titubeou em lançar mão de infâmias. Conhecem bem os marxistas a Franz Mehring, que foi o mais famoso biógrafo de Marx. Foi um marxista, sobre o qual nunca puseram dúvidas.

Mas Mehring, em face dos factos da expulsão de Bakunine, na pág. 42 de seu "Karl Marx, o fundador do socialismo científico" diz estas palavras:

"Esta cena final do Congresso de Haia não era, na verdade, digna dele (trata-se de Marx). Claro está que ainda não havia razões para saber que os acordos tomados pela maioria da comissão *eram nulos* já de per si, por haver intervindo neles um *espião*; assim mesmo teria sido humanamente explicável, pelo menos, que se houvesse expulso Bakunine por razões políticas, simplesmente pelo convencimento moral de que era um perturbador incorrigível, embora não se lhe pudessem provar documentadamente todas as suas intrigas. *O que não tinha perdão era manchar o nome e a honra de Bakunine em questões de propriedade, e desgraçadamente era a Marx que cabia a culpa disso*".

É depois de relatar todas as misérias desta página negra, negras do socialismo, termina, à pág. 435, por dizer:

“Bakunine morreu em Berna, no dia 1. de julho de 1876. Havia merecido uma morte melhor e uma recordação mais leal que a que lhe guardam, senão todos, ao menos alguns sectores desta classe operária, pela qual tanto lutou e tão duramente sofreu”.

Estas palavras são por si mesmas demasiadamente eloquentes para nos mostrar um dos aspectos do carácter do fundador do “socialismo científico”.

## MARX E ENGELS CONTRA OS MARXISTAS

Nos últimos dias de sua vida, Marx, ao assistir o que os seus discípulos faziam de suas ideias, não pôde deixar de exclamar frases como estas: “se isso é marxismo, eu não sou marxista”. Ou, com um olhar magoado, e uma voz que não escondia a revolta: “semeei dragões e colhi pulgas”. E essas “pulgas”, exegetas do marxismo, acusavam-se mutuamente de traidores, de falsificadores do pensamento do mestre. Marx viveu, assim, em seus últimos anos de vida, o que monotonamente conhece a história. Não tinha sido ele, também, um epígono de Hegel? E Hegel, se fosse vivo, e examinasse a obra de Marx, não poderia dizer o mesmo: “semeei dragões e colhi pulgas?”

Marx pretendia superar o mestre, que, na verdade, nunca o fora, e não havia apenas mal interpretado, como tantos outros, a filosofia hegeliana?

Em “Lógica e Dialética” estudamos essa interpretação, e em face dos textos de Hegel, mostramos quanto havia de falsificação de sua obra, apreendida por aqueles que se degladiavam, acusando-se uns aos outros, de falsificadores, mas todos falsificando, por sua vez, o pensamento hegeliano, que é nítido e claro, apesar das aparentes nebulosidades em que se oculta, como já vimos.

Mas voltemos às sombrias queixas de Marx e de Engels quanto aos marxistas. Vejamos esta carta de Engels a Conrad Schmidt, de 5 de agosto de 1890. Reproduzamos suas palavras:

“... Em geral, a palavra “materialista” serve a muitos escritores recentes, na Alemanha, de simples frase por meio da qual se dá nome a toda espécie de coisas sem estudá-las mais a fundo, pensando que basta colar-lhes esta etiqueta

para se resolver a questão. Ora, nossa concepção da história é, antes de tudo, uma diretriz para o estudo e não uma alavanca que sirva para fazer construções à maneira de Hegel. É necessário reestudar toda a história, é necessário submeter a uma investigação detalhada as condições de existência das diversas formações sociais antes de procurar deduzir das mesmas os modos de concepção políticos, jurídicos, estéticos, filosóficos, religiosos, etc, que lhes são correspondentes. A esse respeito, só se fez pouca coisa até agora, porque poucas pessoas se dedicaram seriamente a estes assuntos. A esse respeito, temos necessidade da ajuda de grande número; seu domínio é infinitamente vasto; e aquele que quiser trabalhar seriamente muito pode fazer e distinguir-se na matéria. Mas, em lugar disso, o materialismo histórico, que foi transformado numa frase (pode-se transformar *tudo* numa frase), não tem servido a numeroso grupo de jovens alemães senão para fazer, o mais rapidamente possível, de seus conhecimentos históricos relativamente minúsculos — não é verdade que a história econômica se acha ainda em sua infância? — uma construção sistemática e artificial, com o que imaginam ser, desde logo, espíritos muito poderosos...

Você, que já fez realmente alguma coisa, deve ter notado certamente quão reduzido é o número de jovens literatos aderentes ao Partido que se dão ao trabalho de estudar economia, história da economia e história do comércio, da indústria, da agricultura, das organizações sociais. Que conhecem eles a respeito de Maurer a não ser seu nome? E a suficiência do jornalista que deve fazer tudo; e tudo está, também, na mesma proporção. Dir-se-ia, por vezes, que esses senhores acreditam que, para os operários, qualquer coisa serve. Se esses senhores soubessem que Marx achava que suas melhores produções não eram ainda suficientemente boas para os operários e considerava um crime aos mesmos alguma coisa inferior ao que há de melhor!..."

A concepção da história é apenas uma directriz e não uma alavanca para fazer construções. O materialismo histórico fôra reduzido a uma frase e ainda é uma frase. As

construções sistemáticas foram realizadas e os factos vieram desmentí-las.

É prossegue Engels:

De Engels a Joseph Bloch

"Londres, 21 de setembro de 1890

... Segundo a concepção materialista da história, o factor determinante da mesma é, *em sua última análise*, a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx, nem eu afirmámos jamais outra coisa senão isso. Se, posteriormente, alguém deturpou esse conceito, chegando ao ponto de dizer que o factor econômico é o *único* determinante, esse alguém transforma essa proposição numa frase vazia, abstracta, absurda. A situação econômica é a base, mas as diversas partes da superestrutura (as formas políticas da luta de classes e seus resultados), as Constituições estabelecidas, uma vez ganha a batalha pela classe vitoriosa, as formas jurídicas, e até mesmo os reflexos de todas essas lutas reais no cérebro dos seus protagonistas, teorias políticas, jurídicas, filosóficas, concepções religiosas, e seu desenvolvimento ulterior até o dogma transformado em sistema, tudo isso exerce igualmente sua acção sobre o curso das lutas históricas e determina, de maneira preponderante, sua forma em muitos casos. Verifica-se a acção e a reacção de todos esses factores, no seio dos quais o movimento econômico acaba por abrir caminho forçosamente através de uma infinita multidão de casualidades (isto é, de coisas e acontecimentos cuja ligação íntima entre si está tão afastada ou é tão difícil de demonstrar que podemos considerá-la como inexistente e desprezá-la). Não fosse assim, a aplicação da teoria a um periodo qualquer da história seria, posso garantir, mais fácil que a resolução de uma simples equação do primeiro grau.

Nós fazemos nossa própria história, mas, antes de mais nada, de acordo com premissas e condições perfeitamente determinadas. Entre essas são as condições econômicas que se tornam finalmente preponderantes. Mas as condições políticas, etc. e até mesmo a tradição que se enraiza nos hábitos

dos homens, desempenham, também, seu papel, embora não seja decisivo. Foram as causas históricas e, em última análise, econômicas, que deram origem ao Estado prussiano e continuaram na base de seu desenvolvimento. Mas dificilmente se poderia pretender, sem certo pedantismo, que entre os numerosos pequenos Estados da Alemanha do Norte, o Brandeburg tenha sido destinado pela necessidade econômica e não por outros factores (como, por exemplo, sobretudo, devido à sua difícil situação em face da Polônia, graças à posse da Prússia e, portanto, no terreno das relações políticas internacionais e que são decisivas igualmente na formação da Casa d'Austria) a tornar-se a grande potência em que se concentraram as diferenças na economia, na língua e, também, depois da Reforma, na religião entre o norte e o sul. Dificilmente se poderia explicar, sem o risco de cair no ridículo, baseados em causas econômicas, a existência de todos os pequenos Estados alemães do passado, e do presente ou, ainda, a origem da troca de consoantes do alto alemão, que ampliou a linha geográfica divisória constituída pela cadeia de montanhas dos Sudetos até o Taumus, estabelecendo uma verdadeira cunha através da Alemanha.

Mas, de maneira secundária, a história processa-se de tal forma que o resultado é sempre uma consequência do conflito de *grande número de vontades individuais* que, por sua vez, se apresentam tais como são em virtude de várias condições particulares da existência. Existem, pois, inumeráveis forças que se contrapõem mutuamente, um grupo infinito de paralelogramos de força que produzem uma resultante — o acontecimento histórico — que, por sua vez, pode ser considerado como produto de *uma força agindo como um todo, de maneira inconsciente e cega*. Isso porque, o que deseja cada indivíduo é contrariado por outros e o que daí resulta é coisa que ninguém desejou. Por isso é que a história, até hoje, se tem desenvolvido à maneira de um processo da natureza, sendo, também, submetida, em sua essência, às mesmas leis de movimento que regem a esta. Mas, do facto de que as diversas vontades cada uma desejando aquilo a que a impelem sua constituição material e as circunstâncias exteriores ou econômicas, em última aná-

lise, (ou suas próprias *circunstâncias pessoais* ou as circunstâncias sociais gerais) não consigam chegar a realizar o que desejam, fundindo-se numa média geral, numa resultante comum, por esse facto não temos o direito de concluir que elas são iguais a zero. Pelo contrário, cada uma delas contribui para determinar a resultante e, dessa forma, está incluída nela.

Desejava, além disso, pedir-vos para estudar essa teoria em suas fontes originais e não de segunda mão, o que é muito mais fácil. Marx raramente escreveu alguma coisa em que ela não desempenhe seu papel. Mas, particularmente, o “18 Brumário de Luis Bonaparte” é um exemplo excelente de sua aplicação. Em “O Capital” encontramos-a muitas vezes. Em seguida, tomo a liberdade de vos recomendar igualmente minhas obras: “Le Bouleversement de la Science par Monsieur E. Dühring” e “L. Feuerbach et la fin de la philosophie classique allemande”, onde faço, sobre o materialismo histórico, a exposição mais detalhada que, a meu ver, existe.

A Marx e a mim, parcialmente, deve caber a responsabilidade pelo facto de, por vezes, certos jovens emprestarem mais importância do que é devida ao lado económico de nossa teoria. Em face de nossos adversários, impunha-se-nos que déssemos maior destaque ao princípio por eles negado. Mas a verdade é que nunca encontramos tempo, nem lugar, nem ocasião para fazer justiça aos outros factores que participam da acção recíproca. Mas, desde que se tratava da descrição de um pedaço de história, isto, é, de passar à aplicação prática, a coisa mudava de carácter e não havia erro possível. Infelizmente, porém, acontece, com muita frequência que acreditemos ter compreendido perfeitamente uma nova teoria e poder manejá-la sem dificuldade, uma vez nos tenhamos apropriado de seus princípios essenciais e isso nem sempre com exatidão. Não me é possível isentar dessa censura a mais de um de nossos novos marxistas, tantas são as coisas exquisitas feitas a esse respeito”.

A partes grifadas o foram propositadamente por nós. A simples leitura destas páginas oferece dados importantes

para se compreender qual o clima do marxismo naquela época. É muito diferente acaso o de hoje?

“A Economia não cria directamente nada por si mesma, mas determina a espécie de modificação e de desenvolvimento da matéria intelectual existente, e faz isso, na maioria das vezes indirectamente, pelo facto de que são os reflexos políticos, jurídicos e morais, que exercem a principal acção directa sobre a filosofia”. (Engels “Carta a Heins Starckenburg”).

E aceitava de tal forma a influência da vontade humana na história que estas suas palavras são expressivas:

“Se Ricardo Coração de Leão e Felipe Augusto tivessem instaurado o livre cambismo em lugar de se terem engajado nas Cruzadas, ter-nos-iam poupado quinhentos anos de miséria e de estupidez.

Esse aspecto do problema, que posso aqui apenas aflo-  
rar, todos o temos negligenciado, segundo penso, mais do que merece o mesmo. É a eterna história: no começo, negligenciamos sempre a forma em benefício do fundo. Conforme já o disse, eu precedi da mesma maneira e essa falta não me foi revelada senão post-festum.

Eis porque, não somente estou muito longe de vos fazer qualquer censura a este respeito, sendo eu um velho cúmplice de forma alguma qualificado para isso, mas, pelo menos, desejaria chamar vossa atenção para esse ponto daqui para o futuro.

A isso está ligada igualmente esta concepção estúpida dos ideólogos: como recusamos às diversas esferas ideológicas, que desempenham certo papel na história, um desenvolvimento histórico independente, lhe recusamos, também, qualquer eficácia histórica. E partir de uma concepção banal, não dialéctica, entre causa e efeito, como se fossem polos opostos um ao outro de maneira rígida, revelando uma ignorância absoluta da acção recíproca. Esses senhores esquecem-se inteiramente quase sempre a seu bel prazer, de que o facto de um factor histórico, desde que engendrado por outros factores económicos, reage também, por sua vez, e pode reagir, sobre o seu meio e até mesmo sobre suas

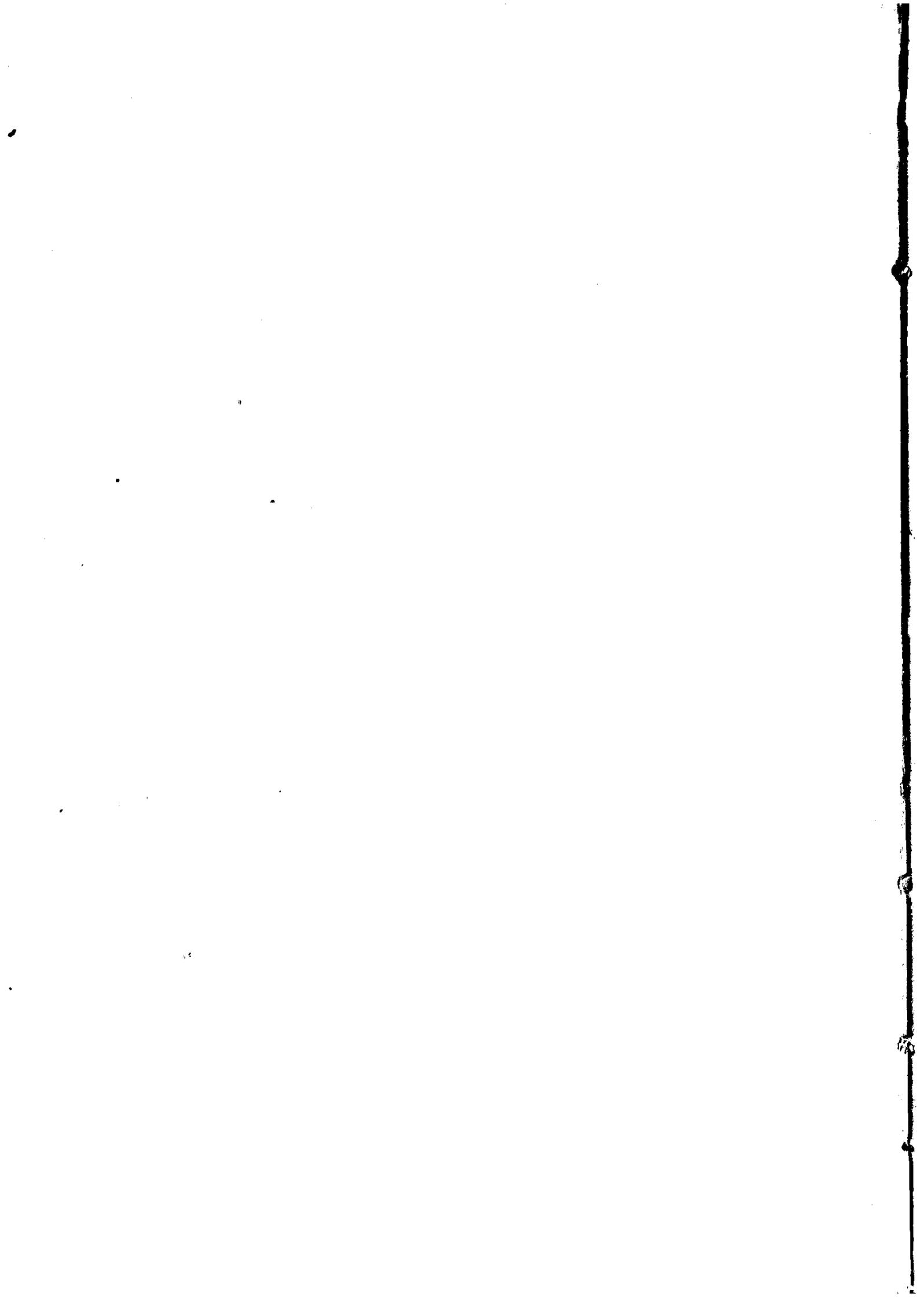
próprias causas. Como Barth, por exemplo, referindo-se à casta dos padres e à religião (ver seu livro, na página 465) . . .”

A aceitação da reciprocidade do ideal sobre o real, embora considerando aquele como tendo sua origem neste, mas actuando, posteriormente, sobre o real, já coloca Marx e Engels num ponto diferente ao dos seus epígonos. Todos esses elementos cooperam para que possamos, afinal, fazer a nossa análise dialéctica, mostrando quanto de abstracto dominava e ainda domina o pensamento marxista que, se julga dialéctico.

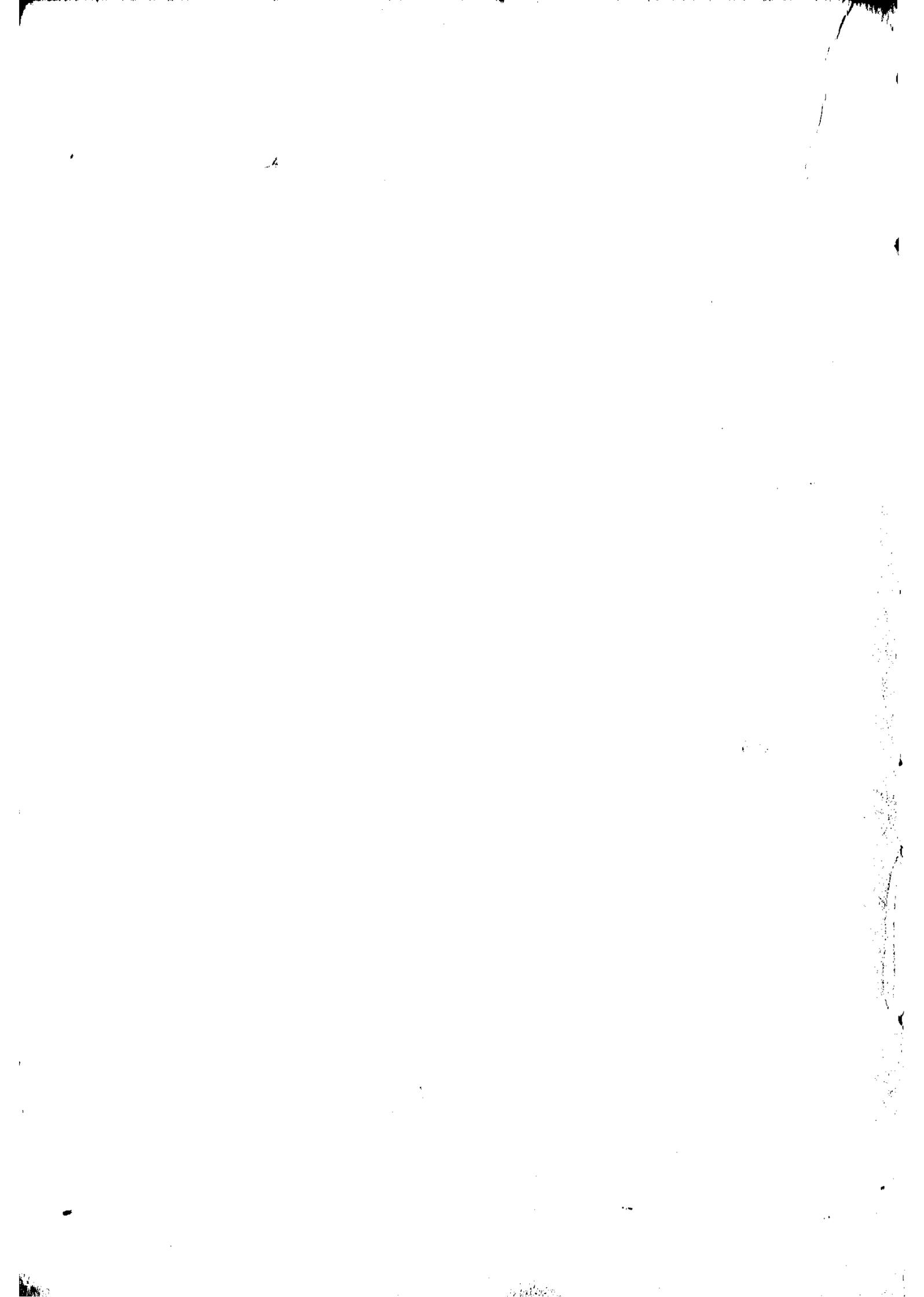
Marx e Engels não só se queixavam de seus discípulos, mas até de si mesmos. Eles não haviam impedido de se terem deixado avassalar pelas suas próprias paixões. As suas confissões valem muito. Mas, como todas as confissões, só foram proclamadas após os erros praticados. Mas o pior e este é o argumento dos adversários não serviram de exemplos. Os discípulos enveredaram pelos mesmos caminhos, herdando dos mestres o que tinham de mais fraco, e não de mais poderoso.

Veremos, em breve, se há ou não razão a favor dos que afirmam tal ponto de vista.

E' o que se dá também na arte. Petrarca não foi imitada, mas o petrarquismo foi. Assim, Marx não teve imitadores, mas *marxistas*, um “ismo” a mais para evidenciar a forma viciosa, que teimosamente surge na história, como destino de todas as ideias ou atitudes.



**POLÊMICA SÔBRE O ESTADO ENTRE  
MARXISTAS E ANARQUISTAS**



## A TEORIA MARXISTA DO ESTADO

Vejamos, através das próprias palavras dos marxistas, como concebem eles o Estado. Em “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, assim Engels se expressa resumidamente:

“O Estado não é, de forma alguma, uma força imposta, do exterior, à sociedade. Não é, tampouco, “a realidade da Ideia moral, a imagem e a realidade da Razão,” como pretende Hegel. E’ um produto da sociedade numa certa fase do seu desenvolvimento. E’ a confissão de que essa sociedade se embaraçou numa insolúvel contradição interna, se dividiu em antagonismos inconciliáveis de que não pode desvencilhar-se. Mas, para que essas classes antagônicas, com interesses econômicos contrários, não se entredovorassem e não devorassem a sociedade numa luta estéril, sentiu-se a necessidade de uma força que se colocasse aparentemente acima da sociedade, com o fim de atenuar o conflito nos limites da “ordem”, Essa força, que sai da sociedade, ficando, porém, por cima dela e dela se afastando cada vez mais, é o Estado”.

E comentando a citação acima escreve Lenin em “O Estado e a Revolução”:

“Eis, expressa com toda a clareza, a ideia fundamental do marxismo no que concerne ao papel histórico e à significação do Estado. O Estado é o produto e a manifestação do antagonismo inconciliável das classes. O Estado aparece onde e na medida em que os antagonismos de classes não podem objectivamente ser conciliados. E, reciprocamente, a existência do Estado prova que as contradições de classes são inconciliáveis”.

Em síntese, para o marxismo, o Estado:

a) não é uma força imposta do exterior à sociedade;

b) é um produto da sociedade numa certa fase de seu desenvolvimento;

c) é resultante de um embaraço decorrente de uma insolúvel contradição interna da sociedade, dividida em antagonismos inconciliáveis.

d) para evitar o entredevoramento entre si e da própria sociedade, por parte das classes com interesses antagônicos, cria-se uma força *aparentemente* acima da sociedade, (Estado), com o fim de atenuar o conflito.

Para tanto é preciso haver, na sociedade, um antagonismo *inconciliável* de classes.

Diz ainda Lenin:

“Para Marx, o Estado é um órgão de domínio de classe, um órgão de submissão de uma classe por outra; é a criação de uma “ordem” que legalize e consolide essa submissão, amortecendo a colisão das classes”.

E mais adiante acrescenta: ao comentar a opinião de Kautsky:

“Teòricamente”, não nega que o Estado seja o órgão de dominação de uma classe, nem que as contradições de classe sejam inconciliáveis; mas, omite ou obscurece o seguinte: se o Estado é o produto da inconciliabilidade das contradições de classe, se é uma força superior à sociedade, “afastando-se cada vez mais da sociedade”, é claro que a libertação da classe oprimida só é possível por meio de uma revolução violenta e da supressão do aparelho governamental criado pela classe dominante e que, pela sua própria existência, “se afasta” da sociedade. Esta conclusão, teòricamente clara por si mesma, tirou-a Marx com inteira precisão”.

Até aí, em linhas gerais, com as próprias palavras dos maiores teóricos do marxismo, temos, em síntese, a concepção do Estado, da qual não divergem em suas linhas gerais, os socialistas libertários.

A concepção do Estado, exposta pelos maiores teóricos do marxismo, reconhece que ele é “um produto da sociedade numa certa fase de seu desenvolvimento”, contrariando a opinião de alguns que julgam que o Estado sempre existiu

como uma necessidade de ordem e de coordenação da sociedade.

Engels, na citada obra, ainda caracteriza o Estado de duas maneiras:

“Contrariamente à antiga organização patriarcal (da tribo ou do clã) o Estado se caracteriza, em primeiro lugar, pela divisão dos súditos segundo o território. O segundo traço característico do Estado é a instituição de um poder público que já não corresponde directamente à população e se organiza também como força armada. Esse poder público separado é indispensável, porque a organização espontânea da população em armas se tornou impossível desde que a sociedade se dividiu em classes... Esse poder público existe em todos os Estados. Compreende não só homens armados, com também elementos materiais, prisões e instituições coercitivas de toda espécie, que a sociedade patriarcal (clã) não conheceu”.

Entre as características do Estado, salientadas por Engels, está “a instituição de um poder público que já não corresponde directamente à população”. E isto se dá porque a organização espontânea da população em armas se tornou impossível, desde que a sociedade se dividiu em classes.

Deduzamos: segundo Engels, quando a sociedade está dividida em classes, a organização espontânea da população armada torna-se impossível, e determina a formação de uma força armada, que apoie o poder público, a qual não corresponde mais directamente à população.

E', em suma, o caso da Rússia, que tendo se apoiado durante a Revolução na “guarda vermelha”, no povo insurreto, que correspondia espontaneamente à população, em armas, apoiou-se, depois, num exército permanente e numa burocracia, fundamentos e instrumentos salientados por Lenine como próprios de todo poder governamental.

“A organização espontânea da população em armas” foi logo abandonada, porque os que divergiam das decisões do partido bolchevista ameaçavam sempre a predominância dos líderes que mantinham em suas mão o poder.

A burocratização do Estado soviético, procedida desde as primeiras horas, e a formação do exército permanente e da organização policial mais prepotente do mundo, asseguravam aos detentores do poder a garantia do mundo.

Pois se a burguesia havia sido derrotada na Rússia, e os elementos que a representavam, depois das grandes matanças, era mínima, e a totalidade quase do povo russo proletarizava-se, por que, e em que, se fundamentava o poder estatal dos Soviets? Uma classe que representa a totalidade, que domina os meios de produção, não precisa da mais terrível prepotência para manter-se no poder. Ninguém poderá aceitar honestamente que os remanescentes da burguesia, na Rússia, ante o proletariado, tenham a capacidade de organizar uma luta contra o Estado soviético internamente, depois de ter sido aquela liquidada após as matanças já conhecidas.

O proletariado e os elementos do partido, uns desejando a liberdade, outros o poder, podem ameaçar a posição dominante dos líderes. Para esses, então, o Estado torna-se uma necessidade. (1).

“Para manter um poder público separado da sociedade e situado acima dela são necessários os impostos e uma dívida pública”, diz Lenin.

“Investidos do poder público e do direito de cobrança dos impostos — escreve Engels — os funcionários, considerados como órgãos da sociedade, são colocados acima da sociedade. O respeito livre, voluntário, de que eram cercados os órgãos da sociedade patriarcal (do clã) já lhes não bastaria, mesmo que pudessem adquiri-lo” E comenta Lenin:

“Fazem-se leis sobre a “santidade” e “inviolabilidade” dos funcionários”.

“O mais insignificante agente de polícia” tem mais “autoridade” que os representantes do clã, mas, o chefe militar de um país civilizado poderia invejar um chefe de clã,

---

(1) A alegação leninista-estalinista de que o cerco capitalista exige um Estado fortíssimo é contrariada por muitos socialistas, e os argumentos que propõem serão por nós estudados, mais adiante.

que a sociedade patriarcal cercava de um respeito “voluntário e não imposto pelo cacete”.

E prossegue:

“Como o Estado nasceu na necessidade de refrear os antagonismos de classes, no próprio conflito dessas classes, resulta, em princípio, que o Estado é sempre o Estado da classe mais poderosa, da classe economicamente dominante que, também, graças a ele, se torna a classe politicamente dominante e adquire, assim, novos meios de oprimir e explorar a classe dominada”.

Mas não é só a “classe politicamente dominante”, mas a *casta* dominante, por meio do Estado, que adquire os meios de opressão sobre os adversários. Foi com o poder nas mãos que os bolchevistas dominaram os “socialistas revolucionários” e os anarquistas, que se opunham à transformação dos soviets livres em simples executores das ordens emanadas do poder central.

E foi em torno desse poder central que a luta posterior, entre os próprios bolchevistas, se acendeu, surgindo os famosos processos e as não menos famosas “depurações” do partido, com seu corolário de vidas arrancadas, aumento dos campos de concentração, etc.

Nada melhor do que estas palavras de Engels para resumir a concepção marxista do Estado:

“O Estado, por conseguinte, não existiu sempre. Houve sociedades que passaram sem ele e que não tinham a menor noção de Estado nem de poder governamental. A um certo grau do desenvolvimento econômico, implicando necessariamente na divisão da sociedade em classes, o Estado tornou-se uma necessidade, em consequência dessa divisão. Presentemente, marchamos a passos largos para um tal desenvolvimento da produção, que a existência dessas classes não só deixou de ser uma necessidade, como se torna mesmo um obstáculo à produção. As classes desaparecerão tão inelutavelmente como apareceram. Ao mesmo tempo que as classes, desaparecerá inevitavelmente o Estado. A sociedade, reorganizando a produção sobre a base da associação e igual de todos os produtores, enviará a máquina

governamental para o lugar que lhe convém: o museu de antiguidade, ao lado da roda de fiar e do machado de bronze”.

E prossegue:

“O proletariado se apodera da força do Estado e começa por transformar os meios de produção em propriedade do Estado. Por esse meio, ele próprio se destrói como proletariado, abole todas as distinções e antagonismos de classes, e simultaneamente, também o Estado, como Estado. A antiga sociedade, que se movia através dos antagonismos de classe, tinha necessidade do Estado, isto é, de uma organização da classe exploradora, em cada época, para manter as suas condições exteriores de produção e, principalmente, para manter pela força explorada nas condições de opressão, exigidas pelo modo de produção existente (escravidão, servidão, trabalho assalariado). O Estado era o representante oficial de toda a sociedade, a sua síntese num corpo visível, mas só o era como Estado da própria classe que representava em seu tempo toda a sociedade. Estado de cidadãos proprietários de escravos, na antiguidade; Estado da nobreza feudal, na Idade Média; e Estado da burguesia de nossos dias. Mas, quando o Estado se torna, finalmente, representante efectivo da sociedade inteira, então torna-se supérfluo. Uma vez que não haja nenhuma classe social a oprimir; uma vez que, com a soberania de classe e com a luta pela existência individual, baseada na antiga anarquia da produção, desapareçam as colisões e os excessos que daí resultavam, não haverá mais nada a reprimir, e um poder especial de repressão, um Estado, deixa de ser necessário.

*O primeiro acto pelo qual o Estado se manifesta realmente como representante de toda a sociedade — a posse dos meios de produção em nome da sociedade — é, ao mesmo tempo, o último acto próprio do Estado. A intervenção do Estado nas relações sociais se vai tornando supérflua daí por diante e desaparece automaticamente. O governo das pessoas é substituído pela administração das coisas e pela direcção do processo de produção. O Estado não é “abolido”: morre. E’ desse ponto de vista que se deve apreciar a palavra de ordem de “Estado livre do povo”, tanto em*

*seu interesse passageiro para a agitação, como em sua definitiva insuficiência científica; é, igualmente, desse ponto de vista que se deve apreciar a reivindicação dos chamados anarquistas, pretendendo que o Estado seja abolido de um dia para o outro”.*

Analisemos as palavras de Engels acima citadas. Ao apoderar-se da força do Estado, o proletariado começa por transformar os meios de produção em propriedade do Estado, destruindo-se a si próprio, por este meio, como proletariado.

Na Rússia processou-se o apoderamento da força do Estado, a princípio pelo povo insurreto que, em muitas partes, pôs-se a quebrar a força do Estado e a transformar os meios de produção, capitalista ou feudal, não em propriedade do Estado, mas em produção socialista organizada espontaneamente pelo povo. Quem se apoderou da força do Estado e transformou os meios de produção em propriedade do Estado foram precisamente os bolchevistas.

Desta forma, não se processou o que esperava Engels, que era a abolição do proletariado como proletariado e a abolição de todas as distinções e antagonismos de classe e, decorrentemente, também, o Estado como Estado. Êste continuou a existir e a hipertrofiar-se de maneira espantosa, como ainda não conhecera a história, tornando-se a maior força de opressão que jamais foi vista.

Para Engels, quando o Estado, finalmente, representa o efetivo da sociedade inteira, então torna-se supérfluo. Ora, a vitória do proletariado e dos camponeses na Rússia assegurava essa situação e permitia ao Estado soviético organizar-se *interiormente*, tendendo para a sua abolição. Mas precisamente na prática, sucedeu o contrário do que estava exposto na teoria, dizem os socialistas libertários. O Estado deixa de ser necessário quando desaparecem as classes e as colisões e excessos resultantes delas. O primeiro acto do Estado, como representante de toda a Sociedade, é o último, também. Consiste este na posse dos meios de produção. Daí a intervenção do Estado nas relações sociais vai tornando-se supérflua e desaparece automática-

mente. Concluiu Engels que os anarquistas estavam errados ao pretender a abolição pura e simples do Estado, quando esse se processaria automaticamente pela *morte*. Mas Lenin explica Engels; aproveitemos as suas próprias palavras para expressar:

“Sem receio de erro, pode-se dizer que, de todo esse raciocínio de Engels, de uma notável riqueza de pensamento, só resta, nos partidos socialistas de hoje, como verdadeira aquisição do pensamento socialista, a fórmula de Marx, segundo a qual o Estado “morre”, contrariamente à doutrina anarquista da “abolição” do Estado. Amputar assim o marxismo é reduzi-lo ao oportunismo, pois que, depois de um tal “comentário”, não fica senão a concepção de uma transformação lenta, igual, progressiva, sem sobressalto nem tempestade, sem revolução. A “extinção” do Estado, na concepção corrente, espalhada, popular por assim dizer, é, sem dúvida alguma, o esquecimento, senão a negação da revolução”.

Os comentários de Lenin ao pensamento de Engels colocam claramente a ideia marxista do Estado. E ele prossegue:

“Logo no início do seu raciocínio, Engels diz que, ao tomar o poder, o proletariado, “por esse meio, abole o Estado com Estado”. “Não se costuma” aprofundar o que isso significa. Em geral, despreza-se inteiramente esse pensamento ou se vê nele uma espécie de “fraqueza hegeliana” de Engels. De facto, Engels fala da “abolição” do Estado burguês pela revolução proletária, ao passo que as suas palavras sobre o definhamento e a “morte” do Estado se referem aos vestígios do Estado proletário, que subsistem depois da revolução socialista. Segundo Engels, o Estado burguês não “morre”; é “aniquilado” pelo proletariado na revolução. O que morre depois dessa revolução é o Estado proletário ou semi-Estado”.

Note-se bem o pensamento teórico de Lenin: O proletariado “aniquila” o Estado burguês pela revolução. Não morre, porém. O que morre, depois, é o Estado ou semi-Estado proletário, que substitue o Estado burguês. E este subsiste, depois da revolução, apenas em *vestígios*.

Dois pontos importantes transparecem aqui e que representam a divergência entre o pensamento anarquista e o marxista, que desde já precisam ser estabelecidos para a compreensão final do pensamento anarquista e da polêmica, que há tanto tempo vem sendo travada entre aquela doutrina e a dos marxistas.

1 Com a revolução proletária o Estado burguês é *aniquilado*.

2 O Estado proletário tem apenas *vestígios do Estado, e define*.

Há, portanto, *aniquilamento* do Estado burguês e *definição* do Estado proletário, que o substitue:

“O Estado — prossegue Lenin — é uma força especial de repressão”. Esta notável e profunda definição de Lenin é de uma absoluta clareza. Dela resulta que essa “força especial de repressão” do proletariado pela burguesia, de milhões de trabalhadores por um punhado de ricos, deve ser substituída por uma “força especial de repressão” da burguesia pelo proletariado (a ditadura do proletariado). É nisso que consiste a “abolição do Estado como Estado”. É nisso que consiste o “acto” de posse dos meios de produção em nome da sociedade. Consequentemente, essa substituição de uma “força especial” (a da burguesia) por outra “força especial” (a do proletariado) não pode equivaler para aquela a um “definição”.

Aquí já se caracteriza outra nota da teoria marxista do Estado, e a mais importante de todas, a *ditadura do proletariado*. Esta é a força de opressão à burguesia pelo proletariado. Nisso, esclarece Lenin, é que consiste a “abolição do Estado como Estado”.

Lenin esclarece como e quando se processará o “definição”:

“Esse “definição” ou, para falar com mais relevo e cor, essa “letargia”, coloca-a Engels, claramente, no período posterior ao “acto de posse dos meios de produção pelo Estado, em nome da sociedade”, posterior, portanto, à revolução socialista. Todos nós sabemos que a forma política do “Estado” é, então, a plena democracia. Mas, nenhum dos

oportunistas, que impudentemente desvirtuam o marxismo, concebe que Engels se refira à “letargia” e à “morte” da democracia. A primeira vista, parece estranho; mas, só é incompreensível para quem não reflete que a democracia é também Estado e, por conseguinte, desaparecerá quando o Estado desaparecer. Só a revolução pode “abolir” o Estado burguês. O Estado em geral, isto é, a plena democracia, só definhamento”.

Verifica-se, assim, que, segundo, Engels e Lenin, o definhamento processa-se *depois* da posse dos meios de produção pelo Estado. Estabelecida a expropriação, inaugura-se o período do “definhamento”. Isto na parte teórica do marxismo. Quanto à prática veremos depois.

Quanto ao esclarecimento de Lenin sobre a *democracia* é claramente incluído no pensamento marxista do Estado.

Outra característica é o emprego da violência como forma de destruição do Estado burguês. Não que a violência seja desejada pela violência, mas como resultante fatal da resistência que oporá a burguesia por seus órgãos, de direcção ao pleno desenvolvimento da revolução, pois historicamente se sabe que nenhuma classe cede sua posição de mando pacificamente, sem luta. Aquí, mais uma vez, para explanação da doutrina marxista, servimo-nos das palavras de Lenin:

“Já dissemos que a doutrina de Marx e Engels sobre a necessidade da revolução violenta se refere ao Estado burguês. Este só pode, em geral, ceder lugar ao Estado proletário (ditadura do proletariado) por meio da revolução violenta e não por meio do “definhamento”. A apologia que Engels faz da revolução violenta está plenamente de acordo com as numerosas declarações, altivas e categóricas, de Marx (lembremo-nos do final de “A Miséria da Filosofia” e do “Manifesto Comunista”) sobre a inevitabilidade da revolução violenta; lembremo-nos da crítica ao programa de Gotha em 1875, quase trinta anos mais tarde, em que Marx flagela desapiedadamente o oportunismo. Essa apologia de Engels não é, decerto, o produto do “entusiasmo”, nem das necessidades da declaração ou da polêmica. A essência

de toda a doutrina de Marx e de Engels é a necessidade de inocular sistematicamente nas massas essa ideia da revolução violenta. É a omissão dessa propaganda, dessa agitação, que marca com mais relevo a traição doutrinária das tendências social-patrióticas e kautskistas.

A substituição do Estado burguês pelo Estado proletário não é possível sem revolução violenta. A abolição do Estado proletário, isto é, a abolição de todo e qualquer Estado, só é possível pelo “definhamento”.

Os socialistas libertários em geral, também pensam assim: só a revolução possibilitaria a destruição do Estado burguês. Para eles a “revolução”, na linguagem política e social — e também na linguagem popular — é um movimento geral através do qual um povo ou uma classe, saindo da legalidade, e transformando as instituições vigentes, despedaçando o pacto leonino imposto pelos dominadores às classes dominadas, com uma série mais ou menos longa de insurreições, revoltas, motins, atentados e lutas de toda espécie, abate, definitivamente o regime político e social ao qual até então estava submetido e instaura uma ordem nova, como diz Fabri, anarquista, e prossegue:

“Combatidos por todos, lutamos sempre dentro de nosso programa e dele não nos afastamos um passo. Essa a nossa fraqueza, mas também a nossa força. Os anarquistas tem um escasso espirito de partido; não se propõem nenhum fim imediato que não seja a extensão de sua propaganda. Não são um partido de governo, nem um partido de interesses a menos que, por interesse, não se entenda o pão e a liberdade para todos os homens mas somente um partido de ideias. Esta a sua debilidade, pois lhe está vedado todo êxito material, e os outros, ou mais astutos ou mais fortes, exploram e utilizam os resultados parciais de sua obra.

Mas é também a força dos anarquistas, pois só afrontando as derrotas, eles — os eternos vencidos — preparam a vitória final, a verdadeira vitória. Não tendo interesses próprios, pessoais ou de grupo, para fazer valer e rechasando toda pretensão de domínio sobre a multidão, em cujo

meio vivem e do qual compartilhem as angústias e as esperanças, não dão ordens que depois devem obedecer, não pedem nada, mas dizem: Vossa sorte será tal qual a quiserdes; a salvação está em vós mesmos; conquistai-a com vosso melhoramento espiritual, com vosso sacrifício e vosso risco. Se quiserdes, vencereis. Nós não queremos ser na luta mais que uma parte de vós mesmos” .

## ESQUEMA DA TEORIA MARXISTA DO ESTADO

Estado { não existiu sempre — Houve sociedades sem Estado.  
Organismo posterior, implica divisão da sociedade com classes antagônicas e irreconciliáveis.

Ao desaparecerem as classes e, conseqüentemente, seu antagonismo e irreconciliabilidade, processa-se o desaparecimento inevitável do Estado.

### *Características do Estado*

- a) uma força interna *não imposta do exterior*;
- b) produto de certa fase de desenvolvimento da sociedade embaraçada numa insolúvel contradição interna, que gera antagonismos inconciliáveis;
- c) necessidade de uma força para atenuar o conflito nos limites da “ordem” — colocação superior dessa força, e seu afastamento cada vez maior;
- d) organização da força armada, independentizada da população, homens armados, prisões, instituições coercitivas;
- e) funcionalismo.

### *Revolução proletária*

#### *Fases*

- a) aniquilamento do Estado burguês (pela forma violenta e revolucionária)
- b) definimento dos *vestígios do Estado* proletário que o substitui.

*Características dos vestígios do Estado proletário:*

- a) ditadura do proletariado;  
o definhamento começa a processar-se *depois* da posse dos meios de produção;

Lenin combate:

- os "pseudo-revolucionários" {
- a) colaboracionistas
  - b) e os que desejam vencer *democraticamente*, na sociedade burguesa.

## AS EXPERIÊNCIAS DAS REVOLUÇÕES PARA OS MARXISTAS

No Manifesto Comunista expõem Marx e Engels:

“Esboçando a largos traços as fases do desenvolvimento proletário, expusemos a história da guerra civil, mais ou menos latente na sociedade, até a hora em que se transforma em revolução aberta e em que o proletariado funda a sua dominação pela derrubada violenta da burguesia...

Como vimos acima, a primeira etapa da revolução operária é a constituição (literalmente: a elevação, *Erhebung*) do proletariado em classe dominante, a conquista da democracia.

O proletariado aproveitará a sua supremacia política para arrancar, pouco a pouco, todo o capital à burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, isto é, do proletariado organizado como classe dominante, e para aumentar o mais rapidamente possível a quantidade das forças produtoras”.

Estabeleçamos aqui um parêntese importante: Para Marx o *Estado é o proletariado organizado como classe dominante*. E Lenin, em sua obra citada comenta:

“O proletariado tem necessidade de um Estado, repisam todos os oportunistas, os social-patriotas e os kautskistas, afirmando ser essa a doutrina de Marx, mas “esquecendo-se” de acrescentar: primeiro, que o proletariado, segundo Marx, só tem necessidade de um Estado em definhamento, isto é, constituído de tal forma que comece sem demora a definhar e que não possa deixar de definhar; depois, que o Estado de que os trabalhadores precisam não é outra coisa senão “o proletariado organizado como classe dominante”.

Para Lenin o Estado será “constituído de tal forma que comece sem demora a definhar, e que não possa deixar

de definhar". Eis o teórico; na prática, os bolchevistas não procederam assim. Quando as massas revoltadas, na Rússia, destruíram a máquina do Estado, e iniciaram, por conta própria, a expropriação, os bolchevistas criaram os maiores embaraços sob o pretexto de evitar "desordens", e outros pretextos, e o definhamento do Estado não se processou "sem demora", mas ao contrário, surgiu a hipertrofiação do Estado pelo aproveitamento dos quadros administrativos burgueses, pela centralização absorvente da administração, pela instalação de uma policia férrea, pela instalação do exército permanente, pelo desarmamento do povo, anteriormente permitido e preconizado, pela dissolução das forças de voluntários, pelo impedimento de toda organização livre de produtores e consumidores o que, desde o início, se tentou organizar de modo impressionante na Rússia. Por que? Não se deve culpar os bolchevistas de tudo. Reconhecem os socialistas, adversários do marxismo, que há razões históricas que condicionaram essa hipertrofia não prevista teoricamente, mas prevista pelos socialistas libertários, sobretudo os anarquistas, como ainda veremos.

Além do definhamento que deveria ter-se processado "sem demora", caracteriza Marx e Engels que o "Estado seria, então, o proletariado organizado como classe dominante", aceitando, portanto, a permanência ainda de outras classes, por algum tempo, mas sempre em minoria, e enfraquecidas.

Mas que classes permanecem na sociedade e devem ser subjugadas? Lenin responde:

"Evidentemente, só a classe dos exploradores, a burguesia. Os trabalhadores só têm necessidade do Estado para quebrar a resistência dos exploradores, e só o proletariado tem envergadura para quebrá-la, porque o proletariado é a única classe revolucionária até o fim, e capaz de unir todos os trabalhadores e todos os exploradores na luta contra a burguesia, afim de a suplantarem definitivamente".

Mas a quem cabe o grande papel da derrocada da burguesia? Responde Lenin:

"A derrocada da dominação da burguesia só é possível pelo proletariado, única classe cujas condições econô-

micas de existência a tornar capaz de preparar e realizar essa derrocada. O regime burguês, ao mesmo tempo que fracciona, dissemina os camponeses e todas as camadas de pequena burguesia, concentra, une e organiza o proletariado. Em virtude do seu papel econômico na grande produção, só o proletariado é capaz de ser o guia de todos os trabalhadores e de todas as massas que, embora tão exploradas, escravizadas e esmagadas quanto ele, e mesmo mais do que ele, não são aptas para lutar independentemente por sua emancipação.

E' interessante salientar-se a opinião de Lenin quanto ao proletariado. Embora julgue ele a classe mais revolucionária da sociedade, o que não é sempre uma constante histórica, pois há momentos de mais ou de menos revolucionarismo do proletariado, cujo conceito não é suficientemente claro para os marxistas. — reconhece a possibilidade de existir na sociedade massas tão exploradas e escravizadas e esmagadas quanto o proletariado, e *até mais do que ele*, as quais não são aptas, porém, para lutar independentemente do proletariado.

Prossegue Lenin:

“A doutrina da luta de classes, aplicada por Marx ao Estado e à revolução socialista, conduz fatalmente a reconhecer a supremacia política, a ditadura do proletariado, isto é, um poder proletário exercido sem partilha e apoiado directamente na força das massas em armas”.

Mais adiante dá um papel de dirigente ao marxismo, como partido de vanguarda do proletariado, como o proletariado mais clarividente da situação. E o poder proletário, que deveria apoiar-se *directamente* na força das massas em armas, passa-se, no caso russo, a apoiar-se numa organização policial e num exército, enquanto o povo é desarmado.

Assim, o monopólio das armas passa para o Estado que não é mais o proletariado, mas sim constituído por representantes e por uma burocracia, a mais numerosa e mais forte que a história regista. Não cabe aqui, ainda, examinar esses aspectos da chamada “ditadura do proletariado” na Rússia.

Queremos, por enquanto, apenas registrar o pensamento marxista sobre o tema do Estado.

Marx, citado por Lenin, critica a centralização do Estado francês em seu "18 Brumário de Luís Bonaparte", e tem palavras como estas:

"Esse poder executivo, com a sua imensa organização burocrática e militar, com o seu mecanismo complicado e artificial, esse exército de mais de meio milhão de funcionários, esse espantoso parasita que, como uma rede, envolve o corpo da sociedade francesa e lhe tapa todos os poros, nasceu na época da monarquia absoluta, no declínio do feudalismo que ele ajudou a precipitar".

E que diria Marx dos 15 milhões de burocratas russos?

E acrescenta Lenin: A primeira revolução francesa desenvolveu a centralização. E prossegue citando Marx:

"Mas, ao mesmo tempo, precisou aumentar a extensão, as atribuições e o número de auxiliares do poder governamental. Napoleão completou esse mecanismo. A monarquia legítima e a monarquia de Julho nada lhe acrescentaram de novo, salvo uma maior divisão do trabalho...

Por fim, a república parlamentar, na sua luta contra a revolução, viu-se obrigada a reforçar, com suas medidas repressivas, os recursos e a centralização do poder governamental. Todas as subversões aperfeiçoaram essa máquina, em vez de a despedaçarem. Os partidos que, cada qual por seu turno, lutavam pela supremacia, viam no acto de posse desse enorme edifício a presa principal do vencedor".

E comenta:

"Nesse notável raciocínio, o marxismo realiza um progresso considerável em relação ao Manifesto Comunista. A questão do Estado era ainda posta, no Manifesto, de uma forma muito abstracta, nos termos e expressões mais gerais. Aquí, a questão se põe concretamente e a dedução é inteiramente precisa, bem definida, praticamente tangível: todas as revoluções anteriores não fizeram senão aperfeiçoar a máquina governamental, quando o necessário é abatê-la, quebrá-la".

Precisamente o que era criticado nas revoluções anteriores é o que se processou depois na revolução russa. O bolchevismo, em vez de abater, quebrar a máquina governamental, centralizou-a ainda mais, e substituiu a livre iniciativa revolucionária do proletariado pela iniciativa centralizada no governo.

Mas citemos ainda Lenin:

“O poder centralizado do Estado, característico da sociedade burguesa, nasceu na época da queda do absolutismo. As duas instituições mais *típicas* dessa máquina governamental são a burocracia e o exército permanente. Marx e Engels falam várias vezes, em suas obras, das inúmeras ligações dessas instituições com a burguesa”.

O poder centralizado do Estado, a burocracia e o exército permanente são características da sociedade burguesa. Mas são também do Estado marxista instalado na Rússia. E Lenin, referindo-se à experiência do proletariado ao poder centralizado, à burguesia e ao exército permanente, dizia que cada trabalhador conhece essa ligação, porque a classe aprende a conhecê-la à sua própria custa. Sabe o porque da inevitabilidade desses laços, que os democratas burgueses renegam por ignorância e por irreflexão, quando não têm a leviandade ainda maior de a reconhecer “em geral”, esquecendo-se de deduzir as consequências práticas.

A burocracia e o exército permanente são “parasitas” da sociedade burguesa, parasitas engendrados pelos antagonismos internos que esfacelam essa sociedade, parasitas que tampam os poros da vida. Kautsky, considerava-se essa teoria do Estado parasitário como própria dos anarquistas e somente dos anarquistas. Lenin afirmava como também dos marxistas, os quais reconheciam as características fundamentais do Estado burguês.

Nunca um Estado proletário pode fundar-se num exército permanente e numa burocracia, afirmava com ênfase Lenin. Pois então, a Rússia não é um Estado proletário. Quem afirma é Lenin.

*ESQUEMA*

O “definhamento” para os marxistas processa-se imediatamente após a vitória revolucionária do proletariado.

Ao proletariado cabe a destruição da burguesia como classe.

Centralização do poder burocrático,  
polícia e exército permanente

{ Características *próprias* do *Estado burguês*, para Lenin.

## O ESTADO PARA OS SOCIALISTAS LIBERTÁRIOS E ANARQUISTAS

O conceito anarquista do Estado é:

“O Estado — isto é, a instituição governativa que faz as leis e as impõe por meio da força coercitiva, com a violência ou a ameaça tem uma vitalidade própria e constitui, com seus componentes estáveis ou eletivos, com seus funcionários ou magistrados, com seus policiais e com seus clientes, uma verdadeira e própria casta social à parte, dividida em tantas castas quantas sejam as ramificações de seu poder; e esta classe tem seus interesses especiais, parasitários ou usurários, em conflito com os da colectividade restante, que o Estado pretende representar”.

“Este imenso polvo é o inimigo natural da sociedade, da qual absorve sua alimentação. Ainda num regime capitalista, onde o Estado é o aliado natural e a garantia material, armada, dos privilégios econômicos, não são somente os trabalhadores conscientes que vêm, no Estado, um inimigo; também uma parte da burguesia sente aversão pelo Estado, pois vê no governo um competidor, que a rouba, com a fiscalização, uma parte de seus benefícios e lhe impede desenvolver e exercer mais além de seus limites sua função exploradora”. (Fabbri) E bastava citar os exemplos de Bastiat e de Spencer. Escrevia Malatesta há quarenta anos atrás: “Não se deve dizer que, quando deixem de existir as classes privilegiadas, o governo não poderá ser outra cousa que o órgão da vontade colectiva; os governantes constituem por si mesmos uma classe, e entre eles se desenvolve uma solidariedade de classe muito mais poderosa que a existente entre as classes, fundadas sobre privilégios econômicos. E’ verdade que hoje o governo é o servo da burguesia, mas não precisamente por que seja governo, mas por que seus membros são burgueses; por outra parte, enquanto go-

• verno, ele, como todos os criados, engana a seu patrão e o rouba.

O que está no poder quer permanecer ali, e quer, a qualquer preço, fazer prevalecer sua vontade, e posto que a riqueza é um instrumento efficacíssimo de poder, o governante se não abusa também e não rouba pessoalmente, fomenta, à sua volta, o surgimento de uma classe que lhe deverá seus próprios privilégios e que estará interessada em sua permanência no poder. Os partidos do governo são, no campo político, o que são as classes possuidoras no campo econômico.

Propriedade individual e poder político são os dois anéis da cadeia que oprime a uma cidade. Não é possível libertar-se de um deles sem libertar-se do outro. Aboli a propriedade individual, sem abolir os governos e aquela se constituirá por obra dos governantes. Aboli o governo, sem abolir a propriedade individual, e os proprietários reconstituirão o governo.

Quando Engels, talvez para resguardar-se da crítica anarquista, dizia que, desaparecidas as classes, o Estado propriamente dito não tem razão de ser e se transforma, de governo dos homens em administração das cousas, não fazia mais que um vão jogo de palavras. Quem tem o domínio sobre as cousas tem o domínio sobre os homens; o que governa a produção governa os produtores. Quem mede o consumo, é o senhor dos consumidores.

O problema é este: ou as cousas são administradas, segundo os livres acordos dos interessados, e por parte dos próprios interessados, e em tal caso se realiza a anarquia, ou as cousas são administradas, segundo as leis feitas pelos administradores, e, então, existe o governo, o Estado, que fatalmente se torna tirânico”.

Nunca os anarquistas se iludiram nem se empolgaram com as promessas dos socialistas autoritários, que pretendem substituir um Estado por outro, com a promessa de que este definharia logo a seguir. O fortalecimento crescente do novo Estado, sua centralização, seu poder cada vez maior, foi o que eles previram. E realmente a história veio dar-lhes razão. Tudo quanto sucedeu à Rússia, anos antes da

revolução e nos dias agitados desta, foi previsto pelos anarquistas, como ainda veremos.

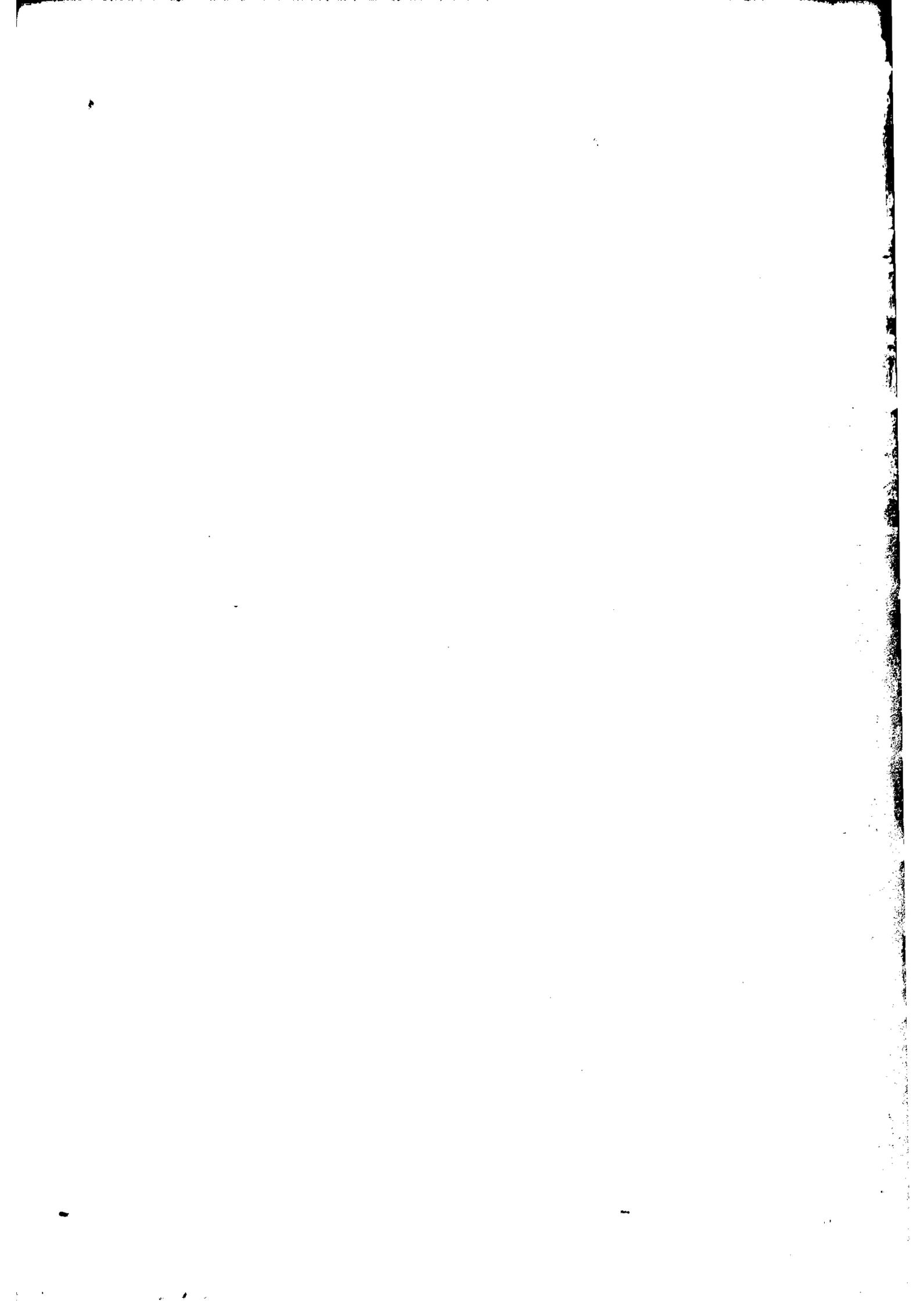
Os anarquistas previram que Lenin seria vítima de seu Estado e, depois dele, Trotsky, e todos os outros, que estiveram desde a primeira hora na vanguarda da Revolução. A vitória de Stalin foi prevista por Malatesta e por Fabbri, e por muitos outros. Sua falta de escrúpulos e seu desejo oriental de poder, transformá-lo-iam no mais poderoso dos ditadores. Os factos confirmaram tudo, depois.

Os socialistas libertários não crêem que a Revolução social se faça através do Estado, seja este qual for. Não se trata de substituir uma dominação por outra, como sucedeu tantas vezes na história, mas abolir o domínio do homem sobre o homem, a exploração do homem sobre o homem, representada no próprio Estado. A luta contra este é, portanto, a principal acção. E podemos terminar com as palavras de Fabbri escritas nos dias da Revolução de Outubro:

“A ditadura, que é o Estado sob a forma de governo absoluto e centralizado, embora tome o nome de proletária ou revolucionária, é, no entanto, a negação da revolução. Depois que as velhas dominações tenham sido abatidas, o Estado tirânico renascerá de suas cinzas”.

|                          |   |   |
|--------------------------|---|---|
| Marxista é aquele<br>que | { | <ul style="list-style-type: none"> <li>a) reconhece a luta de classes;</li> <li>b) reconhece a ditadura do proletariado;</li> <li>c) admite a supressão de todas as classes e a formação de uma sociedade sem classes.</li> </ul> |
|--------------------------|---|---|

|  |   |  |
|--|---|--|
| Socialistas libertários (anarquistas) etc. | { | <ul style="list-style-type: none"> <li>a) o Estado é sempre ditadura;</li> <li>b) A revolução não pode ser processada pelo Estado, mas pelo próprio povo;</li> <li>c) quem administra as coisas, administra os homens;</li> <li>d) a supressão das classes não pode processar-se através do Estado, que cria novas classes.</li> </ul> |
|--|---|--|



## PODE A DITADURA SER UMA ESCOLA DE LIBERDADE?

Antes da revolução russa, não se tinha uma ideia concreta do que seria a chamada "ditadura revolucionária do proletariado". Os escritores socialistas divergiam quanto à visão dos acontecimentos futuros. Enquanto uns falavam em constituinte revolucionária, em república social, outros falavam em ditadura ou até em democracia operária. Os factos processados na e durante a revolução russa vieram apenas confirmar aquilo que alguns socialistas mais esclarecidos previam com a instalação de um novo Estado proletário. Durante os primeiros anos da revolução russa, quando a burguesia internacional armada tudo envidava para destruir a revolução e impor à Rússia sua vontade, a posição dos anarquistas foi a de colocar-se ao lado do proletariado insurreto, lutar contra a burguesia, e tudo envidar para que a revolução não conhecesse compassos de espera perigosos, sempre aproveitados pelos oportunistas e ambiciosos de todos os tempos. A preocupação crescente e dominante dos anarquistas era evitar a crítica ao que se passava na Rússia, evitar, nessa crítica, a análise dos actos governamentais perigosos, para impedir, assim, que ela fosse servir de elemento de propaganda para os eternos inimigos do proletariado. No entanto, muitas foram as vozes que se ergueram antes e durante a revolução, vozes de bom senso, vozes honestas, que procuravam por todos os meios fazer ver aos dirigentes do movimento bolchevista, que eles, na prática, não estavam realizando sua teoria, e estavam preparando a armadilha que iria servir, depois, para enlear muitos deles. A história nos ensina uma verdade, uma grande verdade, para a qual temos sempre os nossos olhos voltados, diziam os anarquistas. Não nos iludamos nunca com as exclamações de boa vontade, nem com as declara-

ções de sinceridade revolucionária. Sabemos que há homens bem intencionados e revolucionários honestos entre os nossos adversários, mas sabemos, também, que eles, colocados em postos de mando, tornam-se finalmente iguais aos outros, opressores como os outros. Nós, que renunciamos a toda e qualquer função de mando, não o fazemos por um gesto de renúncia idealista. Fazemos num gesto de vontade e por sabermos que se a nós nos fosse dado o poder, e nós o aceitássemos, ao mesmo tempo que deixaríamos de ser anarquistas, nos transformaríamos, pela força das circunstâncias, em novos opressores dos nossos camaradas. Assim a nossa crítica não representa a estúpida e ingênua acusação tão comum nos meios dos socialistas, prosseguem os anarquistas, de que entre nós estejam os melhores homens e os piores entre os nossos adversários. Não! Entre nós, como entre eles, há homens, e esses homens, impulsionalizados por sua vontade de potência, transformada na luta em desejo de dominar e mandar, transforma-os de idealistas e revolucionários sinceros em opressores de seus irmãos e camaradas.

Logo no início da revolução russa muitos escritores socialistas libertários perceberam os erros que estavam sendo cometidos. Chamaram a atenção para eles, enquanto punham todas as suas forças na defesa da revolução. Eram vozes que se erguiam, cheias de boa vontade e de experiência, enquanto tudo era feito para evitar que a revolução sofresse uma derrota fatal.

Entregar "todo o poder aos Soviets" é perigoso, mas o aceitamos, declaravam os anarquistas, porque os Soviets não são criação de um partido político, mas uma espontânea realização do povo russo. Se o poder permanecesse nele, o perigo para a revolução seria muito menor. Mas os bolchevistas, organizados em partido, ambicionavam o poder. E, com o tempo, deu-se o que os anarquistas previram: os soviets perderam o poder, transferindo-o para a organização burocrática do Estado, que monopolizou o mando supremo. E depois viria a outra fase: o aniquilamento dos partidos de oposição. Todos os compromissos assumidos com os anarquistas e os socialistas revolucionários foram postos

de lado, e estes foram massacrados aos milhares para que somente os bolchevistas pudessem dirigir, e nenhuma voz mais se erguesse. Foi a terceira fase. Mas a quarta era inevitável; a centralização crescente do poder nas mãos de um grupo de homens do partido, de uma elite. E, em pouco tempo, o partido bolchevista desapareceu, e perdeu a sua chamada democracia interna, e a direção de cima para baixo tornou-se absoluta. Um grupo dirigia a vontade e a consciência de todo um povo. Mas viria a quinta fase fatal, que os anarquistas previram: o ditador. E veio. Lenin assumiu todo o poder, sua vontade reinava soberana. Mas Lenin não seria ainda, a última fase. Outro viria após a sua morte que ainda assumiria mais poder. E sucedeu a *sexta fase*: o poder absoluto de um dirigente. E após a morte de Lenin, a luta travou-se pelo poder. E a revolução começou a devorar os filhos. Vencedor, Stalin foi inexorável para com todos os que lhe fizeram frente e os que não caíram sob as balas dos pelotões assassinos, gelaram nas regiões perdidas da Sibéria ou conheceram o exílio, depois. O bonapartismo é a *sétima fase* prevista para o bolchevismo, e não está muito longe. Tudo isso não foi demonicamente criado. Foi a consequência das circunstâncias históricas. Sabíamos, dizem os anarquistas, que tal sucederia, quando vimos a revolução não seguir o caminho teoricamente traçado por Lenin em "O Estado e a Revolução". Sabíamos que o depercimento do Estado não se processaria logo após a quebra do Estado czarista, mas que o Estado proletário iria conhecer uma hipertrofia crescente até se transformar na forma de opressão maior que conheceu a história. Nietzsche dizia que se os socialistas um dia governassem a sociedade, fariam leis mais duras e terríveis que quaisquer outros, por mais que falassem na liberdade. E então, dizia ele, "o mundo conhecerá a mais terrível e opressora forma de governo".

Nós também sabíamos e os factos vieram confirmar posteriormente as nossas previsões.

\*

\* \*

Os frutos da revolução russa não devem ser desprezados e nos devem servir para que estudemos novamente, e com acuidade, os problemas surgidos ao movimento socialista.

Durante os primeiros anos da revolução russa. Fabbri escrevia estas palavras:

“Rússia está experimentando, uma vez mais, uma orientação autoritária da revolução. Quais são os frutos e as lições da mesma? Uma resposta definitiva só poderá ser dada quando todas as fronteiras se abram e possamos ter relações com nossos companheiros dali, e ouvir os testemunhos mais sérios segundo nosso ponto de vista.

Não obstante, desde já podemos verificar muitas coisas e tirar muitas deduções.

A Rússia proletária, em sua revolução, seguiu um pouco a mesma trajectória que seguiu a revolução burguesa de França em 1789: derrocada do governo, com a ajuda de uma parte das tropas, tentativas de acomodamento, primeiro constitucionais e depois republicanos, sempre mais avançados. Mas afinal, com a queda do governo burguês — que em França teria correspondido em 1793 ao triunfo dos hebertistas, os quais, ao contrário, foram guilhotinados — as cousas tomaram um aspecto diverso. Isto é, o aspecto foi diverso no sentido de terem subido ao poder os representantes dos proletários, os partidários da igualdade econômica; mas, no terreno político, quanto ao que respeita à formação do governo, este assumiu um caracter muito parecido ao centralista e ditatorial dos jacobinos e de Robespierre.

Na polémica com os anarquistas, os socialistas e comunistas costumam frequentemente chamar aqueles de *jacobinos*; mas não se compreende porque. A orientação jacobina da revolução é precisamente a preconizada pelos socialistas partidários da ditadura proletária. Pode dizer-se, com efeito, que foram os jacobinos os que criaram a primeira ditadura revolucionária. Quem goste das semelhanças históricas pode, portanto, dizer que os comissários do povo, com Lenin à cabeça, são na Rússia o que foi em França o “Comité de Salut Publique”, com Robespierre à frente; e os Soviets locais russos, com o Soviet Central de Moscou”,

são o que eram as sociedades e os clubes jacobinos nos vários pontos de França com a Sociedade *mater* de Paris, na cabeça.

A semelhança, ademais, foi aceita também por Lenin quando em 1904 os mencheviques russos acreditavam ofendê-lo, acusando-o de jacobinismo. “O jacobino — respondia — que une seu destino ao da classe social mais avançada de seu tempo, a do proletariado, é o revolucionário social-democrata”. Quatorze anos depois, a 6 de setembro de 1918, num discurso na assembleia do Soviet de Petrogrado, no dia seguinte ao atentado contra Lenin, um dos homens mais importantes do movimento bolchevista, Zinovieff, morto como traidor, fazia a apologia, recordando a resposta mencionada, e acrescentando: “A figura do proletário-jacobino Lenin escurecerá a recordação dos mais famosos jacobinos da grande revolução francesa”. Os nomes novos, os barbarismos introduzidos na linguagem socialista, não deve esconder-nos a essência das cousas. Os bolchevistas não são mais que a fração majoritária do partido marxista russo, chamado social-democrático antes da guerra; e esta fração é uma das tendências mais autoritárias e centralistas do socialismo internacional, a mesma contra a qual polemizaram continuamente os anarquistas, desde os tempos de Bakunin em diante”.

A própria Rosa Luxemburgo, em 1918 dizia para Lenin e para Trotsky:

“O Socialismo “não pode ser outorgado por dentro... por uma dezena de intelectuais reunidos em torno de um pano verde... Algumas dezenas de chefes, de uma energia infatigável e de um idealismo sem limites, dirigem o governo e, entre eles, os que governam de facto são uma dezena de cabeças eminentes, enquanto que a elite da classe operária é convocada, de tempos em tempos, para reuniões com o fim de aplaudir os discursos dos chefes e de votar unânimemente as resoluções que lhe são apresentadas”.

Isso, no fundo, diz ela, é um governo de grupo, uma ditadura... “de um punhado de figurões”, uma “ditadura no sentido burguês”.

É como se tamanha previsão não fosse bastante, a grande revolucionária a completava com este pressentimento ainda mais impressionante: "Um tal estado de coisas deve provocar necessariamente uma barbarização da vida pública".

É oportuno recordar as palavras de Fabbri, escritas em 1921:

"Confunde-se frequentemente bolchevismo com soviétismo, devido à impressão que adquirem estas duas palavras, transportadas tal e qual, em lugar de ser traduzidas nos outros idiomas. O bolchevismo não é mais do que uma doutrina de partido e este partido é o marxismo revolucionário. O soviétismo é muito diferente: um sistema prático de organização das relações obreiras e revolucionárias, o modo de prosseguir a vida social ainda em tempo de revolução e depois de derruir o poder, quer de acordo com o novo poder, quer independentemente dele. De certo modo, os soviets, na Rússia, se tornaram bolchevistas, porque, especialmente, nas grandes cidades, os bolchevistas constituíram maioria em seu seio e puderam, assim, impor o seu sistema aos outros, por meio do poder político, conquistado pelo proletariado industrial nos grandes centros.

Isto não quer dizer que os soviets sejam ao mesmo tempo bolchevistas. Todos recordarão que, precisamente no princípio da recente revolução russa, alguns deles eram socialistas revolucionários, outros menchevistas, havia outros mais moderados ainda, e alguns mais avançados, e até em muitos lugares exerciam os anarquistas uma influência preponderante.

Os soviets nasceram na realidade independentemente do bolchevismo; surgiram do espírito de iniciativa dos operários das cidades e dos campos, aguilhoados pela necessidade de prover imediatamente, e de modo orgânico, as necessidades práticas da revolução, as relações, a alimentação das massas, a produção, o armamento, etc. Tinham a organização mais simples, que poderia dizer-se federalista ou autonomista, embora permanecendo cada um em relação com os outros para as necessidades da vida social no próprio povoado, bairro ou cidade. O acordo entre os vários so-

viets fazia-se sobre bases igualitárias e sem coerções de uns sobre os outros.

A breve experiência de 1905 foi sumamente útil. Apenas estalada a segunda, e esta vez vitoriosa revolução em massa de 1917, os soviets se reconstruíram de uma maneira mais ampla, até abarcar, com uma espessa rede, toda a Rússia. Seus caracteres próprios, ligeiramente esboçados e não bastante claros há doze anos atrás, concrecionaram-se e delinearam-se muito melhor ainda. A nova instituição fez-se tão forte que nenhum governo teria podido existir sem ser, ao menos, tolerado por ela. Os bolchevistas bem compreenderam isto, e trabalharam sistematicamente para adquirir nela uma maioria efectiva, pelo menos nas cidades mais importantes e mais populosas, onde, por outra parte, o predomínio do proletariado industrial já inclinado a segui-los, facilitava-lhes as tarefas e onde era, também, mais fácil apoderar-se do governo por meio de golpes e insurreições armadas”.

Cita ainda Fabbri as opiniões de um artista americano, Robert Minor, que se encontrava na Rússia, quando se deu a revolução, o qual dizia:

“A existência dos sóviets não se deve precisamente aos líderes bolchevistas, os quais não os criaram, nem os guiaram durante alguns meses, nem até quando eram considerados seus dirigentes.

Os bolchevistas encontraram os sóviets já constituídos, brotados do solo, por assim dizer, criação de milhares de inteligências, numa tentativa de regular as cousas sem necessidade do governo”.

E acrescenta Fabbri a estas palavras: “Esta origem espontânea e popular dos sóviets, não previsto nem preordenado por partido algum, é admitido também pelo conhecido escritor bolchevista Carl Radeck, segundo o qual, a ideia dos conselhos foi engendrada e formou-se do mesmo modo genial que a natureza gera e forma seus cristais.

Minor prosseguia: “Os originários sustentadores dos sóviets podem justamente ser chamados anarquistas e comunistas. A grande empresa consistia, pois, em apoderar-se dessa imensa força anárquica, domesticá-la e guiá-la”.

E Fabbri comenta: “Em suma os sóviets devem-se, mais do que nada, às tendências anárquicas das massas rurais; e se os bolchevistas conseguiram transformá-los em seus organismos de governo, isto não impede que a ideia sovietista, antiautoritária e federalista, contradiga e se choque com o espírito autoritário e centralizador do bolchevismo e, portanto, da concepção social-democrata e marxista da revolução. Também é verdade que os anarquistas russos, partidários e entusiastas dos sóviets, no período de sua formação original, encontram, na Rússia, a maior hostilidade propriamente nos bolchevistas, que devem à instituição dos sóviets seu poder e sua fortuna política. Isto só se pode explicar de uma maneira. Os anarquistas, defendendo a liberdade e a autonomia dos sóviets, contra a prepoderância do governo central, que está em mãos dos bolchevistas, impedem a estes consolidar-se e fazem assim menos “forte” a ditadura.

Certamente nas hostilidade para com os anarquistas não pode deixar de ter influido o antigo “ódio teológico” marxista, que ficou como herança nos bolchevistas, e que nunca se atenuou, mas que somente silenciou nos momentos em que a ajuda das forças anárquicas lhes era necessária para conquistar o triunfo. Especialmente Lenin não deixou escapar ocasião para falar com desprezo dos anarquistas e também com aquela mesma patente ignorância de suas ideias, que se encontra tão frequentemente nos escritores social-democratas. Assim, por exemplo, ele se satisfaz em atribuir ao anarquismo, copiando a Karl Marx na polémica sustentada contra Proudhon, um caracter pequeno-burguês que é bastante mais atribuível ao socialismo autoritário e parlamentar.

Proudhon, autor tão desordenado como enciclopédico, pode ser considerado como o último dos socialistas utópicos e o primeiro dos socialistas modernos, impròpriamente chamados “científicos”.

Deixou uma enorme produção intelectual, na qual uma parte é forte e originalmente anárquica, que lhe valeu o nome de “pai da anarquia”.

Mas há ainda toda uma parte utópica, na qual Proudhon propõe várias reformas e vários modos de chegar à solução.

no problema social, que nunca os anarquistas tornaram-na própria (e é aquela mais criticada por Marx), mas que foi literalmente saqueado pelo socialismo reformista, ao qual se podia, portanto, com toda a oportunidade atribuir o epíteto do marxista de “pequeno burguês”.

Podemos agora caracterizar, de maneira evidente, as diferenças profundas que se interpõem entre os socialistas libertários e os socialistas autoritários. A velha polêmica já tem um século e a experiência evidenciou o acerto das opiniões libertárias, bem como a evidência de que os autoritários são, na prática, completamente distintos da teoria.

Para os anarquistas não é a ditadura o que interessa, mas a revolução permanente, a oposição a toda a autoridade atribuída, a acção directa dos operários contra tudo quanto seja resíduo do antigo regime, e a instalação de associações livres de produtores e consumidores, que representarão a verdadeira transição da sociedade burguesa para a sociedade socialista. Lenin e seus sequazes conceberam sempre a ditadura no seu aspecto mais despótico. Acreditaram que seria a única capaz de modificar a estrutura social e para aqueles que julgam que o conceito de ditadura do proletariado é só um sinónimo de violência proletária, conciliável com a liberdade do movimento individual e colectivo da classe obreira e da força revolucionária em acção, basta reproduzirmos aqui o discurso pronunciado por Lenin no congresso pan-russo dos sóviets, em abril de 1918, que expõe claramente a concepção ditatorial, tão diferente daquela que anos antes da revolução era exposta em teoria:

“Se não somos anarquistas, devemos admitir a necessidade do Estado, quer dizer, da *coerção*, no período de transição do capitalismo ao socialismo. A forma de coerção será determinada pelo grau de evolução da verdadeira classe revolucionária, além das circunstâncias especiais como, por exemplo, a herança de uma guerra longa e reaccionária e as formas de resistência da burguesia e da pequena burguesia. *Não há portanto absolutamente nenhuma contradição de princípio entre a democracia dos sóviets e o uso de poder ditatorial por parte de algumas pessoas.* A distinção entre uma ditadura proletária e uma burguesia consiste nisto:

A primeira dirige seus ataques contra a minoria dos exploradores, em interesse da maioria explorada; e ainda mais, que a primeira, embora exercida por algumas pessoas, não só é atuada pela massa de trabalhadores explorados, mas também pelas organizações que se formaram com o propósito de elevar estas massas ao trabalho criador da história.

Os sóviets constituem parte desta classe de organizações.

Em merito à segunda questão sobre o significado do poder ditatorial e individual, sob o ponto de vista dos problemas específicos do período presente, nós devemos dizer que toda a grande indústria de maquinárias — que é a causa produtiva do material e a base do socialismo — exige *a mais ilimitada e rígida unidade da vontade, que dirige o trabalho* comum de centenaes de milhares e de dezenas de milhares de pessoas.

Esta necessidade é óbvia desde o ponto de vista histórico, técnico e econômico, e foi sempre reconhecida por todos aqueles que trouxeram algumas ideias ao socialismo como um requisito indispensável. Como podemos assegurar uma firme unidade de vontade? *Com a subordinação da vontade de milhares de pessoas à vontade de uma só.*

Esta submissão, se os participantes do trabalho comum são idealmente conscientes e disciplinados podem assemelhar-se à débil direcção de um diretor de orquestra; mas pode assumir a forma extrema de uma ditadura se falta a disciplina ideal e consciente. Mas, de qualquer modo, a subordinação indiscutível a uma vontade única é absolutamente necessária para o êxito do processo do trabalho organizado segundo o tipo da grande indústria mecânica. Isto é duplamente verdadeiro para as estradas de ferro.

E' precisamente esta passagem de um trabalho político a outro, que na aparência não tem semelhança com o primeiro, constitue a característica do período presente. A revolução rompeu apenas as mais antigas, as mais fortes, as mais pesadas cadeias, às quais foram as massas obrigadas a submeterem-se. Assim era ontem e hoje a própria revolução — e no interesse do socialismo, verdadeiramente — exige

absoluta submissão das massas à vontade única daqueles que dirigem o processo do trabalho”.

E Fabbri comentando este discurso escreve: “Como se vê, aqui não se trata de violência e de coacção contra os velhos dominadores e a supervivente burguesia apenas, mas é exercida também sobre as massas populares.

A ditadura de classe converte-se efectivamente na ditadura de um partido, na ditadura pessoal dos dirigentes desse partido, tanto no campo da organização política como no da organização econômica”.

Tudo isto comprova quão diferente da teoria é a prática dos socialistas autoritários. Estes “soi-disant” socialistas científicos, apesar de iluminados pela verdade, e de serem senhores do método mais científico quanto à observação dos factos sociais, nunca conseguem teorizar algo que a realidade posterior não desminta de modo flagrante. Vemos, assim, através dos factos e das palavras dos teorizantes do marxismo, a evolução de toda a doutrina proletária, atravessar as seis fazes acima descritas, para transformar-se, finalmente, na mais férrea das ditaduras, ante as quais, aquelas chamadas burguesas chegam a ser pálidas experiências opressoras. Quando a prática não confirma a teoria, é porque a teoria era apenas uma locubração, e lhe faltava os fundamentos reais, embora aparentemente chamados científicos por eles, mas afastados da grande realidade que é o homem com os seus apetites e seus impulsos, colocado no meio social, e que busca, apesar de empolgado por suas idéias mais puras, a realizar seus baixos apetites.

Sempre consideramos que pregar no socialismo as ideias autoritárias, que justificar a necessidade de uma ditadura, da alienação da liberdade individual e colectiva, em benefício de uma aparente realização melhor das nossas ideias, não criamos, assim, homens aptos para o uso futuro da liberdade, mas seres predispostos a aceitar novas algemas.

No exemplo alemão, um povo já historicamente educado para a alienação da liberdade, para a disciplina consciente ou não, toda a propaganda dos partidos do socialismo autoritário favoreceram o advento do nazismo.

Na Alemanha, não se lutou para transformar o povo alemão num povo de homens livres, capaz de repelir toda e qualquer tentativa de transformá-lo em rebanho. Ali, o socialismo autoritário não mostrou ao povo alemão a realidade da sua situação de oprimidos, e fortalecendo toda a história alemã e toda propaganda em prol da alienação da liberdade, o socialismo autoritário preparou as novas gerações alemãs a compreender que só se liberta de uma ditadura caindo noutra ditadura, e ao reconhecer psicologicamente a fatalidade da ditadura, tão evidenciada pela propaganda prática e teórica, o nazismo sobreveio à Alemanha, sem encontrar, a não ser dos socialistas libertários, uma reação à altura da dignidade humana.

## DITADURA E LIBERDADE

“Os partidários da ditadura proletária — diz Fabbri — caem num erro ao crer trazer um remédio, ao substituir mais ou menos a mascarada ditadura burguesa por aquela dos representantes dos trabalhadores.

E a nós, que afirmamos que se deve deixar a revolução desencadear-se com o máximo possível de liberdade, deixando o caminho aberto a todas as iniciativas populares, nos respondem com uma quantidade de objecções, que podem ser resumidas num sentimento único que, ademais, não são capazes de confessar nem sequer a si mesmo: o medo à liberdade.

Depois de terem exaltado o proletariado durante cinquenta anos, agora que está em vésperas de romper as suas cadeias, duvidam dele, reputam-no, no íntimo de seu pensamento, incapaz de administrar por si próprio seus interesses e pensam num novo freio que será preciso pôr-lhe para guiá-lo pela força para a libertação...

... Todas as objecções que apresentam os partidários da ditadura giram em torno deste principal argumento: a incapacidade da classe obreira para governar-se por si mesma, para substituir a burguesia na administração da produção, para manter a ordem sem o governo; quer dizer, reconhecem-lhe apenas a capacidade de eleger representantes e governantes”.

Os socialistas libertários são acusados de pequeno-burgueses porque crêem no proletariado e não nos intelectuais do partido apenas.

Os anarquistas respondem: “Uma das críticas mais contumazes dos marxistas consiste em chamar-nos de pequeno-burgueses. O anarquismo, para eles, é uma filosofia tipicamente pequeno-burguesa, proclamou um dia Lenin. E agora todos os seus corifeus e sequazes repetem a mesma

frase. E com essa afirmação julgam-se satisfeitos. Aliás, a pecha de pequeno-burgues é a grande arma polêmica da qual usam e abusam em suas questões, quer com os adversários socialistas de qualquer espécie, quer até com os próprios companheiros que um dia cometem o grande sacrilégio de discordar da acção infalível dos chefes, bafejados pelo espírito-santo da precieñcia absoluta. E' difícil, quando em polêmica com os bolchevistas, manter-se ela num terreno digno, por que eles descambam para o ataque pessoal, para a infâmia, para a acusação sórdida. Seguem o velho método do chefe que um dia disse que lançassem infâmias e mais infâmias sobre o adversário, porque alguma cousa havia de ficar.

Quando um de seus companheiros diverge, sobrevém logo a acusação: pequeno-burguês, fascista, contra-revolucionário, sempre manifestou tendências colaboracionistas, etc. E o homem endeusado da véspera, o "nosso grande companheiro", passa ser o canalha de hoje.

Todos os adversários dos bolchevistas são pequeno-burgueses ou burgueses ou fascistas. Ninguém pode ser revolucionário senão eles. Eles são os únicos filhos da revolução, os monopolizadores da revolução, os donos da revolução. Ingênua afirmativa, mas eternamente usada. Para a gente ignorante que os segue, pode isso causar efeito, mas para a grande maioria de proletariado revolucionário, tais afirmativas causam dó e têm servido apenas para criar abismos intransponíveis entre os adversários socialistas, naturalmente com grandes proveitos para as camadas dominantes. Aliás, o papel dos bolchevistas, nestes últimos vinte anos, tem sido admiravelmente executado: conseguiram, com bastante eficiência, dividir as forças do proletariado e fortalecer, com a sua acção, a burguesia internacional". E prosseguem:

"Mas, voltando à pecha de pequeno-burgueses, com que sempre brindam os socialistas libertários, devemos dizer aos marxistas o seguinte: uma análise bem singela da psicologia e da situação de classe do pequeno burguês, nos mostra que é uma camada entre duas classes: uma camada que teme tornar-se proletária, isto é, proletarizar-se, e que deseja as-

cender à situação da burguesia. Quando sente a impossibilidade de aburguesar-se, então revolucionariza-se. Aproxima-se do proletariado, torna-se socialista. Mas quando se torna socialista não afasta o olhar da posição de mando da burguesia. Deseja substituí-la. Ninguém, como ela, está à altura da posição de mando. Ela é a vanguarda consciente, porque ela sabe, é mais culta, mais inteligente. Ela é a vanguarda do proletariado. Então torna-se socialista, mas autoritária. O socialismo autoritário é tipicamente pequeno-burguês. E isto porque não acredita na capacidade criadora do proletariado, porque não acredita que este seja capaz de criar por si mesmo suas formas de vida. O pequeno-burguês não compreende como se possa fazer uma administração sem governo, isto é, sem ele. Como as massas humanas poderão se dirigir por si mesmas? E' necessária uma força coercitiva, que guie o proletariado, o povo, em suma, para a liberdade.

E nós, que acreditamos na força criativa das massas humanas é que somos os pequenos-burgueses. A quanto leva a dialéctica falsificada!..."

\*

\* \* \*

E diz Fabbri: "Mas os bolchevistas, partidários da ditadura, aceitam postulativamente a incapacidade da classe operária para governar-se por si mesma, "para substituir a burguesia na administração da produção, para manter a ordem sem o governo; quer dizer reconhecem somente a capacidade de eleger representantes e governantes". E acrescenta: "Naturalmente não declaram este conceito com as nossas próprias palavras; ao contrário, mascaram-no a si mesmos mais cuidadosamente que aos outros, com raciocínios teóricos diversos. Mas sua preocupação dominante é esta: que a liberdade é perigosa, que a autoridade é necessária para o povo, assim como os ateus burgueses dizem que a religião é necessária para não desviar-se ele do bom caminho... Aqueles que falam da ditadura como de um mal necessário no primeiro período da revolução — no qual,

pelo contrário, seria necessário um máximo de liberdade, não advertem que eles mesmos contribuem para torná-la necessária com sua própria propaganda. Muitas cousas se tornam inevitáveis à força de crer nelas e de querê-las como tais...

\*  
\*            \*  
\*

E os anarquistas prosseguem: "Nós sempre acreditamos que um erro gera outro, sobretudo no tocante à acção social. Por isso somos visceralmente éticos em nossas atitudes e por isso tão combatidos. Como não aceitamos o uso da astúcia, nem das formas vacilantes ou turvas, nem das táticas indirectas, que usam de meios para enganar o adversário, com o uso da mentira, da infâmia, da falsidade, e que acreditamos que melhor faremos se agirmos directamente, frente à frente, e que, embora derrotados muitas vezes, sempre o fomos com honra, não concordamos nunca com os processos arditos que poderíamos classificar de pequeno-burgueses, se tivéssemos a preocupação que têm os marxistas de emprestar sempre aos adversários a psicologia de uma classe, que as circunstâncias obrigam a mostrar-se sempre com duas faces, porque ela está sempre com um olho voltado para o proletariado e outro para a burguesia.

Quando combatemos, às vésperas de revolução russa, a ditadura do proletariado, acusaram-nos de pequeno-burgueses, porque temíamos dar o poder aos trabalhadores. Não! O que temíamos não era isso, mas o contrário: que o poder não seria tomado pelos trabalhadores. E mais: sabíamos que ele iria cair, fatalmente, na mão de pequeno-burgueses "soi-disant" revolucionários. Dissemos então: A ditadura do proletariado dará o poder aos Sóviets. Até aí aceitamos como uma necessidade passageira. Mas sabíamos que os Sóviets acabariam perdendo o poder em benefício dos bolchevistas. Estes, depois, perderiam o poder, como conjunto, pela contralização fatal dos poderes. As ordens viriam de cima para baixo. E o poder passaria para um grupo de dirigentes. Mas tais dirigentes, prevíamos, lutarão entre si para ter o poder supremo. E fatalmente a ditadura pro-

letária terminará na ditadura de um homem, como sempre se deu na história Fabbri, antes da morte de Lenin, previa a luta fatal entre Trotsky e Stalin. Lenin seria a primeira vítima. Depois se travaria entre eles a luta pelo poder. Mas Stalin ganharia por ser menos escrupuloso. E consequentemente os partidários de Trotsky iriam morrer nas masmorras, na Sibéria, ou ante os pelotões de fusilamento. E tudo isso se deu. Stalin dominou onipotentemente. Esta a *etapa* final do que prevíamos para a chamada ditadura do proletariado. Sobreviria depois de Stalin o bonapartismo e a a derrota final”.

\*

\*

\*

Há uma página de Fabbri escrita nos primeiros dias da revolução russa, quando ainda o mundo desconhecia a realidade do que ali se passava, que tem o valor de uma profecia. Vamos reproduzi-la:

“Não somos profetas nem filhos de profetas e não podemos prever o modo como tudo isso poderá acontecer. Mas chamamos a atenção dos leitores, e especialmente dos socialistas, para este facto: que o proletariado não é uma classe única e homogênea, mas um conjunto de categorias diversas, de algumas espécies de subclasses, etc., no meio do qual há mais ou menos privilegiados, mais ou menos evolucionados e, ainda, alguns que são, de certo modo, parasitas dos outros.

Há nessas classe minorias e maiorias, divisões de partido, de interesses, etc. Hoje tudo isto pouco se nota, porque o domínio burguês obriga um pouco a todos a sentirem-se solidários contra ele; mas o facto é evidente para quem estuda de perto o movimento operário e corporativo. A ditadura proletária seguramente iria para as mãos das categorias operárias mais desenvolvidas, organizadas e armadas, e poderá significar a constituição da classe dominante futura, à qual já lhe agrada chamar-se a si mesma de “élite” obreira, para prejuízo não somente da burguesia, simplesmente destronada em seus seus componentes anteriores, mas

também das grandes massas menos favorecidas pela posição que ocupavam no momento da revolução.

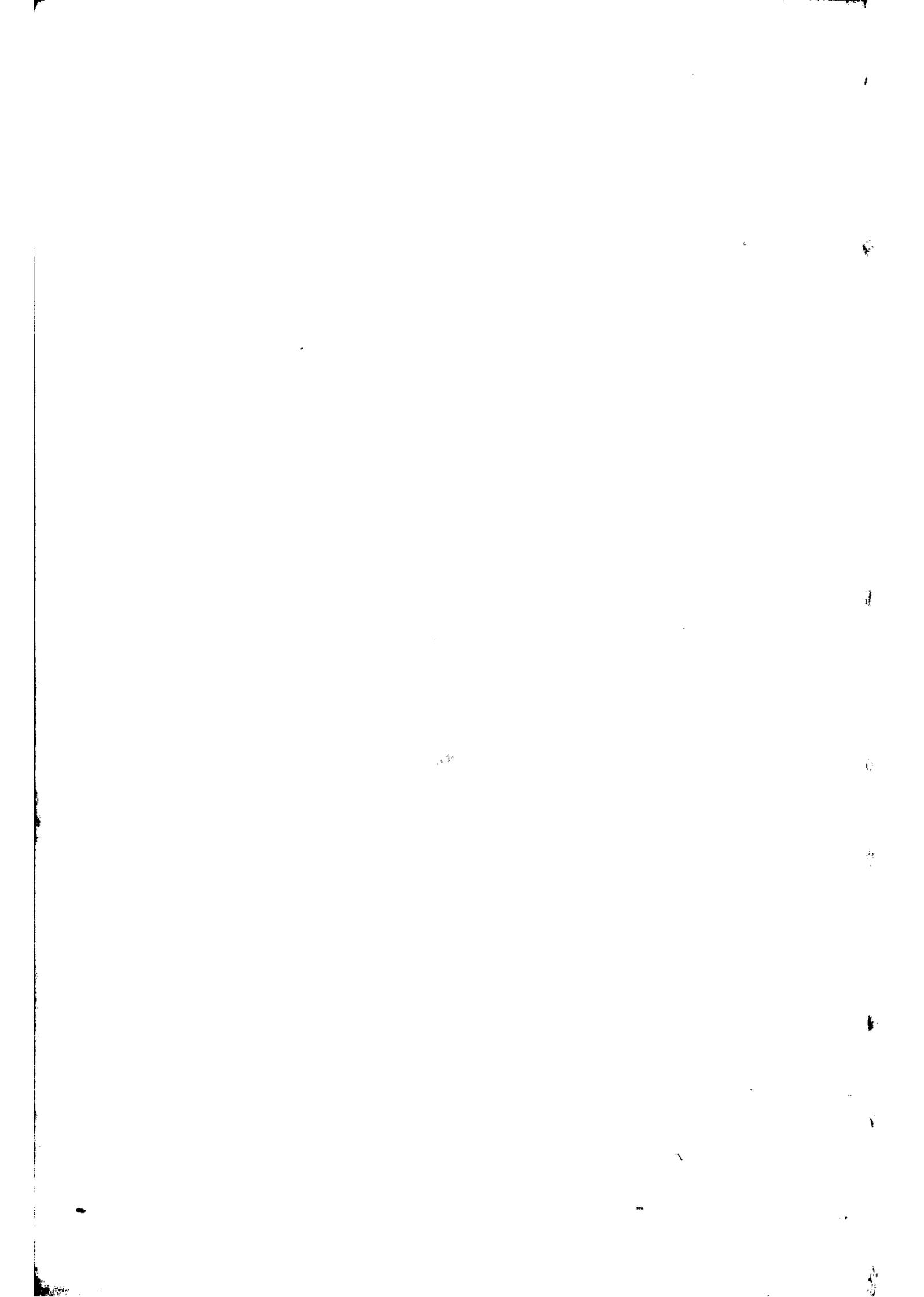
Certamente se constituirá outra classe dominante — poderia melhor chamar-se uma casta, muito semelhante à actual casta burocrática governamental à qual justamente substituirá — integrada por todos os actuais funcionários dos partidos, das organizações, dos sindicatos, etc. Além disso, a ditadura terá também, junto com o governo central, seus órgãos, seus empregados, seu exército, seus magistrados, seus politiquieiros; e estes, junto com os funcionários actuais do proletariado, poderão precisamente constituir a máquina estatal para o domínio futuro, em nome de uma parte privilegiada do proletariado e aliada a ela. Esta, naturalmente, cessará de ser, de facto, “proletariado” e se faria mais ou menos (o nome pouco importa), o que na realidade é hoje a burguesia. As coisas poderão ocorrer diversamente nos pormenores, poderão, também, tomar outra orientação, mas será parecida a esta e terá os mesmos inconvenientes. Em linhas gerais, o caminho da ditadura não pode conduzir à revolução, mas a uma perspectiva deste gênero, quer dizer, ao contrário da finalidade principal da anarquia, do socialismo e da revolução social.

Tão errôneo é dizer que se quer a ditadura para a revolução como é ela desejada para a guerra. Que seja desejada para a guerra que a burguesia e o Estado realizam, com a pele dos proletários, é natural. Trata-se de fazer a guerra pela força, de fazer combater pela força a maioria do povo contra os seus próprios interesses, contra as suas ideias, contra a sua liberdade, e é natural que, para obrigá-lo, se necessita um verdadeiro esforço violento, uma autoridade coercitiva, e que o governo se arme de todos os poderes...

Mas a revolução é outra cousa; é a luta que o povo empreende por sua vontade (ou cuja vontade é determinada pelos factos) no sentido de seus interesses, de suas ideias, de sua liberdade. E' preciso, por conseguinte, não refreá-lo, mas deixá-lo livre em seus movimentos; desencadear com inteira liberdade seus amores e seus ódios, para que brote

o máximo de energia necessária para vencer a oposição violenta dos dominadores.

Todo poder limitador de sua liberdade, de seu espírito de iniciativa e de sua violência seria um obstáculo para o triunfo da revolução; a qual não perde nunca por que se atreve demasiado, mas só quando é tímida e se atreve pouco”.



## O DEFINHAMENTO DO ESTADO

Para Lenin o definhamento do Estado começa logo após a quebra do estado burguês, embora o prazo do “definhamento” possa ser de longa duração.

“Só na sociedade comunista, quando a resistência dos capitalistas estiver perfeitamente quebrada, quando os capitalistas tiverem desaparecido e já não houver classes, isto é, quando não houver mais distinções entre os membros da sociedade em relação à produção, só então é que “o Estado deixará de existir e se poderá falar de liberdade”. Só então se tornará possível e será realizada uma democracia verdadeiramente completa e cuja regra não sofrerá exceção alguma. Só então a democracia começará a definhar — pela simples circunstância de que, desembaraçados da escravidão capitalista, dos horrores da selvageria, da insânia, da ignomínia sem nome da exploração capitalista, os indivíduos se habituarão pouco a pouco a observar as regras elementares da vida social, de todos conhecidas e repetidas, desde milênios, em todos os mandamentos, a observá-las sem violência, sem constrangimento, sem subordinação, sem esse aparelho especial de coacção que se chama o “Estado”.

A expressão “o Estado definha” é muito feliz porque exprime ao mesmo tempo a lentidão do processo e a sua espontaneidade. Só o hábito é que pode produzir esse fenómeno, e sem dúvida o há-de produzir. Já vimos em torno de nós, com que facilidade os homens se habituem a observar as regras indispensáveis da vida social, contanto que nelas não haja exploração, e que não havendo nada que provoque a indignação, o protesto, a revolta, nada necessite de repressão”.

Esse definhamento se processaria no período de transição do capitalismo para o comunismo. Mas, neste, a repressão é menor que no Estado burguês, pois, enquanto

neste é uma minoria que oprime uma maioria, no estado proletário seria uma maioria a oprimir a minoria, o que seria, portanto, mais fácil e tornaria desnecessário um aparelho maior. E' Lenin quem diz:

“O aparelho especial de repressão do “Estado” é ainda necessário, mas é um Estado transitório, já não é o Estado propriamente dito, visto que o esmagamento de uma minoria de exploradores pela maioria dos escravos assalariados de ontem é uma coisa relativamente tão fácil, tão simples, *tão natural, que custará à humanidade muito menos sangue do que a repressão das revoltas de escravos, de serenos e de operários assalariados*”. (O grifo é nosso)

E mais adiante diz:

“A partir do momento em que os próprios membros da sociedade, ou, pelo menos, a sua imensa maioria, tenham aprendido a gerir o Estado, tenham tomado a direcção das coisas e organizado o seu controle, tanto sobre a ínfima minoria de capitalistas como sobre os pequenos senhores, desejosos de conservar os seus ares de capitalistas e sobre os trabalhadores profundamente corrompidos pelo capitalismo, desde esse momento tenderá a desaparecer a necessidade de qualquer administração. Quanto mais perfeita for a democracia, tanto mais próximo estará o dia em que se tornará supérflua. *Quanto mais democrática for o Estado, constituído por operários armados e deixando, por isso mesmo, de ser “o Estado no sentido próprio da palavra”, tanto mais rápida será também a extinção de qualquer Estado*”.

A diferença entre a teoria e a prática no marxismo nos mostra quanto de realmente utópico havia e há na sua obra teórica. Nada melhor ilustra a nossa apreciação que os factos posteriores, havidos na Rússia. Tudo quanto fôra previsto, acalentado, admitido não se deu. A burocracia, temida e negada a pés juntos pelo marxismo, assenhoreou-se da máquina estatal.

Hoje falar-se na Rússia na supressão ou até no definhamento do Estado é algo impossível. Kalenin tentou fazer um discurso no qual perguntava quando se iniciaria

esse definimento. Dias depois “renunciou” à presidência da república por “motivos de saúde”, e uma semana após “morria”. Convém, porém, ressaltar dois pontos importantes: dizem os marxistas que a centralização do poder na Rússia foi uma necessidade ante a oposição feroz do capitalismo internacional. Se ali houvesse liberdade, a República “soviética” já teria sido destruída. Perguntam os anarquistas por que?

Porque o capitalismo teria mais facilmente destruído um Estado que fosse fraco. Por que? Tornam a perguntar porque o capitalismo poria em perigo a nossa situação.

Mas raciocinemos com calma, dizem os anarquistas. Se houvesse liberdade na Rússia e menos centralização de poderes, se ali se respirasse mais liberdade, qual seria a atitude do proletariado internacional? Se ali houvesse respeito aos socialistas revolucionários, aos libertários, a todos os partidos ou grupos que representam a luta contra o capitalismo, o proletariado internacional olharia a Rússia com olhos iguais aos que olha hoje? Teria a burguesia internacional tantas armas como as que tem para combatê-la?

Nós dizemos não! exclamam os anarquistas. Quando rompeu a revolução russa, e quando a liberdade ainda era um facto, o proletariado internacional recebeu a revolução com um entusiasmo nunca registado até então, na história. Quando sobrevieram as reacções internas, todos os socialistas de esquerda, que dissentiam da acção estatal bolchevista, começaram a perder a simpatia, e com isso fortaleceram-se os sindicatos amarelos e os partidos burgueses. Ao fortalecimento da centralização estatal russa aumentou a resistência e o desentusiasmo das classes proletárias no resto do mundo. Os bolchevistas não souberam fazer um cálculo de equação de primeiro grau nem aplicar a dialéctica.

Nós afirmamos, prosseguem: quanto mais socialismo houvesse na Rússia (e socialismo é liberdade), mais fraca seria a resistência da burguesia, porque mais forte seria o apoio do proletariado internacional e das classes populares. Uma Rússia socialista nunca poderia temer que o proletariado internacional ajudasse a burguesia para com-

batê-la. Mas, quanto mais opressora, quanto mais estatal, quanto mais centralizadora de poderes, quanto mais intransigente contra os que querem que a revolução prossiga seu caminho, mais forte se tornará a burguesia. O proletariado que goza de alguma liberdade nos países burgueses não pode ter entusiasmo para lutar por uma comissariocracia, que não admite nem de leve que alguém levante a voz para perguntar: mas, e o socialismo? Quando começaremos a realizá-lo? Daí porque, hoje, a Rússia encontra-se numa situação perigosíssima. Querendo fortalecer-se interiormente, aumentou a força contrária exterior. E perguntam ainda os anarquistas: nos dias em que o proletariado ainda era livre, dentro da Rússia, não lutou ela contra a intervenção de 16 nações e contra a contrarrevolução interior? Por acaso, na Ucrânia, onde os machnovistas (anarquistas) preponderam, não foi onde a luta assumiu as proporções mais épicas da revolução? E não foi com homens livres que se destruíram as tropas de Kolchak, de Gregorief, pe Petliura e de Wrangel?

Por que temer a liberdade? Não é ela, acaso, a escolha de homens capazes de lutar com mais entusiasmo do que escravos?

Estamos num momento histórico de máxima significação. E no futuro, quando se escreverem as páginas dessa história, poderão os historiadores dizer quão inimiga da liberdade e do socialismo foi essa casta de burocratas e de estatistas russos, que arrastaram a revolução, não ao definhamento do Estado e ao socialismo, mas à maior derrota proletária, que talvez venha a registrar a história, terminam por dizer os anarquistas, e prosseguem:

“Os que hoje ouvem a linguagem marxista-leninista-estalinista ou trotskista ou dissidente, sobre o Estado, deveriam demorar um pouco a sua atenção para o que os marxistas *diziam antes* de fazer sua revolução e o que *disseram depois*, para justificar o “então-estávamos-enganados”, que fôra *cientificamente* afirmado, segundo os *fundamentos científicos* do marxismo-leninismo.

Como as teorias científicas e as suas hipóteses têm a vida de alguns anos, e novas teorias substituem as antigas, não

é de admirar que o marxismo tenha sido, na prática, outra coisa do que foi na teoria, o que ainda não lhe deu a menor originalidade, pois apenas repetiu o que é frequente na história humana.

Não são apenas nas páginas de Marx e Engels e posteriormente em Lenin (em o "Estado e a revolução) que vemos tratar *não-utòpicamente* do Estado, mas cientificamente. Durante os dias da "kerenskiada", enquanto os bolchevistas se apresentavam ao assalto ao poder, ainda as palavras de Lenin eram como estas:

"Precisamos do Estado, mas não da espécie usada pela burguesia, com órgãos de poder na forma de polícia, exército, burocracia, distinta e oposta ao povo". (Obras completas de Lenin, vol. XX, pág. 50, ed. inglesa do Inst. Lenin de Moscou). Seria uma polícia diferente, muito diferente, um exército diferente, muito diferente e uma burocracia diferente, muito diferente. E realmente foram e são. A polícia encarcera, leva para campos de concentração, tortura, obriga às confissões (como a dos médicos), e o exército atira sobre operários que se rebelam contra a opressão (como na Alemanha Oriental), e a burocracia russa só defende os interesses do povo consumindo grande parte da arrecadação por pesadíssimos impostos e contribuições.

Mas, no mesmo tópico, adiante, Lenin ratifica a posição ante a polícia. Ele exclama com ênfase: "Não permitiremos o estabelecimento da polícia! Não queremos os órgãos de governo. Criaremos uma milícia universal, dirigida pelo proletariado" (p. 51) Essa milícia seria o "órgão executivo dos Sóviets de Operários e Soldados, que merecerá a *completa* confiança da população, porque será uma organização de toda a população" (p. 53). A polícia, o exército e a burocracia seriam substituídos pelo povo armado. E na pág. 100, combatendo a polícia, dizia que a sua existência "era a razão do malogro das revoluções". E era inegavelmente verdade. E exclamava ao povo: "Experimentem, façam erros, mas aprendam a governar!" Mas logo depois, quando no poder, os bolchevistas deliberaram que só eles tinham o direito de errar, naturalmente, à custa do povo, e este de obedecer.

É ele, nesta época, sabia tão bem como a polícia actual, que, à pág. 142, repetia:

“Prevenir o re-estabelecimento da policia, reunir todas as forças de organização de todo o povo para a criação de uma milícia universal tais são as tarefas que cabe ao proletariado levar às massas com o fim de projetar, fortalecer e desenvolver a revolução”. Do contrário...” E o contrário, dialèticamente, veio.

Não queremos pôr em dúvida a boa fé de Lenin. Ele certamente a teria. Os factos é que contrariaram as suas palavras, e os factos acabaram por vencê-lo. Êle acreditava que bastariam os Sóviets e o povo armado. Admitia que todo o poder caberia aos Sóviets de deputados.

Êle exclamava: ”não admitiremos a “formação de um exército separado do povo, que servirá para incentivo a vários atentados à liberdade... (p. 221)

Seria longo citar as inúmeras passagens, artigos, cartas, discursos, proclamações, que foram feitas durante os meses de março a outubro de 1917, isto é, nos meses que antecederam à revolução bolchevistas e até depois, até à NEP, a grande guinada de direita.

Por que? Era impossível caminhar para o socialismo? Um socialista libertário protestaria logo e diria: é sempre possível caminhar para o socialismo. Mas o caminho é um só: o socialista. Todo e qualquer outro caminho é afastar-se dele. Todas as razões dos bolchevistas pecam pela base. Crentes até o fanatismo em suas interpretações da história, duvidosos da capacidade popular, ansiosos de poder, que neles gestou o autoritarismo, não concebem que a liberdade só pode ser gerada na liberdade, como o socialismo no socialismo. Precisam os contrários, como manda a sua dialéctica. Então, piedosamente, como aqueles devotos da Idade Média, que levavam lenha para as fogueiras dos herejes, eles oprimem o povo para forjarem, assim, a sua contradição, a liberdade, sem a qual não há socialismo. Têm razão. A liberdade e o socialismo só podem surgir por oposição, por antítese aos bolchevistas”.

\*

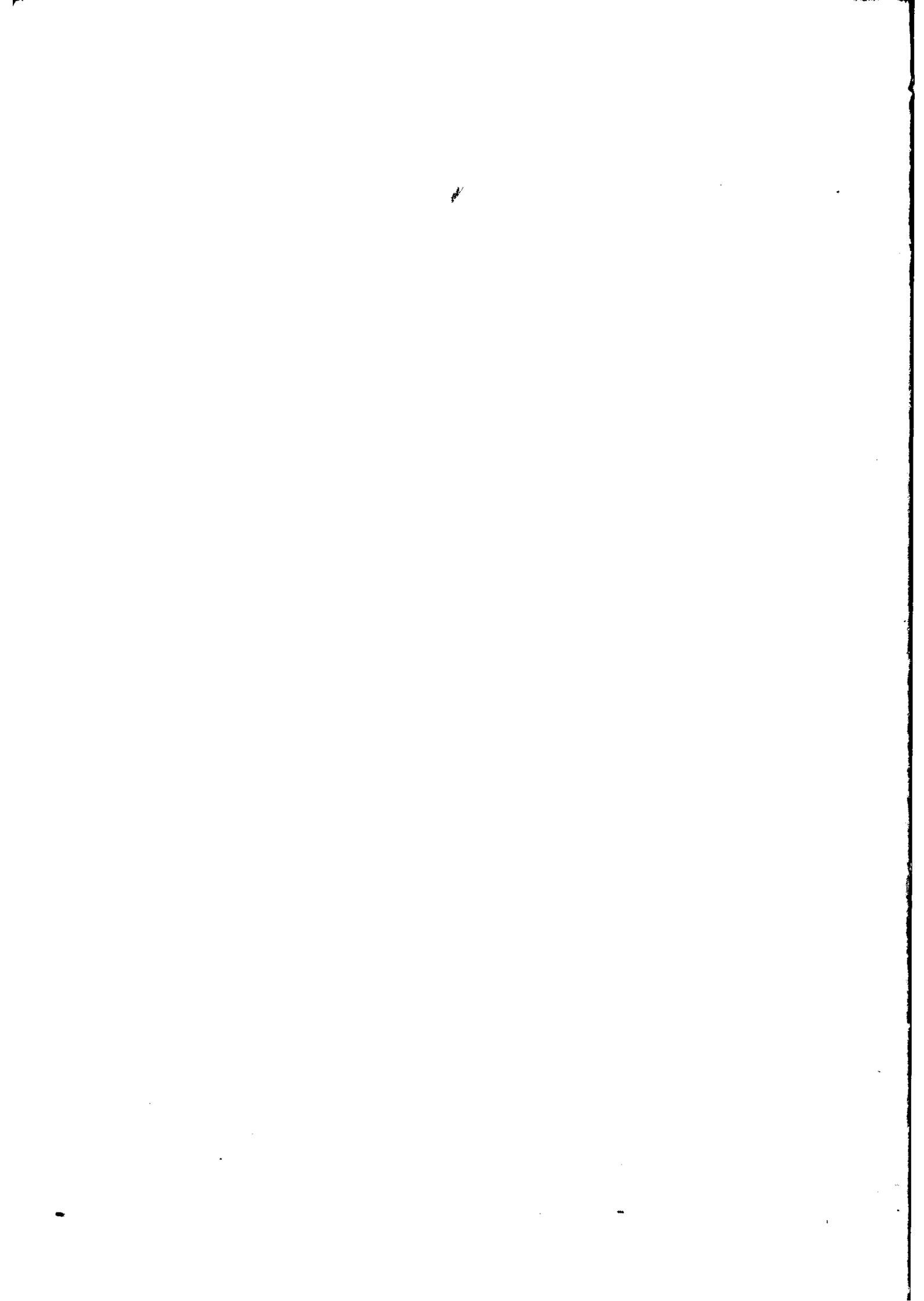
\*

\*

Procuramos nestas páginas atermo-nos apenas aos textos da grande polêmica sobre o Estado, entre marxistas e socialistas libertários.

Os argumentos foram sintetizados, tanto quanto era possível.

Tais elementos são imprescindíveis à análise decadialéctica, que procederemos mais adiante, quando já tenhamos, bem esclarecidos, os pontos fundamentais.



## AS CONCEPÇÕES LIBERTÁRIAS E SUA CRÍTICA DO MARXISMO

Se considerarmos o socialismo genéricamente, teríamos, como já o fizemos, de caracterizar como suas espécies:

a) o socialismo libertário, representado sobretudo pelas tendências anarquistas;

b) o socialismo democrático dos partidos e organizações operárias, filiados à 2a. Internacional (de Amsterdam) e;

c) socialismo autoritário, o dos partidos comunistas, filiados tanto à 3.<sup>a</sup> Internacional, ou ao Comintern, que a substituiu, ou à 4a. internacional trotskista, e os dissidentes marxistas. Nos seus métodos de luta, para alcançar, pela revolução social, o socialismo, que todos aceitam, e sem precisar nitidamente o que entendem por tal, pois há dezenas de delineamentos mais ou menos tênues do seu conceito, os primeiros são adeptos da acção directa, não política, contrários ao monopólio de poder dado ao Estado, que pretendem desde logo destruir e substituir pela sociedade administrativamente organizada, enquanto os segundos aceitam a luta democrática, eleitoralista, parlamentar, até alcançar o domínio do Estado, que passaria a servir aos interesses das classes operárias, em vez das classes chamadas burguesas, e finalmente os terceiros são pela insurreição, com a instalação do que chamam o “ditadura do proletariado”, o qual se encarregaria da transformação social, pela aplicação de uma férrea ditadura.

Os libertários negam terminantemente que o Estado seja um órgão capaz de realizar uma ampla e profunda reforma social de base socialista, pois sendo um órgão opressor, de insaciável poder, tende naturalmente a divorciar-se das massas, a tornar-se, de meio, em fim, e a fazer malograr todas as tentativas de transformação social. Em abono de sua tese, trazem os factos da história, tanto a passada como a

contemporânea, e argumentam, sobretudo, com o que se deu na Rússia, que revelou que o Estado, em vez de deperecer, aumentou cada vez mais de poder, tornando-se tudo quanto os marxistas, antes, haviam dito que não se tornaria em suas hábeis e científicas mãos.

Os socialistas democráticos não admitem a ditadura do proletariado, mas sim a acção evolucionista e prática do socialismo, estimulada pela acção das massas sob a direcção de seus partidos, dentro da luta parlamentar e não pretendem, deste modo, realizar uma revolução total, com a subversão completa de toda a ordem, feita de modo imediato, mas mediata e lentamente, através das organizações estatais. Aceitam, portanto, uma acção indirecta, política e económica. Os socialistas autoritários são pela subversão, embora aceitem previamente a luta política, indirecta, sob a alegação de que serve como meio de agitação e de preparação das massas para as grandes batalhas decisivas, aceitando, segundo as circunstâncias, ora a acção directa (quando da insurreição), ora a acção indirecta (política, eleitoralista, etc.).

A crítica cerrada que fazem entre si essas três espécies do socialismo não se mantém dentro de normas genuinamente filosóficas e éticas. Não se cansam de explorar armas ignóbeis, calúnias, ofensas, uns mais do que outros, no intuito de denigrir seus adversários, e nisso, pode-se dizer, sem a menor sombra de exagero, que os socialistas são verdadeiros mestres, pois nunca na história humana houve tamanho uso do desaforo. Tudo quanto a imaginação humana foi capaz de criar para ofender quem quer que seja, os socialistas souberam usar num desperdício de ofensas sem fim. Não há entre eles quem não seja acusado de traidor, policial, vendido, desde que pertença a uma das espécies contrárias.

Neste ponto, porém, temos de reconhecer, e os socialistas de todos os matizes não poderão deixar de fazê-lo em boa consciência, que os libertários são os mais comedidos, embora entre eles também surjam muitos que não põem rédeas nas línguas.

Mas esse aspecto desagradável do socialismo, que deveria, já que os socialistas se atribuem tantas virtudes, não se verificar, é alguma coisa que paira de tétrico em sua história. Poderíamos até aventar aqui, e os socialistas em geral repelirão com energia, que a palavra *socialista* acabará na história humana tendo o mesmo destino de palavras como *cínico*, *sofista*, *epicurista*, *libertino* e outras, que terminaram por ser usadas, popularmente é certo, em sentido plenamente pejorativo.

O que nos interessa, agora, é ver como procedem em linhas os socialistas libertários em suas críticas ao socialismo democrático e ao autoritário.

Vejam os principais postulados.

§ 1 — O Estado político é uma forma de opressão. E quando êle estabelece para si uma “filosofia oficial”, torna-se duplamente opressivo.

A filosofia é uma busca contínua. E o inesperado pode surgir nessa viagem dos argonautas do espírito. O inesperado pode trazer a derruição de muitas verdades anteriormente aceitas. Uma filosofia oficial, como desejam alguns marxistas, seria escrever previamente o último capítulo da história da filosofia.

Se as novas buscas nos oferecerem uma nova concepção do mundo e das coisas, o papel do filósofo é submeter-se à nova evidência. Nenhum verdadeiro marxista poderá admitir que a sociedade socialista desejada não possa oferecer novas possibilidades à filosofia. E se pensasse de outra maneira exerceria desse modo uma violentação inominável e criminosa ao espírito.

O socialismo revelará o inesperado, e imprevisto. Nenhum homem de boa fé pode temer o imprevisto no conhecimento humano.

Uma filosofia oficial é um crime ao conhecimento. Filosofar é um constante reexaminar, analisar, disciplinar, inquerir. O exame da história mostra-nos quão odiosa tem sido a intolerância. Mas tolerância não consiste em transigir com as ideias alheias ou em aceitá-las em parte ou no todo, mas em compreender o *direito* que cabe aos outros de pensar diferentemente de nós. Devemos dar aos outros

o “direito de errar”. Junte-se este aos *novos direitos do homem*.

§ 2 — Para a organização da administração social, com base na livre cooperação dos indivíduos, é capítulo hoje da ciência. Pode, pelo menos, ser organizada cientificamente. A administração das coisas, da produção e da economia, é assunto que tènicamente pode ser resolvido, e o papel do socialismo tem de ser este: organizar a sociedade tènicamente na base da livre cooperação dos indivíduos com administração tècnica da economia social, para a qual todos poderão e devem exercer uma parte de acção.

Mas dai intervir na liberdade do homem e no *homem*, e estabelecer-lhe uma escala única de valores é violentar-lhe o direito de dirigir a sí mesmo, quando em cooperação com seus semelhantes.

§ 3 — O Estado, em vez de pôr-se ao serviço da cultura, põe a cultura ao seu serviço. Em vez de pôr-se a serviço do indivíduo e da espécie, põe a espécie e o indivíduo ao serviço do Estado. Em vez de ser um meio para administrar as coisas em benefício do homem livre, torna-se um fim que governa o homem e as coisas em benefício de sí próprio.

Este é um exemplo vivo do fatalismo das formas viciosas. Mas a forma viciosa só se manifesta quando algo aparentemente puro traz em sí seu germe. A autoridade atribuída, característica do Estado político, traz em sí sua própria degeneração viciosa, que é a autoridade exercida como uma razão em sí, como fim.

O marxismo é uma ideologia nascida na paleotécnica e por ela influida. A organização industrial na paleotécnica, que se estabeleceu no século XIX e ainda prepondera hoje, é ainda uma forma primitiva e brutal de organização tècnica, dominada pelo princípio de que a quantidade supera a qualidade. Na eotécnica predominou a qualidade, porque a produção era dominada pelo artesanato. Na paleotécnica, predomina a quantidade porque a produção é feita em grandes massas e destina-se aos grandes mercados.

Dialècticamente podemos concluir que a neotécnica buscará a quantidade com a qualidade, porque libertará o

homem das grandes aglomerações, devolverá o prazer da realização de obras melhores e será orientada apenas por técnicos, já libertados dos preconceitos políticos que tanto têm prejudicado a marcha da evolução.

O marxismo, portanto, não representa a última palavra.

As novas descobertas que apareceram nesta guerra, iniciaram o caminho da neotécnica, e esta evidencia já a decadência dos políticos. Nem a ciência nem a técnica poderão avançar, conhecer as grandes descobertas, sem a liberdade.

A liberdade é o fundamento de todo o progresso científico, técnico e artístico. Esta última guerra encerra para o homem a última página da ilusão dos regimes autoritários. As grandes massas bovinas que ainda seguem os chefes dos diversos partidos, pretensamente revolucionários, são precisamente o produto dessa paleotécnica em que o homem passou a ser uma engrenagem a mais de uma máquina, um autômato da produção, sem conhecer o prazer da produção nem da vitória, mas a sensação do pássaro preso a uma cadeia. Esse autômato ressentido pela miséria e pela opressão, sentindo-se fraco, aproxima-se de seus irmãos de miséria para enfrentar o Moloch autoritário que o oprime.

E' o proletariado revolucionário de hoje predecessor do homem libertado de amanhã, senhor de seus actos e de suas ideias. Mas, para o proletariado conhecer a libertação de si mesmo e romper as suas algemas, nunca o conseguirá entregando-se às ordens de novos chefes e guias. E' buscando a si mesmo, e por si mesmo, para obter a libertação de sua condição de massa.

§ 4 — Toda filosofia que apenas *a priori* quer resolver as investigações é visualmente falsa. São as investigações, feitas com liberdade, que constroem a ciência e a filosofia. A ciência deu seu grande passo à frente quando pôde romper as barreiras que lhe criava uma falsa interpretação da filosofia escolástica, que também se julgava absoluta e perfeita. A história prova que o dogmatismo exagerado é socialmente prejudicial.

§ 5 — O homem desempenha um papel como ser social, é *pessoa*. Quem não quer ser pessoa, mas um zero, não refuta o desejo humano de ser *algo*. Para os líderes, para os guias, nada melhor que os numerosos zeros que lhes dão importância e os seguem de olhos fechados. Este o personalismo nietzscheano, que consiste em *ser algo* e não em *ter algo*, que é característica do individualismo burguês.

Willelm Stern distingue desta forma pessoa de coisa: “Uma pessoa é uma existência tal, que apesar da multiplicidade de partes, forma uma unidade peculiar e com valor próprio, e como tal, a pesar da multiplicidade de funções parciais, realiza uma espontaneidade unitária e que tende a um fim. A coisa é o contraditório oposto”. E acrescenta: “A pessoa é um todo; a coisa, um agregado. A pessoa é activa e espontânea; a coisa é passiva e receptiva. A actividade da pessoa é finalista; a da coisa, mecânica. Nas pessoas, a acção do todo sobre as partes é uma causalidade interior; nas coisas, só há causalidade exterior, quer dizer, relação de um elemento com outro. A pessoa tem “dignidade”, e a coisa “preço”.

§ 6 — O socialismo, em sua tendência libertária, que deseja libertar o homem da “estandardização”, para devolvê-lo a si mesmo, é personalista no sentido libertário; *ser algo* ante a forma inferior do *ter algo* do individualismo burguês.

Pecquer, julgava, ante o desenvolvimento da indústria nos albores da paleotécnica, que o homem, pela grande concentração humana, se compreenderia melhor e se amaria mais. O exemplo que nos dão as grandes cidades, com seu espírito exclusivista, sua pouca humanidade, provam o contrário.

O homem afastou-se mais do homem quanto mais ao homem fisicamente se aproximou. As grandes concentrações humanas geraram monstros de egoísmo e de ressentimento, de egoísmo no mais vil sentido. Ao mesmo tempo, essa civilização em que vivemos é uma destruidora da personalidade. O homem é número e não pessoa, quer na contagem dos capitalistas como na dos falsos revolucionários, que prometem a substituição apenas de cadeias e de senhores.

§ 7 — Libertarmo-nos da estrutura é a tarefa que nos está legada. Se a liberdade é o conhecimento da necessidade, é também um estímulo para nos libertarmos da necessidade. Podemos, assim, examinar melhor porque pensamos assim ou doutro modo, permitindo-nos, portanto, que crescemos o conhecimento de nós mesmos. Nesse ponto estará, talvez, todo o desejo nietzscheano de superação do homem. Libertar os nossos pensamentos e as nossas ideias das cadeias estruturais será o grande gesto libertário do espírito e a superação do homem.

Liberdade não é aqui um conceito metafísico. Cada um sabe o que significa para si liberdade. Liberdade é livrar-se das cadeias, quer metafísicas, como das forças irracionais interiores, vencer todas as cadeias exteriores, conquistar a personalidade pelo aperfeiçoamento de nossa capacidade técnica. Tudo isso é liberdade, e é absolutamente prática.

§ 8 — Investigar o mundo metafísico, estudá-lo, interpretá-lo, explicar o porque de sua construção, é o nosso desejo. Incluí-lo em nosso mundo, e não separá-lo, e compreender, até, o porque dessa separação, é uma tarefa que nós traçamos. Há os que desejam viver em dois universos e os que desejam viver num só. Nós nos colocamos entre estes últimos.

Nenhum abismo nos separa do universo metafísico, universo de discurso, e verificá-lo e explicá-lo é, para nós, mais que um desejo, um dever. O universo metafísico não é fictício; fictícia é a maneira de interpretá-lo como à parte do universo real.

§ 9 — As concepções *puras* não agem dinamicamente sobre a sociedade e a história.

Não é somente a ciência (ou a pseudo-ciência) que nos oferece os elementos indispensáveis para a análise dos fenômenos sociais. Há outros elementos que ainda estão *fora* da ciência e não menos adequados e eficientes que aqueles.

§ 10 — O homem precisa construir a humanidade e não a humanidade o homem. O homem explicará a humanidade para que o homem seja explicado pela humanidade.

§ 11 — Foi uma grande ingenuidade do século dezenove julgar que poderíamos descrever os fenômenos sociais com os termos da física ou da química ou da biologia, e que ao usá-los estávamos fazendo obra genuinamente científica. Não é a terminologia que dá o carácter científico aos fenômenos sociais. Este foi e ainda continua sendo o grande equívoco de muitos.

Um dos preconceitos mais século-dezenove foi o de julgar a ciência não como um meio eficaz para o conhecimento do mundo, mas como o mais eficaz, senão o único valioso. Em todo o fim do século dezenove, e grande parte do nosso, ser “científico” era o melhor rótulo para qualquer coisa. Viam-se propagandas das mais variadas: método científico para emagrecer, aparelho científico para isto ou para aquilo, medicamentos científicos de toda espécie. A palavra “científico” tinha o poder maravilhoso de afastar todas as dúvidas e de valorizar todas as charlatanices.

Hoje o cientista, que conhece o campo determinado da ciência, olharia com um sorriso o entusiasmo juvenil dos homens do século dezenove (entusiasmo esse bem patente na obra de Marx e dos marxistas que descobriram o socialismo “científico”, querendo, assim, dar a entender que as conclusões, por eles tiradas, são as *únicas* que têm validade universal).

O mundo torna-se outra vez mais misterioso, e os avanços da ciência não foram feitos à custa da filosofia, pois o campo desta cresceu outra vez, de maneira espantosa, porque as interrogações cresceram e são mais numerosas ainda.

§ 12 — Quando falamos na *autonomia* das organizações de produção e consumo compreendemos o contrário de *heteronomia*, isto é, que a ordem da associação não está outorgada (imposta) por quem quer que seja fora da mesma e exterior dela (pensamento de Marx Weber), mas por seus próprios membros e em virtude da qualidade de tais (qualquer que seja a forma em que isto tenha lugar).

“Outorgada é toda ordenação que não deriva de um pacto social e livre de todo os membros”.

Poder significa a probabilidade de impor a própria vontade, dentro de uma relação social, ainda contra toda resistência, e qualquer que seja o fundamento desta probabilidade.

O conceito de disciplina encerra o de obediência habitual por parte das massas sem resistência nem crítica.

Por *estado* deve entender-se um *instituto político* de atividade continuada, quando e na medida em que seu quadro administrativo mantenha com êxito a pretensão ao *monopólio legítimo* da coação física para a manutenção da ordem vigente.

Diz-se de uma acção que está politicamente orientada quando e na medida em que tende a influir na direcção de uma associação política; em especial à apropriação ou expropriação, à nova distribuição ou atribuição dos poderes governamentais. (Marx Weber)

Esse monopólio de poder, que caracteriza o Estado, politicamente organizado, ou serve aos interesses de classes, ou constroi, em si mesmo, uma casta de beneficiários. O Estado torna-se de *meio* em *fim*.

Há sempre uma forma viciosa quando os meios se transformam em fins. A hipertrofiação do Estado, que se processa em nossa época, trará, como está trazendo, o que sempre trouxe em toda a história humana: males incomensuráveis. Seu gigantismo incontrolável terminará por sufocar a população, por encarecer a produção, e por criar, em todos, um único desejo: não o de ser um produtor mas um beneficiário da produção, em suma, o *burocrata perfeito*.

§ 13 — A base do princípio libertário está no valor do indivíduo, independentemente das relações objectivas, isto é, no indivíduo posto como criação imediata e autônoma do poder produtivo, ente sem intermediário na consciência de seu ser e de sua causa. O indivíduo-ente é fim absoluto e inviolável, origem e referência de outro mais complexo valor social.

O indivíduo individuado do anarquismo não é, portanto, o indivíduo abstracto como gostam de forjá-lo, por convenção, os marxistas e outros, que substituem a individuali-

dade concreta por um ente sistemático, que é produto mediato. O indivíduo identificado pelo princípio libertário desenvolve-se através das relações sociais. Mas do facto do desenvolvimento individual efectuar-se exclusivamente através das relações sociais, não se pode deduzir que o valor ultrapassa a realidade do indivíduo ao sistema das condições efectivas do seu desenvolvimento, mas somente que a sociedade é a condição geral de desenvolvimento do indivíduo.

O indivíduo passa, portanto, da consciência da própria identidade à conquista das condições que lhe permitem a própria autónoma manifestação.

A reflexão idêntica e a vontade de conquista nascem nas massas de indivíduos sempre mais grandiosas, e consequentemente a sociedade sempre apresenta este facto em seu incessante transformar-se.

As relações económicas, cujas bases primitivas são as necessidades materiais, são a parte conspícua da condição geral do desenvolvimento social.

Compreende-se como muitos teóricos, seduzidos pelo volume destas relações, tenham tentado uma dilatação geral da vida baseada unicamente nestes, pondo todos os outros em relação com estes, e interpretando, portanto, a relação como dependência. O marxismo, que tenta puramente virar a dialectica hegeliana e as concepções hegelianas do Estado, concebe o indivíduo, não como homem, mas como expressão abstracta de um grupo de relações económicas.

Entre o indivíduo de Marx e o indivíduo, como é concebido pelo anarquismo, não há relação, porque são entes distintos, sem termos de similitude. Um é um ente sistemático, personificação de uma relação estritamente económica, historicamente individualizado numa determinada forma de desenvolvimento (sociedade capitalista), o outro é a expressão de uma realidade primordial, um ente permanente, ponto de referência de todo momento, sustentáculo de todo o desenvolvimento histórico.

A concepção anárquica do indivíduo é potentemente orgânica.

Para o idealista estatalatra, o indivíduo (real) é nulo, o Estado é a sociedade e é absoluto; para o liberal burguês, todos os indivíduos são abstractamente participantes da vida social e podem encontrar, nesta, as condições do próprio desenvolvimento. Para o anarquismo, o indivíduo é apenas ente concreto, que, encontrando nas relações sociais as condições do seu desenvolvimento, deve poder incluir neste as transformações das relações sociais. A necessidade de dominar a economia e a política e a ordenação científica da produção não são, portanto, desejos dependentes da boa vontade de qualquer sonhador, mas resultados que decorrem da necessidade, sob a pressão constante da vontade primordial de desenvolvimento de todos os indivíduos. O desenvolvimento social do indivíduo é o processo real, no qual adquire senso e valor efectivo a sua liberação. Estes são os postulados dos anarquistas.

E prosseguem eles por afirmar que, na realidade, o que foi desmentido pelos factos, não foi o materialismo histórico e a teoria da luta de classes, mas o unilateralismo e o exclusivismo destas ideias. A sua aplicação forçada a todos os fenómenos históricos e sociais é que constitue uma violentação dos factos.

No fundo, todas as instituições, todos os projetos, todas as utopias seriam igualmente boas para resolver o problema, isto é, para contentar a todos, se os homens tivessem o mesmo desejo e a mesma opinião, e se encontrassem nas mesmas condições. Mas esta unanimidade de pensamento e esta identidade de condições são impossíveis, e francamente menos que nunca, pensam os libertários. Por isso, na conduta actual e nos projectos de futuro, os anarquistas têm, como um dever, que não vivem, e não viverão nem sequer amanhã num mundo povoado unicamente de anarquistas. Ao contrário, sabem que serão por muito tempo uma minoria relativamente pequena. Isolar-se não o querem por que sabem ser impossível, e se o fosse seria em detrimento da missão que assumiram, pois buscariam apenas o bem estar pessoal. É necessário, portanto, encontrar o modo de viver entre os não-anarquistas, no modo

mais anárquico possível, e para, pela ação, propugnarem, com exemplos, as suas ideias, como o propunha Malatesta.

Não querem os anarquistas fazer a revolução, pelo simples facto de acreditarem na necessidade de uma transformação radical. Admitem muitos que não pode ser pacífica devido à resistência dos poderes constituídos, tanto na ordem política como na econômica vigentes. Querem a revolução para criar um novo ambiente social que torne possível o elevamento moral e material das massas, o que é impossível de realizar pela educação, impotente para produzir, nas circunstâncias actuais, a modificação desejada. Não querem, também, fazer uma revolução exclusivamente deles, já que reconhecem que são uma pequena minoria, que não tem a seu lado o consenso da massa e não querem, mesmo que o pudessem, impor pela força a sua vontade, pois actuariam contra os fins a que se propõem e cairiam no círculo vicioso que leva as revoluções sociais ao malogro. Malatesta dizia: “devemos nos contentar em fazer uma revolução a mais nossa” possível, favorecendo e participando moral e materialmente, em todo o movimento directo, no sentido da justiça e da liberdade, e, triunfada a revolução, cuidarmos de que ela não pare e proceda sempre para a conquista da maior liberdade e maior justiça. E isto não significa acomodar-se” aos outros partidos, mas avançar e pôr a massa em presença dos vários métodos, afim de que possa julgar e escolher. Poderemos ser abandonados, traídos, como tem acontecido muitas vezes; mas é necessário correr o risco, se não queremos permanecer praticamente inactivos, e levar a força das nossas ideias e da nossa acção ao curso da história”.

E prosseguia:

“Quanto a nós, não devemos destruir senão aquilo que possamos substituir por algo melhor e, portanto, trabalhar em todos os ramos para melhorar: negando-nos a aceitar e a exercer qualquer função coercitiva”. Foi por procederem assim que os anarquistas foram vencidos na Rússia pelos bolchevistas. Estes riem-se daqueles. Mas os anarquistas retrucam: “Vocês não riem de nós como pensam, mas da revolução traída, das esperanças do proletariado que foram frustradas pela traição”.

Negam a ditadura proletária, pois há uma diferença entre a violência que oprime e a violência que se rebela ante a opressão. Condenam a violência que oprime, e consequentemente também a “ditadura proletária”, que é uma locução equívoca, porque, sob qualquer ditadura, o proletariado será oprimido e explorado, embora os ditadores sejam intelectuais comunistas ou indivíduos saídos da classe proletária. Condenam também a violência dos governos capitalistas.

Não estão de acordo com os reformistas, pois, em sua maioria, acreditam os anarquistas que é inevitável e necessária a violência revolucionária da libertação; e, neste ponto, os comunistas estão de acordo com eles. Mas não estão de acordo com os comunistas (e estão mais vizinhos, espiritualmente, por amor da liberdade, aos reformistas) em não querer, como aqueles, o governo ditatorial da revolução, o qual matará a própria revolução e substituirá apenas uma antiga tirania por outra nova, como sucedeu na Rússia, o que já era aceito unânimemente pelos anarquistas muito antes do golpe de Estado bolchevistas.

“Numa outra futura revolução, seremos sempre uma minoria pequena, prossegue Malatesta, e não deveremos ainda desinteressar-nos no movimento, isto é, renunciar às próprias razões da nossa existência, que é aquela de combater sempre pela diminuição (já que não se pode conseguir a abolição completa) da autoridade e do privilégio — ao menos para nós, que acreditamos que a propaganda, a educação não possam, num dado ambiente social, que reúne um número limitado de indivíduos, mudar as condições ambientais antes de que seja possível a elevação moral de um novo indivíduo”.

E conclui: “É necessário combater toda centralização e deixar inteira liberdade às localidades singulares, e impedir que outros se sirvam da massa mais atrasada, que é sempre a grande maioria numérica, para sufocar o impulso das regiões, das comunas e dos grupos mais desenvolvidos, e devemos, em todos os casos, pretender, para nós mesmos, a mais completa autonomia e os meios de poder organizar

a nossa vida a nosso modo, e buscar convencer a massa com a força do exemplo e a evidência dos resultados obtidos”.

Não estabelecem os anarquistas planos prévios.

“É notório que nós, quanto ao modo de gerir técnica e materialmente a produção e a troca dos produtos, não temos nenhuma idéia preestabelecida e absoluta. Nós nos submetemos à prática, à experiência e sobretudo à livre vontade dos produtores e dos consumidores,” diz Molaschi.

E Fabbri corrobora:

“O importante é que, qualquer que seja o tipo de produção adotado, o seja pela livre vontade dos próprios produtores, e não seja possível a sua imposição, nem qualquer forma de aproveitamento do trabalho alheio. Baseado nestas premissas fundamentais, a produção torna-se secundária, nem os anarquistas excluem *a priori* nenhuma solução prática; e admitem que possa haver várias soluções diversas e contemporâneas, após o experimento das quais os lavradores possam encontrar, com conhecimento de causa, um caminho para produzir sempre mais e melhor”.

“Esta idéia fundamental do anarquismo não exclui para nós a necessidade de estudar os problemas da produção e da troca para ter uma ideia precisa como poder conduzir os primeiros experimentos.

Seria absurdo que, depois de ter conquistado a liberdade para todos, nós nos retirássemos para a arca santa de inércia, dizendo aos homens: “Fazei o que quiserdes: o único conselho que vos damos é o de não deixar-vos dominar pelos outros. Nenhum patrão e nenhum servo; nenhum ditador e nenhum súdito”. Uma acção assim limitada não corresponderia às exigências dos ideais libertários”. Este é o pensamento de Molaschi.

“Portanto a nossas ideias sobre a organização da agricultura em bases libertárias, não têm valor de dogma, nem são ideias absolutas, são simplesmente ideias discutíveis e experimentáveis” .

Molaschi observa o otimismo de Kropotkin que se torna paradoxal, quando imagina uma sociedade de lavradores, organizada anárquicamente e que conhece uma abundância

exagerada. Molaschi considera esse quadro de Kropotkin poesia, bela poesia, mas apenas poesia. O trabalho do homem, para ser veraz, conhecerá a fadiga, o suor humano adubará a terra. Mas o emprego das máquinas poderá substituir a fadiga do homem, ou melhor, poderá atenuá-la e, talvez, nunca abolí-la.

Quem quer associar-se que se associe, quem quer permanecer só, que permaneça só.

O anarquismo de batalha, organizador da luta por meios de liberdade, como o de Bakunin, já não é mais actual, embora conserve todo o seu valor para os anarquistas, mas não é suficiente.

O anarquismo de Réclus e Kropotkin podem sempre satisfazer o espírito e permanecer como um índice para o futuro, indicando a estrada que muitos socialistas podem seguir e a meta ainda imperceptível a alcançar: mas não é mais suficiente.

Um “anarquismo realizador e realizável”, que seja a conclusão dos dois primeiros, é possível, e existe fragmentariamente, embora não se apresente elaborado num todo orgânico, porque o espírito sectário domina a consciência de grande parte dos “anarquistas históricos” que não querem sair do século XIX, e nada querem saber das grandes experiências deste século, que oferecem campo a novas conclusões.

“Nós daremos apoio a qualquer governo que se constitua no seio da revolução, mas há apoio e apoio: e poderão existir circunstâncias que impõem, embora indirectamente, defendê-lo, como sucedeu na Rússia aos anarquistas da Ucrânia, contra Denikini, Wrangel e Petliura. Portanto, se a maioria dos cidadãos quer um governo e o cria, nós podemos combatê-lo com a crítica e no terreno das ideias, rebelar-nos por nossa parte às suas eventuais imposições: reivindicar o nosso direito de organização autónoma e de experimentação nos limites da nossa capacidade numérica e técnica, mas não podemos impor, pela força, aos outros, que se organizem libertariamente”. Proclamam os anarquistas de ideias claras.

E referindo-se a um eventual governo democrático obreiro, assim se refere Fabbri em “Pensiero e Voluntá”: “Não

podemos aceitar este tipo de organização e estaremos na oposição, para patrocinar por uma organização sempre mais livre. Mas não podemos excluir que algumas formas são mais autoritárias, e outras menos. E poderão ser regimens não anárquicos, mas acentuadamente revolucionários, socialistas, de base federalista e autonomista, que permite o mais livre desenvolvimento, pelo menos no terreno técnico, e, nesse caso, os anarquistas não poderão negar a própria cooperação. A oposição da minoria a um regime estatal da maioria poderá ser impedida ante a necessidade superior da defesa revolucionária. Poderíamos nós, por exemplo, assumir a responsabilidade de provocar uma luta no interior de um território em revolução, quando este fosse assaltado perigosamente por forças armadas revolucionárias vindas do exterior?

A resposta anarquista foi sempre não”.

Os anarquistas não são exageradamente otimistas quanto às massas humanas.

“Esta força cega, generosa ou egoísta, que forja ela própria as cadeias destinadas a mantê-la escrava, com o mesmo sentimento de impulsividade com que, em todo tempo, retempera as armas que deverão servi-la para reconquistar a própria liberdade, é matéria plasmável nas mãos dos mais inteligentes, daqueles que mais profundamente possam conhecê-la e compreendê-la, e compreendendo-a, satisfazê-la, não para servi-la ou para tornar-se escravo dela, mas para tirar vantagem, dando-lhe vantagens...” (Volontá).

Querem os anarquistas convencer as massas a realizarem seus ideais pelo exemplo e pela palavra. “Mas se, apesar de nossos sacrifícios, apesar de todos os escravos com que combatemos em nossa luta — como sempre sustentamos em todas as ocasiões — viéssemos a reconhecer que, para atingir a nossa meta, seríamos constrangidos a recorrer a uma imposição violenta (ditadura, estado, exército organizado) deveremos reconhecer que, nesse momento, cessaríamos de ser anarquistas para confundirmo-nos com a autocracia, seja com qual cor se apresente” (Pensiero e Volontá).

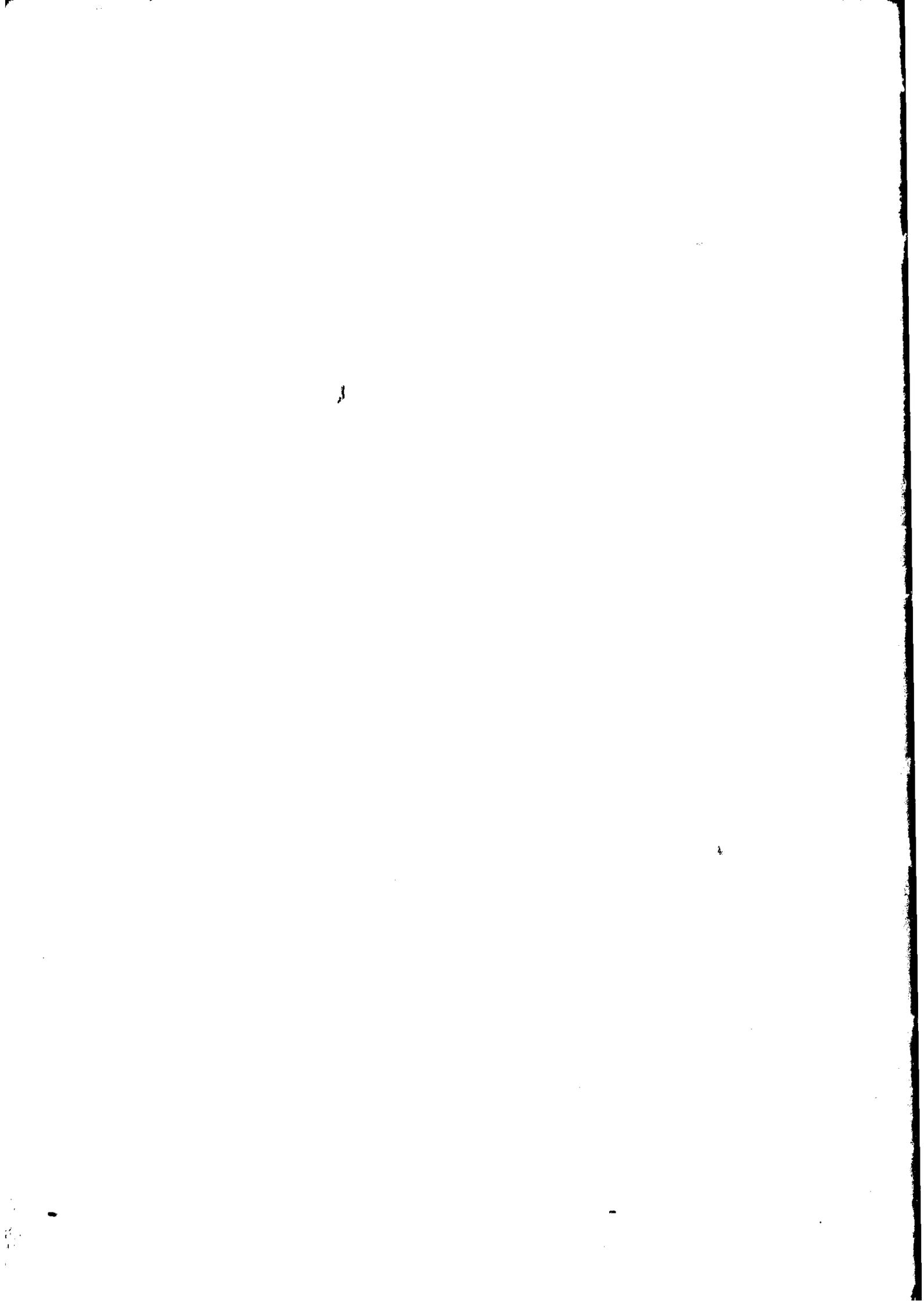
Considerar o ambiente econômico como substracto da vida psíquica (como procede o materialismo histórico), é

um método fecundo na busca histórica, e é a única justificação social da luta de classes. Mas, da filosofia da história, o marxismo passou à política, sob a luz de um fatalismo economicista, que não podia senão suscitar desconfiança e a hostilidade daqueles que aceitam, com Bakunin, que “tòda a história intelectual e moral, política e social da humanidade é um reflexo da história econômica”, mas num sentido relativo.

Acusam os anarquistas a aridez do marxismo, estranho a eles, que têm uma concepção heróica da vida, a preocupação ética, a religiosidade em suma, o que na escola marxista, ou não penetra ou permanece algo estranho, extemporâneo. O marxismo é materialismo e naturalismo. E a filosofia a qual atingir está longe do mundo que os mais cultos anarquistas querem criar, sob o influxo de uma mais ampla e viva modernidade. Falta, ainda, no marxismo, e sobretudo em Marx, aquele impulso épico, aquela riqueza e intimidade de paixão que encontramos em Proudhon e Mazzini. O marxismo hoje, não poderia conquistar entre os anarquistas muitas adesões intelectuais nem espirituais.

Intelectuais, porque o marxismo é actualmente revisionismo reformista ou comunismo autoritário. Espirituais porque, se o revisionismo marxista, embora como aquele de Antonio Labriola e de Rodolfo Mondolfo, alarga e anima o pensamento de Marx, não consegue diferenciar o marxismo daquele materialismo histórico político (que não satisfaz aos anarquistas por ser unilateral, árido, exterior. O que caracteriza o sistema econômico e político de Marx está em grande parte ultrapassado para os anarquistas, e o que constitue o espírito do método marxista não é original, nem aceitável. O materialismo histórico nos limites em que o constrange o revisionismo, é anterior a Marx e pertencia à filosofia, e ligava-se com a filosofia dominante no período em que Marx pensava.

Que Marx tenha sido sistematizador, até o potencializador do materialismo histórico, não é uma boa razão para passar ao nome de marxismo o que pertence à moderna filosofia da história que, compreendendo-o e corrigindo-o, supera-o, exclamam os anarquistas.



## SÍNTESE DA CRÍTICA LIBERTÁRIA

Resumindo, tanto quanto é possível, a crítica libertária ao marxismo, podemos salientar os seguintes pontos:

O socialismo tem uma meta naturalmente ideal: uma sociedade sem classes. Nesta, preponderará o princípio libertário, exposto muito antes dos comunistas: “de cada um segundo sua capacidade a a cada um segundo sua necessidade”.

Para alcançar esse desiderato têm os socialistas que lutar contra todas as forças de oposição que criam embaraços e desviam as massas humanas do ideal, que é uma sociedade sem poder organizado, em que cada indivíduo, eticamente, cumpre seus deveres e goza de seus direitos, sem prejudicar a quem quer que seja.

Esse ideal é, para os anarquistas, apenas um ideal, e portanto, *talvez* nunca totalmente alcançável. Mas os caminhos que poderão levar o homem a uma aproximação constante dessa perfeição, não podem ser os preconizados pelos socialistas democráticos e muito menos pelos autoritários.

O socialismo não pode ser estruturado num sistema dogmático, fatalmente fechado, embora proclamem que não, pois seria estabelecer uma concepção *a priori*. O socialismo é um ideal a ser realizado. E só poderá estruturar-se num sistema filosófico *a posteriori*, isto é, após a experiência. Por esta razão consideram a obra de Marx falha pelos seguintes motivos:

a) por se fundar em factos ainda não bem comprovados na história:

b) por aceitar uma posição filosófica, sob precárias bases científicas;

c) por ter uma visão da economia fundada apenas num período da história ocidental, sem considerar outros aspectos;

d) por ter partido de uma dialéctica falsa, que afirma a geração do heterogêneo pelo heterogêneo e por concluir que a opressão pudesse gerar a liberdade, como se a geração não se processasse do semelhante para o semelhante (o tigre não gesta pombas, nem o touro andorinhas);

e) por não ter considerado que o desejo humano de felicidade terrena, e de paz e amor entre os homens e o de liberdade, é mais profundo que o mero ressentimento das massas.

Consequentemente: o marxismo tem bases precárias: quer filosóficas, quer econômicas, quer psicológicas, quer históricas, quer sociais, etc.

Se o marxismo exerce alguma sugestão sobre as massas, alegam, não é propriamente por ser marxismo, mas por empregar termos e expressões socialistas, cuja validade é aceita pelas massas oprimidas. Os êxitos do marxismo se devem apenas ao lastro do socialismo.

Por outro lado, a sua prática é uma refutação da teoria. Podem os marxistas dissidentes alegarem que a Rússia não é o verdadeiro exemplo do marxismo, mas os libertários acrescentam: de qualquer forma a Rússia é um fruto da árvore marxista. E os frutos são a verdade da árvore. Uma pereira, que não dá peras, está automaticamente refutada. Se os marxistas, no seu primeiro exemplo, falharam tão desastrosamente, devem ser postos de vez de lado, pois nada mais deu além do que já era esperado pelos libertários, cuja crítica (e basta compulsar a obra libertária durante o século passado e neste) afirmou sempre que a revolução russa degeneraria numa nova brutalidade na história.

Por outro lado, a alegação de que o marxismo é vitorioso numa terça parte do mundo, não prova a validade de sua tese. A história conheceu vitórias como essas, e grandes derrotas finais, com prejuízos dos elementos sãos. O marxismo ainda não venceu, e certamente não vencerá os seus adversários na última batalha.

Acusam os libertários o marxismo de ter prolongado a vida do capitalismo, já cambaleante no século passado, criando divisões entre os trabalhadores e reduzindo o socialismo a um verdadeiro saco de gatos. O próprio marxismo não consegue manter-se senão à custa de depurações e brutalidades. O governo soviético, por exemplo, não pode dar liberdade ao povo, a menor liberdade do mais reacionário país capitalista, pois o governo não resistiria um mês sequer. Se não é verdade, dizem os libertários, dêem liberdade ao povo russo e soltem os dez ou vinte milhões de escravos dos campos de concentração, e adeus os santos Marx, Lenin, Stalin e os próximos deuses. . .

A teoria marxista do Estado foi desmentida totalmente na prática. O deperecimento previsto foi substituído pela maior opressão que a história conhece.

Ademais, a abolição de classes não se deu. Ao contrário, surgiram novas: os burocratas do Estado, os burocratas do partido, os tecnocratas, os militares e policiais, por exemplo. Quanto aos trabalhadores continuaram o que eram, sujeitos ao salariato e pagando a mais alta plus-valia que se conhece, pois os parasitas do Estado absorvem a maior percentagem da produção.

Não aleguem os marxistas, acrescentam os libertários, que a Rússia ficou desamparada. Durante os dias da intervenção; quando ainda o Estado soviético era fraco, atacado por mais de uma dezena de nações, o povo russo e o proletariado mundial souberam defendê-lo. O proletariado mundial não abandonou os proletários russos; foram os dirigentes russos que os abandonaram, traíndo a causa socialista e estabelecendo o estado mais nacionalista dos nossos tempos. Basta que se considere o endeusamento dos heróis da antiga nobreza, em detrimento dos heróis populares, e a constante exaltação da "intelligentzia" eslava, como a criadora de tudo. "Se isso não é nacionalismo extremado, então eu sou andorinha" disse um crítico do marxismo.

O proletariado russo não administra a nação, mas sim uma casta de dirigentes, que não toma parte na produção,

mas dela é usufrutuária. Quando aprenderá o trabalhador russo a administrar? Em trinta e tantos anos de experiência socialista ainda um grupo maneja e dispõe do destino de todo um povo.

“Se isso é socialismo, continuo sendo andorinha”, repete o crítico.

“Nós somos os utópicos, mas previmos o que sucederia; eles (os marxistas) são os científicos, mas disseram uma coisa e fizeram outra”, exclama um crítico libertário. Juntem-se a estes argumentos, os que foram expostos no capítulo anterior, quando da análise da teoria marxista do Estado, e teremos uma síntese, apenas uma síntese, da crítica libertária à obra marxista, suficiente para que o leitor tenha presente os termos desta polêmica, que ainda não terminou e que antecede ao último acto de uma história que ainda está para ser escrita.

Se nós observarmos a história do partido comunista, desde os pródromos da Revolução de Outubro até Malenkov, observaremos espantadamente, que esse partido teve à sua frente 90 % (noventa por cento) de traidores, escapando-se apenas dessa pecha, três: Lenin, Kalenin e Stalin. Quanto a Kalenin, faleceu uma semana após haver feito um discurso, após a guerra, em que pregou a diminuição do despotismo do Estado e em que chegou a exclamar, num improviso: “Agora que vencemos o nazismo, basta de ditadura e marchemos para o socialismo!”. Esse discurso, ouvido no mundo inteiro, foi o último de Kalenin. Uma semana após era o seu corpo levado pelos líderes compungidos do Partido, entre eles, Stalin, Molotov, Malenkov e outros.

Quanto a Lenin e Stalin, o primeiro forçado a um retiro para tratamento de saúde, e o segundo morrendo ainda de modo pouco conhecido, foram os únicos aos quais o Partido Comunista não atirou a pecha de traidores!

Resta, portanto, perguntar, — diz um libertário — já que ainda somos seres inteligentes: ou é verdade o que o partido tem dito ou não é verdade, ou é e não é, para usarmos da dialéctica marxista.

Se é verdade que Trotski, Rikoff, Bukarin, Zinoviev, Kamenev, etc. foram traidores, neste caso o Partido Comunista é um partido que teve 90% de traidores, ou seja um partido em que sua maioria absoluta é de traidores, portanto um partido de traidores; ou não é verdade, e neste caso o partido mentiu, acusando de traição os que não o eram. Então é um partido de canalhas, pois é um partido onde os canalhas vencem, dominam, substituídos por outros que os acusam de traidores que, como canalhas, são substituídos por outros que os matam e acusam como traidores. Neste caso é um partido de canalhas.

Não há saída para os marxistas que seguem a linha justa. E não se alegue que no futuro será diferente, porque o cálculo das probabilidades não o permite.

Um socialista libertário, voltando-se para o povo, poderia perguntar-lhe:

— “Com que direito, companheiros, um partido que é composto em sua maioria ou de canalhas ou de traidores, ou de ambos, quer pedir às massas confiança em seus dirigentes?”

Enquanto as massas seguirem tal partido, elas se afastam da pureza de si mesmas, do revolucionarismo puro das multidões anelantes de bem estar e de salvação, para cair nas garras ou de traidores ou de canalhas ou dos dois juntos!

Não há que escolher aqui! Um homem inteligente só tem um caminho: escorraçá-los, repelir os dirigentes, que se apossaram do vocabulário e das teses socialistas, policiais do proletariado, que empregam promessas socialistas para darem em troca realidades marxistas! Esses ambiciosos de mando, que se matam uns aos outros, depois de se acusarem mutuamente de traidores, para justificar ante as massas os malogros econômicos, a miséria dos trabalhadores, pondo sobre os vencidos, victoriosos os de ontem, a culpa da traição, que os acompanhará amanhã, quando acusados pelos novos eventuais ocupantes do poder, como aconteceu com o victoriado Béria, hoje culpado de todo o malogro econômico do soviétismo bolchevista, devem ser repeli-

dos pelo proletariado, do contrário este sofrerá em suas carnes a derrota final que se avizinha a passos largos.

Por isso os libertários não desanimam ante o refluxo de suas ideias. Eles sabem que da experiência bolchevista e do capitalismo de Estado, hão de surgir, purificadas pela experiência, as grandes teses, as genuínas teses do socialismo.

## SOCIALISMO E POLÍTICA

Não é de hoje que a má política (isto é, a arte de conquistar o poder e de conservá-lo, com todo o seu cortejo de oportunismo, misérias, infâmias, indecências, processos escusos, etc.), tem sido um dos maiores males na luta pela emancipação humana. A política, como método de acção dos socialistas, é um método indirecto, mediato, o qual exige a acção de intermediários. Como sempre sucede, o meio acaba tornando-se mais importante que o fim, pois tende a substituí-lo, e a luta emancipadora, tendente para um ideal final, acaba por endeusar os meios, como acontece na Rússia, onde se diviniza o Estado Soviético.

Todos os partidos políticos terminam fatalmente, mais dia menos dia, em se preocuparem mais com os meios que com os fins.

Esta a razão porque os libertários combatem a política, e julgam-na o processo mais falso de luta pela emancipação social. Nunca, pela política, se consegue atingir os fins desejados e, quando se consegue alguma coisa é sempre *apesar* da política.

Não vamos, aqui, traçar uma análise, o que fazemos em nosso livro "História das Idéias Políticas".

Dizem, hoje, os políticos, que combater a política é fazer obra fascista. Mas esquecem que quem desmoraliza a acção política não é a campanha anti-política, mas sim a *acção dos políticos!* O espectáculo dos parlamentos, a falta de dignidade dos chamados indevidamente "representantes do povo", sua subserviência a interêsses inconfessáveis, sua acção mentirosa, seu prometer desmedido, sua traição constante aos principios, tudo isso, em suma, é que desmoraliza a política. São os políticos que fazem obra fascista, porque a política só serve para desmoralizar a si mesma, pela simples razão que leva dentro de si o próprio veneno

que a mata, porque encerra em sua essência o vírus do domínio, da vitória fácil, da mentira, da intriga.

Com o desenvolvimento da técnica, da ciência da administração, com a possibilidade, que há-de se congregar numa sociedade humana as forças de produção e de consumo para uma obra homogênea (queremos referir-nos, é lógico, a uma sociedade cooperacional), a política é algo de anacrônico, de impróprio, e emperrante, de obstaculizador. Em suma, estaria bem num museu de curiosidades.

Numa sociedade capitalista, a política só pode favorecer ao fascismo, ao cesarismo, porque não é o meio apropriado para as transformações de índole social, as quais devem ser feitas pela acção congregada das próprias organizações populares, em sua luta emancipadora.

Querer chamar de política essa acção é falsear o seu sentido verdadeiro e prático. Política é uma arte intermediária, de métodos intermediários e indirectos, com a finalidade de obter o poder e de conservá-lo. Querer dar-lhe um conceito puro e científico é apenas separá-la da realidade prática, da *praxis*.

A luta contra a política é uma luta de moralização social. A transformação social é obra de todos, a todos compete, e todos precisam empregar os maiores esforços para conseguir realizá-la. A política tende para o menor número, para um grupo de privilegiados. E o mesmo fenómeno que se dá com a organização burocrática, em que a burocrata cada vez mais se burocratiza, o político cada vez mais se politiquiza.

Enquanto o socialismo usar a arma da política estará fazendo o papel das classes dominantes, estará servindo-as, dizem os libertários. Se os socialistas querem socialismo é necessário, desde já, começar a fazê-lo, socializando seus actos e sua acção. No terreno político, que é sempre o de um número reduzido, e de alheados da produção, não se faz obra socialista. Faz-se apenas obra política.

A crise do socialismo moderno é produto da sua acção política, proclamam os anarquistas. Há socialistas em todo o mundo, aos milhões; mas, socialismo, onde está?

Há o poder do Estado hipertrofiado, há a nacionalização das empresas, há a centralização burocrática, a comissariocracia, a tecnocracia, o dirigismo, mas, socialismo onde está? Há operários assalariados, há produtores oprimidos, há sacrifícios sem conta; mas, socialismo onde está?

Em suma, socialismo político é política sem socialismo, e nada mais.

Por isso os libertários consideram que um dos erros mais desastrosos que têm perturbado a acção dos socialistas do mundo inteiro é o aproveitamento dos meios eleitorais e políticos em sua acção. Muitas são as razões que oferecem os partidários dos meios eleitoralistas na luta emancipadora dos oprimidos. Podemos sintetizá-los aqui:

a) oferece uma tribuna de propaganda para os ideais socialistas;

b) as imunidades parlamentares garantem uma propaganda mais firme dentro da ordem burguesa;

c) permite conhecer o apoio popular de um partido pela votação, e de seus progressos ou regressos na confiança e no prestígio popular.

São esses os três argumentos principais dos eleitoralistas. Parecem poderosos e eficientes, mas como os libertários se negam a separar a teoria da prática, pois é na prática que vamos encontrar o melhor fundamento das teorias, e na teoria, a sua força, quando ela é aplicável, com eficiência, na prática.

Por princípio são eles anti-partidários, porque consideram o partidarismo, que sempre se inicia vacilante, tender finalmente a tornar-se exigente, opressivo e criar abismos no movimento das classes oprimidas.

Para a burguesia, nada melhor que a luta partidária e eleitoralista dos partidos operários. Ele sabe perfeitamente que, por esses meios, o proletariado se afasta cada vez mais de sua verdadeira luta e adia continuamente o dia da renovação social, que há séculos vem sendo desejada.

As razões que apontam os libertários em defesa de sua atitude são as seguintes:

Quem estudar detidamente a história dos partidos socialistas, verificará, como uma constante em todo o seu desenvolvimento, este facto inegável: todo partido socialista que, por estas ou aquelas razões, não participa da luta eleitoral crítica continuamente os partidos, que dessa luta se aproveitam, de se terem desviado de seus verdadeiros princípios, de se terem tornado colaboracionistas, de se terem perdido nos meios e esquecido os fins, de incluírem “traidores” em suas fileiras, de se terem verificado em numero ascendente o dos que se afastam dos princípios ideológicos, para emprenderem acordos, conchavos e combinações, que têm servido apenas para desvirtuar a verdadeira luta dos trabalhadores. Leia-se, por exemplo, toda a literatura de polémica do marxismo, e vemos nela, quando os marxistas não ocupam postos de eleição, criticarem sempre os outros partidos políticos do proletariado de servirem de apoio à burguesia, de colaborarem vergonhosamente, de se afastarem frequentemente dos seus princípios ideológicos. E quando os marxistas se aproveitam desses mesmos cargos eleitorais, serem continuamente acusados, pelos que não participam do poder, dos mesmos erros e desvios que se verificam tão trágicamente na história dos partidos populares.

Não podemos compreender que a repetição desse facto, repetição teimosa e constante, não sirva para abrir os olhos de muita gente, dizem os anarquistas. Por um empirismo simplista, por uma incompreensão categórica da realidade, julgam muitos que tais factos sucedem “apenas porque os representantes do povo não eram bastante puros”, e erraram por factores de ordem “puramente subjectiva”. Ora, tal explicação não deve estar nos lábios de um verdadeiro socialista. Isto não é explicar, mas apenas querer iludir a própria verdade, isto é, mistificar a massa sob a ingênua afirmação de “que eles erraram porque eram eles, mas nós seremos diferentes”.

E quando sobem “esses puros” ao poder, tornam-se iguais, em tudo e por tudo, aos antigos “traidores”, que foram tão terrivelmente acusados.

Se tais factos, que se repetem constantemente, não abrem os olhos de muitos, é que a cegueira partidária esconde a rea-

lidade da vida e a verdadeira significação degenerativa que existe na luta eleitoral e politica. E não é só. Não são apenas os "representantes do povo" os acusados de desvio, mas as próprias bases populares dos partidos eleitoralistas, que são acusadas de inércia, de desvios graves e perigosos, de se impressionarem demais pelo liderismo, de exaltarem indevidamente a figura de "chefes salvadores", de permitirem que os "traidores se instalem no meio da massa", para afastá-la do seu verdadeiro caminho de renovação e de transformação social.

Portanto, a degenerescência que se observa, não só contamina a cúpula dos partidos eleitoralistas do proletariado, como também a própria base. E' isto o que lemos constantemente na literatura de polémica dos socialistas, é essa queixa secular que paira nas páginas dos autores sinceros e leais, é essa explicação, cheia de angústias e de acusações violentas, que sempre fazem os que ainda não usam o sistema eleitoral contra os que o usam e dele abusam.

Portanto, ante a repetição sociológica dos factos, se deve procurar as verdadeiras causas objectivas que levam a tais desvios sem deixar de lado as razões de character subjectivo, que isoladas nada explicam, e servem apenas para lançar uma nuvem de fumaça aos olhos do proletariado.

A corrupção, que se verifica teimosamente nos partidos populares que usam da luta partidária e eleitoralista, tem causas mais reais e mais objectivas do que julgam muitos, e é fácil explicá-las. E assim a explicam os libertários:

A luta politica, dentro dos quadros legais do capitalismo, é uma luta essencialmente burguesa e não proletária. Com a base económica e financeira, dominada pela burguesia, e por seus testas de ferro, a acção dos representantes operários cinge-se às cadeias férreas das leis burguesas. Não é possível romper essa barreira e, na armadilha dos parlamentos, caem os mais puros e ingênuos lutadores das grandes reivindicações proletárias.

A luta politica é uma luta burguesa e não proletária.

O carácter de contemporização, que é inerente ao movimento politico, força o aprazamento, cria impecilhos a toda incitação à actividade, provoca a inércia, convence da

impossibilidade de vencer o emaranhado das leis burguesas, feitas inteligentemente para criar obstáculos a toda acção mais rápida, pois a burguesia sabe conscientemente, e por instinto, que toda acção lenta lhe é sempre mais eficaz que a acção rápida, por desenvolver um profundo desejo de passividade, de inércia pelo retardamento, que tem profundas influências psicológicas.

Os adiamentos das resoluções, o adiamento contínuo, a demora das informações oficiais, tudo isso é “ducha de água fria” na incitação e no calor que vibra e aquece os elementos lutadores, e a pouco e pouco, a burguesia sabe que o ambiente parlamentar, a lentidão de suas resoluções, o clima parasitário que se forma, o afastamento dos representantes do povo da produção e do contacto com os companheiros, criam uma degenerescência na acção que se desgasta, que se amortece e, em pouco tempo, se vê o espectáculo constante do movimento socialista: os representantes socialistas acham-se num choque crescente com as massas.

Emquanto essas lhes pedem acção, eles respondem que não podem ir tão depressa como elas desejam. E é natural, posteriormente, que busquem justificar a inércia que aos poucos deles se vai apossando. E ao explicá-la ante as massas, transmitem a essas o espírito de inércia e, nestas, despertam a própria inércia, esse desejo de passividade, essa marcha e impulso para o nada, que há em potência em todos os homens e do qual não estão alheias as próprias massas.

Sabe a burguesia que as reformas tem de se processar na sociedade. Ela sabe perfeitamente que a ordem, por ela instituída, é pouco justa, e que não corresponde aos desejos dos oprimidos, empolgados pelas esperanças de se libertarem das cadeias.

Por mais que seus doutrinadores, filósofos e cientistas procurem por todos os meios criar filosofias e doutrinas, que assegurem a irreabilidade da vida objectiva, a superioridade de uma concepção idealista e espiritualista do mundo, a afirmação de que a história é apenas um suceder de factos, e que o regime capitalista mercantil, fundado no lucro a todo o custo, é o que melhor corresponde aos desejos e aos

estímulos humanos, a burguesia sabe, e isso o confessa intimamente, que tudo é passageiro, que a sua situação como classe é apenas a repetição sociológica de outras classes, que dominaram e cederam o lugar a formas mais evoluídas.

Ela sabe que não poderá deter a marcha dos acontecimentos, *mas sabe, também, que poderá pelo menos retardá-la*. As reformas e as transformações da sociedade serão inevitáveis. Elas sobrevirão, mas é possível retardá-las. *E a política é a grande arma burguesa de retardamento*.

E prosseguem os libertários em seus argumentos:

Se as reformas sociais se processassem facilmente, se a acção directa das massas, acção imediata, sem intermediários, sem políticos, se processasse a fazer reformas, essas sobreviriam rápidas, umas após outras, de tal forma, que a sequência dos acontecimentos teria um ritmo mais veloz, e a transformação completa da sociedade se processaria num lapso de tempo muito menor.

Ante essa imprescriptibilidade dos acontecimentos, a burguesia usa do meio mais hábil e mais sagaz criado pelo espírito humano: a política, a acção indirecta, mediata, o intermediário. Desta forma, preso no emaranhado das leis, no ritmo lento dos parlamentos, todos os entusiasmos se esfriam e as massas, ante a realidade dos factos, ficam aguardando nas eleições seguintes uma vitória mais completa, a eleição de outras "esperanças", para que elas realizem os seus desejos.

Sabe também a burguesia que a melhor forma de desmoralizar um partido é elevá-lo a uma posição de mando. Os mandatários nunca podem realizar, nem uma parcela mínima do que prometem. Para obterem maior número de votos, são obrigados a fazer promessas, muitas das quais sabem perfeitamente que não podem cumprir. São obrigados a oferecer às massas um futuro que não lhes está nas mãos. Guindados ao poder, sob entusiasmo e esperanças, suas realizações são apenas migalhas do que cai da mesa de banquetta da burguesia. E, sobrevém a desmoralização do partido! São também os representantes do povo, dos operários que traem, os Laval, os Millerand, que entram a fazer parte dos

conchavos políticos, e que se embrutecem na vida parlamentar, que são empolgados pelos prazeres fáceis das grandes capitais e da vida parasitária dos mandatários do povo, das conversas fúteis dos cafés dos parlamentos, dos jantares opíparos e do exemplo pernicioso de todos os salafários que os cercam, e que lhes oferecem as possibilidades de ganhos deshonestos, que contribuem para os reflexos do movimento socialista.

E esses “traidores” são os que desmoralizam depois os partidos!

E nas eleições seguintes, o eleitorado simpatizante, desanimado com a acção dos “representantes”, vota noutros partidos, acredita em novas “esperanças”, e assim o tempo passa.

Veja-se o exemplo de toda a história do socialismo eleitoralista. Sobem partidos socialistas, e nada de socialismo. Na eleição seguinte, sobem os conservadores, e tudo fica como estava, ou pior. E a grande ingenuidade das massas, mistificadas por seus falsos defensores, é explorada magnificamente para que tudo corra em proveito dos dominadores.

Essa a grande habilidade e sagacidade dos burgueses para iludirem as massas. Eles, quando é conveniente, vestem-se das cores vermelhas, mandam seus representantes para os partidos de esquerda, usam também frases e palavras de ordem revolucionárias, pregam “a luta pacífica das urnas”, a “grande arma do cidadão”, a “alavanca da história”, e vão contribuir para, de cambulhada com os partidos operários, criar a maior confusão no meio dos trabalhadores.

A política serve para isso: os ambiciosos de mando, os que desejam fazer carreira política, os que querem sobressair-se pela posição social, vão procurar os meios operários e os partidos políticos dos trabalhadores.

Quantos políticos reacionários de hoje começaram a criar nome nos comícios operários, ao lado dos partidos de esquerda, pregando ideias rubras, passando até pelas delegacias de polícia, para, depois de guindados ao poder, fazer cisões dentro dos partidos ou aderirem a outros e de degrau

em degrau, chegar até a adesão, na meia idade, aos partidos conservadores.

A maioria dos políticos conservadores foram em sua juventude políticos socialistas! E dizem os libertários:

Atentem para esses factos, os trabalhadores e os oprimidos do mundo.

É necessário de uma vez por todas ter memória.

É preciso conhecer o passado e procurar no passado os reaccionários do presente. Grande é a colheita que os burgueses têm feito nos partidos políticos dos trabalhadores.

Ora, todo homem, no mundo, tem um desejo de mandar, um impulso de domínio e um impulso de obediência e de passividade. Essa parte activa do homem, se levada para o terreno da política, se na política encontrar seu campo de acção e de desenvolvimento, logo se viciará na forma de domínio e de mandonismo. A luta indirecta, a acção indirecta, gera a forma viciosa do impulso de acção: o mandonismo, o liderismo, o autoritarismo, o politicismo.

A acção directa deixa que o impulso activo do homem se manifeste com toda a sua pureza, sem desvios que o viciam, e leva-o à acção verdadeiramente socialista, ao desejo de erguer os irmãos da passividade para a acção; da inércia para a rebeldia. Ela é criadora, porque transforma cada um num ser responsável de acção socialista.

Por isso a política é a arma mais amada pela burguesia. A burguesia inteligente do mundo inteiro não combate os partidos políticos operários senão aparentemente. Ataca-os, acusando-os de revolucionários e exigentes, para iludirem as massas, para fazer a essas acreditarem que realmente eles são revolucionários. Mas a burguesia inteligente sabe perfeitamente que esses partidos são os melhores guardiães de seus tesouros, porque, ao darem às massas uma ilusão de conquistas, ajudam também a desmoralizar o socialismo e a apresentar aos olhos do povo o regime capitalista como algo de imprescriptível e sólido, como algo de eterno.

E que melhor para tal que os “parlamentos”, onde se debatem todas as ideias e se aumenta a confusão do povo? Que melhor que as campanhas políticas, essas “adoráveis dormideiras”, esse ópio das multidões, que lhes dão a suave

e doce ilusão de que estão realizando socialismo e construindo o seu amanhã, através de pedacinhos de papéis, postos religiosamente nas urnas silenciosas?

A burguesia sabe que os partidos operários são o seu melhor aliado, o aliado silencioso, o aliado indirecto. Com suas agitações eleitorais, eles dão vazão às forças do proletariado, aos desejos de rebeldia do proletariado. É uma forma de desviar esses impulsos, tão perigosos, para fins muito mais interessantes aos senhores do mundo. Uma campanha política custa muito dinheiro e muito trabalho. Toda a carga activa das massas, prestes a explodir, é canalizada hábilmente para a campanha eleitoral. Distribuição de manifestos, pregação de cartazes, aliciamento de eleitores, comícios eleitorais, trabalho, trabalho, trabalho, que se gasta, esforços inauditos perdidos. Mas se esse esforço fosse empregado para uma acção directa das massas, para a educação socialista dos oprimidos, para ensinar-lhes os meios práticos de luta, e de organização econômica e, para uma vida socialista, seriam mais úteis. É preciso mostrar, exclamam os libertários, que o caminho do socialismo não é um caminho de rosas, mas um caminho de lutas, de grandes sacrifícios, de lágrimas, de dores, de ingentes esforços.

Toda essa carga activa, que se concentra nas multidões exploradas, não deve ser aproveitada, mas desviada. Não deve ter seu curso natural, directo, mas indirecto, desviado pelos políticos, pela luta política.

Depois, o caminho das urnas é mais fácil, menos trabalhoso. Toda a inércia, todos os impulsos de passividade, que estão dentro do homem, predispõem a receber de boa vontade tudo quanto signifique o menor esforço. A campanha política tem essa miraculosa eficácia. Desperta a passividade, ao desviar os impulsos de acção para os meios, em vez dos fins.

O homem prefere acreditar que a luta eleitoral é mais eficiente, porque o dispensa de uma acção mais trabalhosa. A crítica libertária vai ainda mais longe e os argumentos poderiam encher volumes e volumes. Mas, em síntese, os libertários chamam a atenção para os socialistas que ain-

da se iludem com as lutas políticas, que se dispam de suas couraças ideológicas e da ganga bruta de suas mistificações doutrinárias, que esqueçam um pouco a teoria, e olhem os factos que se desenrolam: verão sempre, em toda a parte, a política servir de arma para os dominadores, para os poderosos, e que, como arma, provou uma eficiência muito superior à das religiões. Hoje o clero é posto um pouco de lado, porque a sua eficiência na conservação da ordem existente, é secundária, e a política é melhor usada, porque é uma arma mais segura. E o clero tanto compreendeu isso, dizem os libertários, que, para não desaparecer, fez-se também político, e até socialista.

Assim, sintetizando:

A luta pelos meios é a acção indirecta;  
a luta pelos fins é a acção directa.

Os socialistas libertários preferem esta última, e a justificam. A primeira é um desvio do verdadeiro impulso humano de acção que, no oprimido, se manifesta num impulso de rebeldia.

A segunda são os impulsos realizando-se plenamente, plenamente conscientes e criadores, com todo o seu carácter de iniciativa. O primeiro cria massas e conserva-as como tal, isto é, como massas de manobras, como multidões obedientes aos gestos e às palavras de ordem dos líderes, chefes, etc. A segunda desenvolve no homem a capacidade criadora, porque não tira das massas o espírito de iniciativa, e modela indivíduos, homens.

Analiseemos mais este ponto tão importante para a compreensão dos porques das táticas dos socialistas libertários. Afirmam que muitas vezes são obrigados a penetrar no terreno da filosofia e da ciência, na explicação dessas duas formas de tática, porque a ciência e a filosofia vêm em seu abono e justificam poderosamente o acerto de suas opiniões.

Há na biologia um fenómeno que não se observa na física. É o da "incitação". Todo ser vivo é incitável, isto é, uma força exterior não produz uma acção à acção impulsionadora, como, por exemplo, uma bola de bilhar, impulsionada contra outra, transmite à segunda, no início, a

mesma força que ela tem. No ser vivo, a incitação pode produzir efeitos maiores. O impulsionado pode realizar *mais* do que a força que o impulsiona.

Nesse fenômeno biológico da incitação, colocam os libertários uma das bases da ética. É uma comprovação do valor, da eficiência dos impulsos éticos. O homem é um animal ético e, por ser ético, é que é homem. E' o homem um ser, como biológico, sujeito à incitação, e esta, na verdade, é um aproveitamento de energias guardadas, que podem brotar a uma impulso e superar a esse impulso.

Quando Kropotkin fundamentou o apoio-mútuo como base de sociabilidade dos seres vivos, verificável até nos animais de rapina, em certas circunstâncias, fundamentou ele a ética num facto de economia animal e até biológico. Mas Kropotkin ainda não havia visto tudo. É que, pela incitação, pode o homem ser levado *a mais* do que normalmente pode realizar.

Nos próprios animais se verifica o poder da incitação, como nos cães, cavalos, animais de carga. A incitação pode levá-los a *ir além* de si mesmo, é o que se verifica sobremaneira nos cães e animais de corrida. Todo o ser vivo, sendo suscetível de um aumento de suas reacções, é por isso incitável. O brio, por exemplo, quando explorado nos cavalos re corrida, realiza verdadeiros milagres e não poucas vezes se tem visto esses animais realizarem muitíssimo além de suas próprias possibilidades, chegando até à morte violenta, após um esforço inaudito.

Tais factos, que o mundo animal nos mostra, é mais evidente entre os homens. Quem não fez ainda dessas experiências junto às crianças, aos jovens, aos homens em suas lutas, em seus combates, na guerra? Quem desconhece, por exemplo, o poder de incitação das palavras nos comícios, nos combates, etc?

E' nessa potencialidade do homem, que eles colocam também um valor ético e fundamentam a ética. O homem pode ser incitado ao bem como ao mal, pode realizar além de seus impulsos naturais, e pode realizar muito mais, e mais intensamente, aquilo para o qual tem tendências na-

turais. Tais factos são tão comezinhos na vida quotidiana, que não necessitam provas porque cada um as encontra facilmente.

As condições materiais podem gerar determinada consciência. O marxismo, em sua interpretação, não está errado, mas não contém toda a verdade. Além da formação dessa consciência, que é um reflexo das situações de ordem material, a incitação pode levar a formar uma consciência potencialmente maior, e pode actualizar-se em actos que superam as *causas*, porque podem congregiar forças latentes e despertar outras. Não é o homem um ser autômato, mas um ser biológico, cujas reacções não são apenas as físicas.

Se bem estudada a história, verifica-se facilmente que os momentos de indignação moral levam os oprimidos a gestos mais decisivos que as simples razões de ordem puramente material.

Não se explica a revolução francesa apenas pelas condições materiais da época, mas pela indignação ética provocada pela vida dissoluta da corte de Luis XVI, pelos escândalos que corriam, ("colar da rainha" e outros). A comuna de Paris nasceu, também, da indignação ética que provocou, no povo parisiense, a traição das forças governamentais da França, a traição e a covardia dos políticos, dos chefes militares etc. A ameaça de Paris ser invadida pelas tropas de Bismarck indignaram o povo da capital francesa. Não que se negue a influência dos factores materiais. Eles predispoem as condições para a indignação ética e para a incitação à luta. As condições materiais são *causas* predisponentes. (Usamos a expressão causa como *práxica*, em sentido puramente libertário, sem que isso implique a aceitação da lei de causa e efeito, no sentido que lhe emprestam tantos filósofos).

As condições morais, éticas, são as causas emergentes. Sem uma indignação e uma incitação conseqüente nenhum povo é arrastado a gestos decisivos.

Esta é uma das bases biológicas da ética no sentido que os socialistas libertários a concebem.

E muito comum ouvir-se entre os socialistas autoritários, aqueles que julgam que o socialismo só será realizado através de uma organização autoritária, dizerem que o socialismo que acredita na realização de uma sociedade melhor pela iniciativa das próprias organizações administrativas de homens livres, reunidos segundo suas afinidades e federados numa organização que será a própria sociedade humana, que não tem êle o menor fundamento científico nem filosófico em suas afirmações.

E dizem mais: dizem que o socialismo libertário é apenas criação de alguns filósofos ou sentimentalistas em disponibilidade que, um dia, sem a menor apreciação dos factos e da história, puseram-se a sonhar com um mando melhor, e o construíram através desses sonhos e sobre esses sonhos, ideologia que tem a mesma firmeza que os castelos construídos no ar.

Contudo, respondem os libertários, devemos frisar um facto perfeitamente observável por qualquer um. E' este: enquanto os socialistas libertários estudam e conhecem a obra dos autoritários, estes, num alarde de ignorância palmar, nada conhecem do pensameno libertário e, do alto de sua auto-suficiência, proclamam a inanidade das doutrinas libertárias. Não é outra coisa o que vemos nas obras de Engels, de Marx, de Lenin, de Plekanov, e muitos outros autores autoritários.

Convém dizer de antemão que o socialismo libertário, em seus aspectos mais gerais, não é o produto de locubrações de filósofos, não nasceu em gabinetes, nem em longas e profundas análises de factos sociológicos ou históricos ou filósofos. Absolutamente não. Nasceu de uma indignação moral, de um desejo de justiça, de uma revolta à opressão, de um anseio de liberdade e de dignidade humana. Naturalmente que tais expressões causam sorrisos aos autoritários. São excessivamente jocosas para eles, porque as não entendem, não as vivem, não crêem nelas. Mas os libertários prosseguem: o socialismo libertário é velho como o homem, e sempre, em todas as épocas, teve suas manifestações mais diversas, consoante as condições técnicas e his-

tóricas da vida humana. Sempre que houve opressão, houve alguém que contra ela se rebelou, houve quem não achou justificável a opressão e que não devia se substituída por outra, nem tampouco que o caminho da liberdade fosse o mesmo caminho da ditadura.

Ora, nem todos os escravos se rebelam contra a escravidão. Também há escravos que querem apenas mudar de senhor. Não foram esses os que construíram a opinião libertária. Libertária foi a opinião dos que, revoltados contra a opressão, quiseram destruí-la, e não substituí-la; quiseram marchar pelo caminho da liberdade, acreditando só poder tornar prática a liberdade pela prática da própria liberdade.

Dessa forma, libertarismo é uma opinião universal, de todos os oprimidos ou revoltados contra a opressão, e que desejam destruí-la e não substituí-la, e que não acreditam gere a liberdade outra coisa senão liberdade, e não crêem seja a opressão a mãe da liberdade.

Examinemos este ponto: pode a liberdade gerar a opressão? Não!

Por que? Por uma razão muito simples: a liberdade é liberdade, e onde há liberdade, não pode haver opressão. Se a opressão se instala, onde há liberdade, é porque ela sobrevém de forças, que não são libertárias, mas opressivas.

Imaginemos uma sociedade humana, livre, libertária, isto é, onde não se instituiu a autoridade política, a autoridade investida pela força. Como nasceria a opressão? Só poderia nascer se alguém resolvesse não manter a liberdade e, para tanto, tivesse força para atentar contra ela. Por si, a liberdade não é geradora da opressão, mas só esta pode gerar o seu semelhante. E como, agora, conceber-se que ela gere a liberdade? Só esta pode gerar a si mesma.

Estamos aqui, por enquanto, num terreno apenas de conceitos, mas a análise da história nos provará que a opressão só gera opressão; e a liberdade, liberdade.

Mas, voltando ao tema do início: o socialismo libertário nasceu nas lutas dos escravos, que não quiseram ser escravos, isto é, escravos que anelavam ser homens livres e não pretendiam escravizar outros.

No decorrer do tempo, segundo as condições históricas, tomou os diversos aspectos que conhecemos, através das doutrina libertárias e anárquicas.

Mas, concluir daí que o libertarismo não tenha quaisquer fundamentos na filosofia e na ciência, é uma palmar ignorância dos factos. E como argumento final, os libertários acrescentam:

O socialismo libertário, impregnado de sua indignação moral, de sua revolta contra a opressão, nasceu como movimento espontâneo de anseio de justiça, mas o desenvolvimento da cultura humana, permitiu que a contribuição de todas as ciências viesse corroborar aquilo que foi produto de um desejo de liberdade. Com o socialismo libertário a prática precedeu, em tudo, à teoria. Essa só posteriormente podia ser construída e, cada dia que passa, cada uma das novas conquistas do conhecimento só tem servido para corroborar as suas teses. (1)

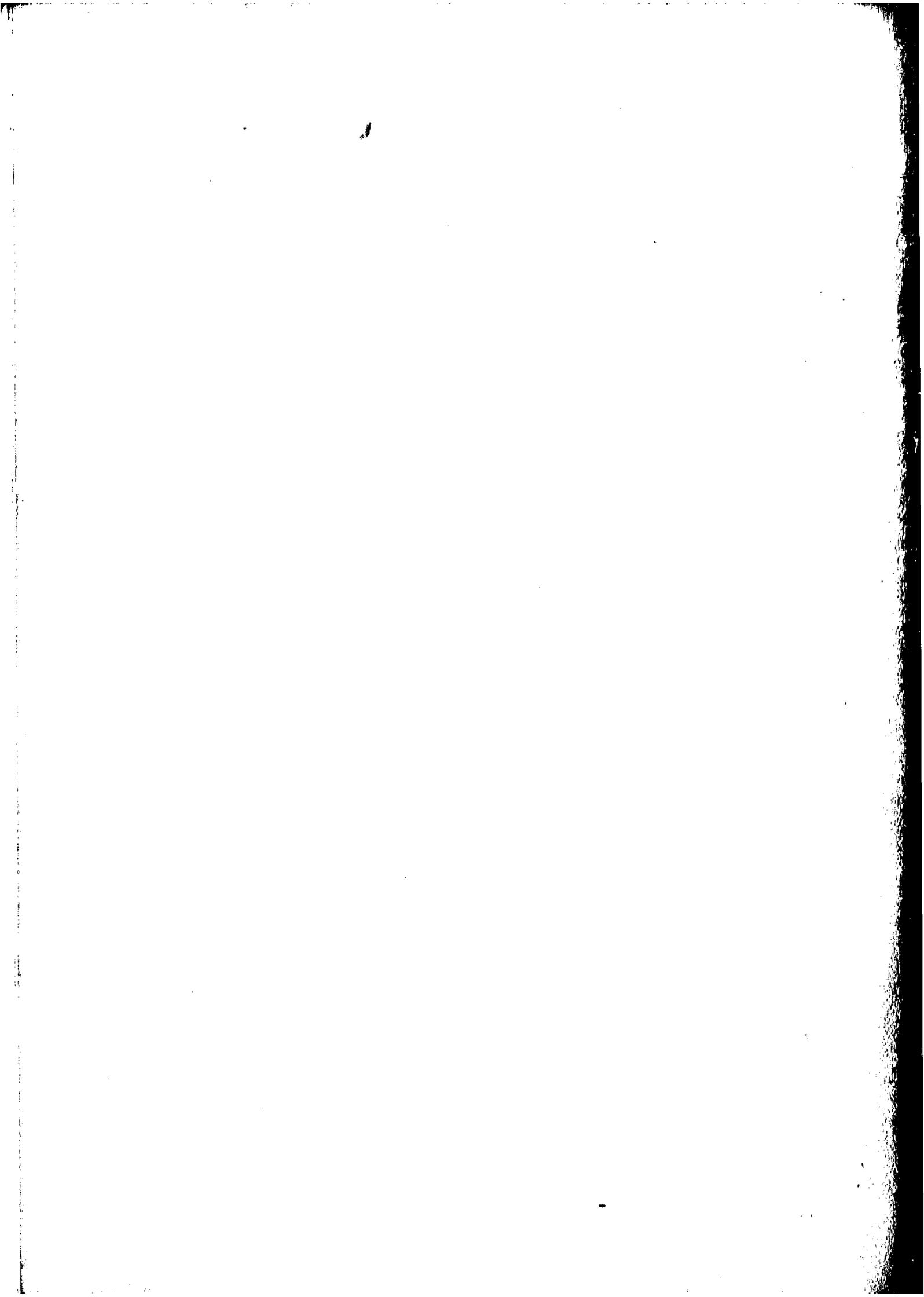
---

(1) Sem nos colocarmos na posição dos socialistas democráticos, — que por sua vez desejam alcançar ao Capitalista Único, o Estado, por meios eleitoralistas, no campo político, e por nacionalizações e encampanções estatais (a multiplicação de autarquias), no campo econômico, — temos que dizer que o anarquismo merece também a sua crítica. Na época actual, os raros e dispersos grupos anarquistas tem os olhos voltados para o século XIX, e vêem a actualidade com os esquemas daquele século. Para eles, ainda apenas estamos na paleotécnica, e dela não saímos nem sairemos. Não procurando buscar o verdadeiro conteúdo de suas idéias, permanecem no conteúdo histórico do século dezenove. Por isso, muitas das suas palavras soam ocas aos ouvidos dos homens de hoje. Ademais, é preciso reconhecer que o aspecto utópico, que se revela no anarquismo, não é um defeito dessa posição, que é mais uma **atitude** revolucionária que uma filosofia ou uma doutrina. O utópico é o que lhe dá um calor e uma vida, que o tornam permanente e perdurável, e sob esse aspecto, pode dizer-se que o anarquismo é em seu conteúdo, um invariante na história, e não um mero acidente histórico, como muitos pensam.

O não compreender que o utópico é um **ideal**, uma meta de perfeição a guiar e a exigir sempre mais dos homens, enquanto a realidade actualizada deve ser vista como tal, leva a muitos anarquistas (façamos uma excepção a Malatesta a Proudhon, a Fabbri, pelo menos) a julgarem que a utopia possa deixar de ser o que é — um ideal inalcançável a desafiar o homem eternamente para que conheça superações — e possa tornar-se numa imediata realidade.

Por outro lado, é preciso reconhecer que os anarquistas são, no movimento socialistas, os mais seguros e coerentes, pois abominaam todo e qualquer oportunismo e, pelo carácter acentuadamente ético de sua doutrina, são de uma rara nobreza e dignidade que os torna admiráveis. Faremos, no entanto, uma anotação que seria para muitos dispensáveis: não se deve julgar o anarquismo pela caricatura. Na verdade, os socialistas de outras escolas pouco ou nada sabem de anarquismo. E ainda acrescentaremos que o terrorismo empregado em algumas ocasiões, é mais uma excrescência do movimento, pois em suas linhas e atitudes, o anarquismo é contra o emprego da violência. Se alguns de seus seguidores a usaram, em certos momentos, deve-se mais ao desespero que propriamente a uma decorrência lógica dos postulados fundamentais.

Em suma, o socialismo está em crise, imerso na crise do mundo moderno. Não poderemos estudar aqui este aspecto, o que faremos em nosso livro de próxima publicação "Decadialética da Crise".



## ANÁLISE DECADIALÉCTICA DO MARXISMO

Na análise decadialéctica do marxismo, que procederemos a seguir, prescindiremos do estudo da dialéctica marxista, que já realizamos em nosso livro "Lógica e Dialéctica", já publicado.

Tem sido o marxismo, como doutrina, exposto em milhares de livros, com maior ou menor proficiência, o que nos dispensa fazê-lo aqui. Como prática, os factos, que se desenvolveram no mundo, desde seu surgimento até os dias de hoje, são um manancial de proveitosas lições. Como o marxismo se considera uma doutrina de acção e não a separa de sua parte teórica, é claro que não deve ser estudado apenas teoricamente, o que não resistiria a uma rigorosa análise filosófica, mas como teoria e prática, indissolúvelmente unidas. Desta maneira, como esta doutrina vincula-se à acção, deve esta justificá-la ou refutá-la.

A acção do marxismo, sob todos os aspectos, é um categórico desmentido à teoria. Os factos são eloquentes e, por maiores malabarismos teóricos e por todo o bizantinismo de suas justificativas, não conseguem seus partidários dissipar a realidade que atesta decisivamente contra ela.

Mas, trata-se agora de analisar esta doutrina decadialécticamente, e o faremos seguindo as *seis providencias*, cujas normas tivemos ocasião de estudar em nosso trabalho acima citado.

Dissemos, já, que pentadialécticamente, o marxismo pode ser colocado sob os seguintes cinco planos:

Como *unidade*, temos a doutrina marxista, que por suas estreitas relações com os movimentos de reivindicação popular, constitui um facto social de determinado período histórico, o qual nos revela a sua acção, a sua prática, a sua *praxis*.

Como *totalidade*, teòricamente, está incluída no pensamento socialista do sézulo XIX, e como facto social pertence à totalidade do período romântico, ante o qual o marxismo se opõe, filiando-se, deste modo, a reacção anti-romântica, cujos exageros, naquele período, motivaram, no socialismo, uma dicotomização bem nítida, entre socialismo romântico, condoreiro, profundamente afectivo e irracional e as correntes socialistas intelectualistas, racionalistas-empiristas, pragmáticas, positivistas, etc., entre as quais encontramos o marxismo, que, no entanto, se distingue das outras por peculiaridades que já tivemos oportunidade de estudar e analisar. Os movimentos libertários, como os da escola anarquista, quer individualistas, comunistas anarquistas, etc, todos, em suas linhas gerais, foram poderosamente influídos pelo irracionalismo e pelo patetismo romântico, sem que tal apreciação deixe de reconhecer o lado positivo e racional que há nessas doutrinas, cujo estudo analítico não podíamos fazer neste livro, por exigir maior espaço.

Como *série*, teòricamente considerado, o marxismo se inclui no pensamento social desse período, que se conjuga ao sistema do pensamento ético-social do ocidente, sem negar suas origens mais remotas; como prática e facto social está imerso na chamada “era industrial”, cuja técnica, formas e relações de produção têm uma grande influência não só na gestação dessa doutrina, como na sua cosmovisão histórica.

Como *sistema*, como já vimos, teòricamente, inclui-se no pensamento ético-filosófico ocidental, e como acção e prática está imerso em nossa cultura fáustica, cujos esquemas são importantes para compreendê-lo e senti-lo, pois a vontade de potência, o legítimo *mehrwollen* do fáustico, (o querer-mais “nietzscheano”), influiu decisivamente no papel messiânico emprestado ao proletariado. A vontade de dominar exteriormente, extrovertidamente do fáustico, é de vector extensivo, e exteriorizante, ao inverso da vontade de potência hindú, que se manifesta por uma forma específica da vontade de dominar introvertida, de vector intensista e interiorizante.

É uma actividade que se extraverte, enquanto a hindú é uma actividade que se introverte, pois a simples e primária-

ria apreciação de que o hindú é meramente um nihilista passivo é uma das muitas maneiras caricaturais de entender o "*homo religiosus*" hindú, cuja actividade se manifesta por uma marcha continuada e estrêua pelos caminhos interiores, em busca dos mesmos princípios que o homem fáustico quer descobrir, desvendar através do domínio das coisas.

Como *universo*, o marxismo pertence, teòricamente, à nossa cultura, como veremos, e como prática à nossa era, pois muitos dos seus postulados ultrapassam o campo dos esquemas da cultura fáustica e são encontrados no movimento social não só da era cristã, mas com analogias e correspondências noutras culturas e eras, o que será tema, no futuro, de um trabalho especial.

Feita esta colocação pentadialéctica, a análise correspondente se impõe. Mas não podemos deixar de considerar ainda fresca a memória do leitor sobre o que tratamos nos capítulos anteriores, sobretudo no em que estudámos a Técnica e a História e Economia, que foi farto de acontecimentos, que muitos nos auxiliam a compreender a gestação da unidade doutrinária do marxismo.

Desta forma, a análise pentadialectica não precisa mais processar-se de plano para plano, mas pode perfeitamente ser empreendida através da reciprocidade desses planos, que nos oferecem inúmeras sugestões e aspectos que merecem especial destaque.

A reacção aos excessos do escolasticismo gerou a chamada filosofia moderna (e empregamos o *ismo* para nos referirmos à forma viciosa que a escolástica tomou depois da reforma, após as grandes figuras desses momento de fluxo escolástico, em que surgiram Suarez, Banez, Molina, Fonseca, e os grandes comentadores de São Tomaz, como Cayetano e João de São Tomaz).

Uma sequência de filósofos menores, que não estavam à altura desses mestres da escolástica como foram Santo Anselmo, Santo Alberto Magno, São Tomaz, São Boaventura e Duns Scot, etc., sequência, repetimos, de comentadores e epígonos menores, que caíram num bizantinismo de subtilidades dialécticas, puseram em descrédito ante muitas

consciências a obra monumental realizada por aqueles gigantes da filosofia.

Esse período de refluxo, que surge após São Tomaz, em dias do Renascimento, salvo algumas honrosas exceções, deu a impressão, aos filósofos seculares dessa época, que a escolástica era *aquilo*. Os grandes autores deixaram de ser lidos, com exceção apenas de alguns estudiosos, até dentro da igreja, e a chusma de obras menores dos epígonos inundou o mercado, e fez assento na biblioteca de muitos autodidatas, aos quais lhes faltava a disciplina suficiente e sobretudo a suspicácia necessária para que buscassem os textos e não se ativessem às especiosas subtilezas de uma dialéctica até certo ponto duvidosa.

Os anos, que precederam e se seguiram à reforma, sabemos todos, foram anos decisivos na história do mundo. O desenvolvimento, no campo social, do capitalismo, as tendências individualistas, que procuravam romper as formas fechadas da economia, predominante na Idade Média, predispuseram condições que facilitariam novas investigações e novos estudos, sobretudo no campo aberto aos estudos científicos, cujos métodos vamos encontrá-los implícitos na obra de grandes autores cristãos, como Duns Scot, que influi vivamente sobre Ockam, e em Galileu, através do Cardeal Nicolau de Cusa.

É uma ingenuidade pensar-se, como o pensaram os chamados filósofos modernos, e como ainda o pensam muitos de nossa época, que a escolástica fosse um entrave ao desenvolvimento da ciência. Os excessos de uma dialéctica racionalista dos epígonos no período de refluxo, que se dá em dias da reforma, provocaram essa opinião à qual se ajunta a quase total ignorância dos textos dos grandes escolásticos, por parte dos autores desse período, o que já salientámos. As obras, publicadas em nossa Enciclopédia das Ciências Filosóficas e Sociais, em curso de publicação, mostrarão à saciedade, a improcedência dessas opiniões, que ainda perduram com essa firmeza decepcionante que notamos nos erros, dentro do campo da filosofia.

O querer prender a experiência ao campo apenas das operações intelectuais, que uma dialéctica supeita tentava

encarcerar, não é característica da escolástica, mas sim do escolasticismo, que sucedeu a São Tomaz, sem que neste houvesse qualquer culpa, como não se pode nem se deve culpar o agnosticismo aos *Theoremata*, falsamente atribuídos a Duns Scot, nem ao agnosticismo de um Ockam, etc.

As convulsões que trouxe a reforma, a influência da descoberta das Américas, e o conhecimento de inúmeras formas sociais mais livres e mais harmoniosas, conhecidas no novo continente, e a cooperação dos factores emergentes e predisponentes desse período histórico, favoreceram o surto das utopias do renascimento, da construção ideal-ficcional de muitos modos de vida e de organização de povos, que autores desse período preconizavam como as melhores para o homem, como a "Utopia" de Morus, a "Cidade do Sol", de Campanella, e tantos outros.

Há, na história do ocidente, factos de magna importância que são estudados com menos extensidade e intensidade, a não ser por alguns interessados, e bem raros, mas que tiveram um relevante papel no decurso desses séculos que antecedem ao século XVII e XIX, que merecem ser salientados aqui. O movimento dos *cátharos*, na Provence, a *bulgomovitzo*, na Bulgária, nos revelam a criação de muitas sociedades sob base realmente socialista, que perduraram por muito tempo, destruídas, não por corrupção interna, mas por acção de factores extrínsecos, como foi a destruição dos albigenses pelas tropas de Simon de Monfort e a *bulgmovitzo* pelas tropas turcas vitoriosas.

A história dessas experiências sociais é importantíssima, pois esses movimentos, apesar de destruídos, deixaram raízes em certas sociedades secretas que se espalharam pelo ocidente, e foram influir, de maneira evidente, nas corporações da Idade Média, em certos movimentos religiosos e até na acção da reforma. Por outro lado, a invasão árabe no Egito e a penetração de elementos pitagóricos no sul da Europa, e sua influência nas sociedades secretas desse período, são de uma importância tal, que sentimos não nos ser possível analisar neste livro, mas que tiveram um papel preponderante na formação dos principais esquemas teóricos do socialismo, que surgiu, balbuciante a princípio, em movi-

mentos esparsos, como o de Gandes e outros, e actuou sobre as utopias do Renascimento, auxiliou o movimento da reforma, influiu na formação da maçonaria, sob seus aspectos ocidentais, cooperou na formação de muitas sociedades secretas, e estruturou as bases para a formação mais sólida do socialismo, o que só poderia ser possível, como o foi, pelo menos nos termos como se apresentou, em fins do século XVIII, e em princípios e no decorrer do século XIX até os nossos dias.

Ao período de refluxo da escolástica, sobreveio o de fluxo, durante a reforma, graças à acção dos espanhois, cujo papel, na Europa, foi extraordinário, podendo dizer-se que o século XVI, e o próprio século XVII são de tal forma influenciados por eles que se pode chamar a essa época de genuinamente espanhola.

Mas, esse fluxo da escolástica teve um sucedâneo no refluxo escolasticista, que provocou a reacção da filosofia moderna, que se pode considerar, em grande parte, como surgindo de Descartes.

Este, pelo seu valor e papel na história da filosofia, apesar de discípulo dos jesuítas de la Flèche, certamente não conhecera o texto dos escolásticos e talvez conhecesse São Tomaz por segunda mão, o que não é de duvidar, ante as afirmativas que faz em suas obras. Descartes precipita com o seu método e com as suas apreciações filosóficas, um racionalismo abstracto, que é inversão do racionalismo-empirista de São Tomaz, que segue a linha aristotélica. Matemático, vivendo com intensidade as abstrações de terceiro grau, próprias dessa disciplina, construiu o racionalismo moderno abstracto, cujos estragos seriam maiores para a filosofia do que a sua contribuição, e provocou, como consequência de suas análises, de um lado o abstracionismo materialista e de outro o abstracionismo idealista.

A obra de Wolff, que pretendia fazer uma síntese da escolástica, para dela partir a novas investigações, teve grande influência sobre Leibnitz e o idealismo alemão, representado por Schelling, Fichte e o grande Hegel.

Este último, cuja análise fizemos em "Lógica e Dialéctica", afasta-se do pensamento idealista abstracto, e tenta,

e realiza, um idealismo concreto, que preferimos chamar de real-idealismo, apesar das más interpretações que sofreu, através do hegelianismo, tanto de direita como de esquerda, que foram duas maneiras abstractas de desdobrar o pensamento concreto dessa figura máxima da filosofia moderna.

Os excessos do idealismo, para o qual tanto contribuiu Descartes, cujos máximos representantes são Leibnitz, Wolff, Schelling e Fichte, decorriam do afastamento da genuína escolástica, que Wolf não conhecera em sua pureza, e que confundira lamentavelmente até. Basta que se veja, na obra de Wolf, apesar da sua grandeza, as confusões que faz quanto ao pensamento de Suarez, São Tomaz e Duns Scot, atribuindo-lhes o que é peculiar a um ou outro, e fazendo uma síntese que em grande parte falsificava a obra desses genuínos representantes do pensamento escolástico.

E dessa maneira, os “colombos retardados” da filosofia surgiram, como ainda surgem em nossos dias. E o que já havia sido analisado, estudado com carinho, segurança e proficiência, passou a apresentar-se como “novidades” no pensamento filosófico, com todo o primarismo, com toda a deficiência típica que iria caracterizar, desde então, o pensamento ocidental, salvo raras exceções, com grave prejuízo das grandes conquistas do pensamento humano.

Não há em nossas palavras nenhuma adesão à escolástica. Nossa posição é clara, e a temos exposto através de nossos livros, e será precisada em nossas próximas publicações, mas seria tomar uma posição primária, bárbara e ignorante se fôssemos desprezar a filosofia escolástica, cuja profundidade e extensão analítica e, sobretudo dialéctica realizou a maior obra do pensamento ocidental, um imenso manancial de conhecimentos, que só ignorância ilustre desta época poderia desprezar, como infelizmente muitos o fazem.

Como consequência da desordem no pensamento que sobreveio então, após a grande síntese de São Tomaz e as monumentais contribuições de Duns Scot e Suarez, tivemos o abstracionismo-racionalista, o abstracionismo-empirista, e o abstracionismo-idealista a disputarem entre si as *partes de*

uma filosofia que já conhecera uma *integração*, digna de melhor estudo e genuinamente dialéctica.

Por mais importantes que sejam as lutas travadas na filosofia escolástica, entre tomistas (epígonos de São Tomaz) e escotistas (epígonos de Duns Scot), etc., essas divergências em nada afectam o edificio da escolástica, que é de uma solidez extraordinária. E ademais, somos de opinião, e em futuros trabalhos nossos o provaremos, que há uma perfeita identidade dialéctica de vistas entre essas posições doutrinárias, o que, neste momento, nos é impossível fazer.

O excesso do racionalismo cartesiano, ao gerar o abstracionismo idealista, gerou a crítica de Hume e a crítica de Kant, cujo valor é inegável, apesar de certas fraquezas que se encontram nesses autores e, também, no último, sem desmerecer-lhe o vulto, mas que são decorrentes de um desconhecimento dos estudos anteriores. A filosofia moderna revela um conhecimento filosófico que pára em Aristóteles. Toda filosofia medieval e a escolástica merecem um sorriso de superioridade (o que não deixa de ser ridiculamente trágico, quando se estuda a filosofia como se deve estudá-la) pelos modernos, cujo conhecimento se funda, na mór parte das vêzes, na obra de Wolff, ou de alguns manuais de segunda categoria, como se fundava Kant, o que se pode verificar pelos textos que usava em suas aulas (o de Meiern, por exemplo).

Mas Kant, no entanto, ao criticar os excessos do idealismo, dos quais não pode evitar a sí mesmo de neles cair, tem um papel de inegável valor, pois permitiria a realização hegeliana, digna de melhores estudos e análises.

Mas o idealismo abstracionista prosseguiu através dos hegelianos de direita, enquanto os de esquerda seguiram o rumo do empirológico, como Marx, que nestes se fundou, para, depois, deles se diferenciar.

Os excessos idealistas, que perduraram em fins do século XVIII e princípios do século XIX, provocaram a recção positivista e a materialista que, fundadas nos grandes conquistas da ciência, criaram ante os olhos dos estudiosos uma extrema valorização da ciência, já que se considerava

como filosofia apenas aquelas foram excessivamente abstracionistas que se conheciam então.

Como não se pode separar da realidade social todas as coordenadas históricas que a formam, a análise filosófica que ora fazemos, embora sirva de meio para uma melhor compreensão do marxismo, sob certos ângulos, seria insuficiente se não se considerassem os outros factores, que influíram na sua gestação, como são os factores económicos técnicos, os histórico-sociais em suma.

O que já estudámos em páginas anteriores nos dá amplo elemento para compreender que o romantismo, nos temas sociais, tinha seus fundamentos numa visão idealista demasiadamente estreita. Se os anseios de liberdade, que tanto vulto tiveram no decorrer do Renascimento, nos mostram os factores emergentes, é imprescindível que se observem os factores predisponentes histórico-sociais, que tiveram, por sua vez, o papel de precipitarem o romântico e sua forma viciosa o romanticismo que, levados para o campo social, geraram aqueles ímpetos rubros de que a barricada é um verdadeiro símbolo. O socialismo apresentava assim um matiz romântico que oferecia uma cor irreal ante o espírito positivista da ciência, o que Marx compreendeu, e foi de uma importância capital para o destino do socialismo.

O socialismo não podia ser um movimento em torno de frases que, se correspondiam a conteúdos psicológicos reais, pela falta de um método mais sólido, de uma análise fria, levava a tomadas de posição românticas, fora da realidade, a esforços inúteis das massas revoltas, a derrotas facilmente evitáveis, etc. Estruturar a luta pela emancipação do trabalhador, que se julgava com direito de estruturar uma nova sociedade, deveria tomar uma matiz consentâneo e congruente com a sua época, em que a ciência ditava suas normas de acção e oferecia tantos frutos que o tornavam poderosa.

Ademais, a história contava que as classes se sucediam, e os estudos de hoje nos podem mostrar melhor ainda, numa sucessão que vinha das classes sacerdotais, às aristocráticas e, finalmente, à dos mercadores, industriais, fornecedores ou genericamente burguesas, na linguagem ocidental. O malogro, que se verificava em suas tentativas de resolver o

problema humano e o sacrifício da última e quarta classe, a dos servidores, a dos trabalhadores (os *sudras* da cultura hindú), davam agora o papel salvador ao proletariado. E o messianismo judaico de Marx, messianismo que impregna por sua vez toda a nossa era, e até antes dela, encontrava no proletariado a “última esperança” de uma salvação terrena.

O marxismo não é, portanto, como teoria e prática, como doutrina e como movimento, uma criação apenas do espírito de Marx, mas realmente uma estruturação que êste fez, fundado em factos, e num conjunto de coordenadas que facilitaram a formação da sua realidade.

O movimento socialista, dando-se numa época como a nossa, tinha fatalmente que incorporar as conquistas do conhecimento humano. Se comete erros de base, funda-se, no entanto, em certos alicerces sólidos.

O socialismo, como possibilidade e realização, é um precipitado inevitável de nossa época. No entanto, os males que conhece, advêm de sua necessidade e inevitabilidade históricas, mas da junção de certos postulados que o tornaram frágil, sob vários aspectos, pois está corroído dos mesmos males, das mesmas formas viciosas que outros movimentos, e que os levaram a malogros, que enchem de decepções e de amargura as páginas da história.

Os ideais socialistas encontram nos exemplos do cristianismo primitivo e em muitas comunidades religiosas ortodoxas ou heterodoxas, heréticas ou não, exemplos de realizações sociais, sob base comunitária, que não eram desconhecidas dos povos ocidentais.

Poder-se-ia fazer um apanhado de frases genuinamente revolucionárias, ataques enérgicos ao capital, à propriedade, ao dinheiro, ao Estado, encontradiços na obra dos primeiros padres da igreja.

A fase civilizada de nossa cultura ocidental, como a amplificação da indústria, do comércio e das finanças, o deperhecimento moral da nobreza, corroída pelo luxo, a ascensão das chamadas classes burguesas, a formação dos estados nacionais, a formação do proletariado, já separado de suas corporações, em que os mestres se haviam tornado capita-

listas, favorecendo, assim, a formação dos sindicatos operários, que surgiram como resposta aos sindicatos patronais, tudo isso contribuiu à formação do socialismo, a par de muitos outros factores.

O marxismo, desejando estruturar-se como uma doutrina científica do operariado, tinha uma alta finalidade, mas pecava de origem por uma contradição interna que o levou, como a muitas outras doutrinas, a conhecer, desde cedo, já em dias de Marx, as formas viciosas das quais não se livra mais, até cair, de degrau em degrau, numa derrota final que não poderá de modo algum evitar, por mais que os seus partidários, por fanatismo, não queiram reconhecer, e que contribuem para alcançá-la imprescriptivelmente.

Estamos, agora, em face da segunda providência da análise de dialéctica, a estruturação dialéctica do próprio marxismo.

Está o marxismo minado por contradições internas, das quais não pode mais separar-se, e sua acção corrosiva, decompositora e corruptora, só tende a crescer.

Senão vejamos:

1) o marxismo aceitou e construiu uma dialéctica, que julgou ser hegeliana, como o afirmaram Marx e Engels. Essa dialéctica, pouco usada pelos próprios marxistas, o foi, no entanto, suficiente para estabelecer interpretações viciosas, cujos frutos estão aí. A primeira e fundamental contradição opositiva do marxismo está na sua própria dialéctica, que o nega.

Mas essa acção seria inócua se permanecesse apenas no terreno doutrinário. Sucede, porém, que ela actua na prática, o que é de magna importância.

Permanecendo no campo da alteridade, e quase só, o marxismo afirma que a antítese sobrevem à tese, opondo-se àquela.

Tal aceitação leva os marxistas a admitirem que a geração do contrário se dá inevitavelmente. Ora, tal *generatio* mereceria um estudo todo especial, o que não o fazem devidamente os marxistas.

Se passarmos os olhos pela história da filosofia, vemos que a lei da alternância nela subsiste, e que as diversas dou-

trinas, sobretudo na filosofia moderna, são adaptações às condições adversas, e reacções que correspondem a excessos, por sua vez geradoras de excessos. A um excesso idealista sobrevém um outro objectivista; a um excesso racionalista sobrevém um outro empirista, a uma valorização do Um, uma valorização extremada do Múltiplo, a um Heráclito sobrevém um Parmênides, etc.

Mas, que se observa na história, segundo outros aspectos? A um movimento de vector excessivamente exagerado, sobrevém outro de um vector contrário, excessivamente exagerado. Pode, de um movimento, surgir seu contrário, como surgiu da filosofia de Duns Scot o ockamismo, ou do racionalismo cartesiano o abstracionismo materialista. Mas nem o ockamismo é escotismo, nem o abstracionismo materialista ou o abstracionismo idealista podem chamar-se de cartesianos, pelo simples facto de nele terem origem ou impulso inicial.

São novas formas que surgem, embora constituídas com velhos materiais que têm uma *forma corporis*, como diria um escotista, com aspecto qualitativo diferente dos das partes constitutivas.

A macieira não é apenas o desenvolvimento da semente de maçã. A semente de maçã, para gestar-se em arbusto, precisa da cooperação dos factores predisponentes, e de toda a ordem cósmica, para ser tal. A macieira não é uma forma actual que sobrevém de uma forma virtual, como se a semente de maçã contivesse latentemente a macieira. O modo de *ser actual* da semente tem a possibilidade de se tornar uma macieira, contém o modo de *ser virtual* da macieira, mas esta não é apenas um desdobramento daquela, mas exige a incorporação de inúmeros elementos do mundo exterior, que com ela cooperam, para que surja a emergência "macieira", que se actualizará. Deste modo, a semente de maçã contém em si os factores emergentes, mas exige, necessita e precisa da cooperação dos factores predisponentes, cuja coordenação permitirá a formação da macieira que, como forma, é um composto, não só da semente ou do que continha a semente de maçã, mas da recíproca actividade dos factores predisponentes que, ao permitir a actualização de

uma *forma corporis* (o arbusto, por exemplo), já facilita a penetração de radículas, etc. o que permitirá a incorporação de outros elementos do mundo exterior, e assim sucessivamente, até formar a macieira. Portanto, a passagem da potência para o acto, que é fundamental da filosofia aristotélica e da escolástica, se dá dialécticamente, e em campos muito amplos, e não apenas num só, como pensaria o marxista ao admitir que, de uma forma, se desdobra o seu contrário, sem considerar (por abstrair, portanto) a cooperação de outros factores.

Só um pensamento abstracto, e que seria dialéctico apenas no nome, poderia levar o marxista a pensar que, da ditadura do proletariado (outra ficção e utopia que a realidade desmentiu, pois o que vimos foi a ditadura de um grupo, sobre um partido, que a exerceu sobre o Estado e sobre a população) seria capaz de gestar a liberdade, que é imprescindível para que surja socialismo, como não o pode deixar de reconhecer, como imprescindível, quem realmente se considere socialista.

Consequentemente, o excesso de ditadura marxista não gestou nem o deperecimento do Estado, pois processou o inverso numa acentuação monopolizadora totalitária de poder, nem o menor resquício de liberdade, que o perdeu totalmente, a qual nem os próprios dirigentes soviéticos, que vivem, para usar uma velha e batidíssima figura de retórica, com a espada de Dámocles a ameaçar-lhes a cabeça.

A dialéctica marxista, com a sua visão parcial da alteridade (o devir), contribuiu assim para que, vitoriosos, realizassem eles uma brutalidade crescente, levando-os aos excessos das depurações, à formação da polícia mais brutal da história, e, enfim, a um total esmagamento de todas as liberdades.

Consequentemente, o marxismo, em sua aplicação prática, desmentiu categòricamente tudo quanto numa construção abstracionista e utópica havia construído. É na prática o inverso do que foi na teoria. Dessa forma, a sua dialéctica revelou que o marxismo geraria o seu contrário, o anti-marxismo, não como um desenvolvimento da própria doutrina,

mas como um movimento de oposição, à semelhança dos que acima estudámos. Ninguém pode negar, e os próprios marxistas intimamente não o poderão fazer, que não é possível dar a menor liberdade aos povos submetidos à ditadura vermelha, pois estes logo manifestariam o seu anti-marxismo, como vimos nos movimentos ocorridos na Alemanha Oriental, que não podem, em absoluto ser atribuídos à acção de estrangeiros, como se quis fazer. E a razão é simples. Não é possível que os factores predisponentes gestem por si mesmos algo, sem que se dê a cooperação dos factores emergentes. Pode-se ensinar uma língua a um animal, e êle não a apreenderá, pois nem o papagaio a aprende, embora repita palavras e frases humanas.

No entanto, a um homem é isso possível. Não basta predispor, é preciso que a emergência corresponda à possível reciprocidade dos factores.

Não poderiam os trabalhadores alemães e soviéticos aceitar uma provocação, se não houver factores emergentes, porque provocações de toda espécie fazem-nas os marxistas nos países capitalistas e não encontram eco, senão quando há motivos reais suficientes. É admirável que sendo os marxistas tão realistas queiram ocultar esta verdade, desejando explicar as "desordens" dos trabalhadores revoltados, como meros productos de provocações extranhas, e não como uma explosão das próprias massas. Podemos admitir que elas se tenham dado. Mas se o trabalhador está num regime, que perfeitamente o ampara, como poderia aceitar tais provocações? Sabe ou deveria saber o marxista que os factores ideais não ressoam sem que lhes correspondam factores reais que favoreçam tal ressonância.

Os factores ideais, quando não encontram fundamento nos reais, soam como utopias ou meras palavras que provocam apenas riso e não explosões que exigiram tanques do "exército do povo" para sufocar.

É fácil ver-se assim que a dialéctica marxista os leva a erros palmares como sempre os levou. O que os mantém ainda, e não será por muito tempo, são ainda as reminiscências da velha prédica socialista, que predisõem a muitos trabalhadores a verem na Rússia uma realização do povo

trabalhador. Mas, cada dia que passa, a descrença aumenta aos olhos dos mais cultos e conhecedores dos factos que lá se desenrolam. Se há, no entanto, alguns literatos pedantes, ambiciosos de mando que são marxistas ou alguns egressos da burguesia, que adotam tal doutrina, se deve tal facto mais ao ressentimento e à sofisticação do que à sinceridade, embora se possa admitir, e nós o fazemos, que há entre eles muitos elementos sinceros e puros, que mereceriam estar em outro lugar.

Desta forma, a dialéctica marxista actua para corromper a própria doutrina.

Só essa dialéctica levaria ao absurdo de pensar que uma *generatio* se processasse do diferente para o diferente, em vez de do semelhante para o semelhante. Uma pereira dá peras e não elefantes.

O que o marxismo gesta é o que já estava implícito no marxismo. A sua dialéctica, por abstracionista e, portanto, pouco dialéctica, levou a um erro de consequências terríveis, pois os marxistas não podem continuar aplicando a brutalidade organizada opressiva, nem podem afrouxá-la. Uma ou outra os levará à derrota final, imprescriptivelmente inevitável.

2) O segundo aspecto contraditório do marxismo está em sua posição filosófica.

Como vimos em nosso livro citado, tanto Marx, Engels, Lenin e Stalin, como os outros marxistas, têm uma visão deformada e primária da filosofia. Colocam-se na mesma posição frágil dos positivistas e de toda a reacção anti-metafísica do século XIX.

Para todos eles, tanto de uma cor como de outra, metafísica é sinónimo de idealismo, e a metafísica é apenas aquela de que Wolff falava, que Kant combateu, etc. O idealismo alemão cooperou muito para essa visão da metafísica, e o que pensavam ser escolástica, era apenas escolasticismo.

Dessa maneira, o século XIX, que foi eminentemente anti-metafísico, influiu fortemente em todo o movimento socialista, que é predominante e quase totalmente materialista, julgando que a metafísica fosse apenas um campo de meras

distinções conceptuais, de jogo de palavras, ou da construção de ficções sem qualquer fundamento na realidade.

A ignorância palmar que predominou quanto à obra metafísica de um São Tomaz ou de um Duns Scot, levou-os a um abandono total das obras do período medieval e do Renascimento, com prejuízos imensamente grandes, para a filosofia moderna e contemporânea, onde os “colombos retardados” proliferam, defendendo ideias melhor expostas há muitos séculos, e outras já refutadas com antecedência de séculos.

O marxismo, por exemplo, seguindo as linhas do cientificismo do século XIX, com algumas tinturas hegelianas, lidas apressada e descuidadamente (vejam-se os cadernos de dialéctica de Lenin, em suas análises primárias sobre a “Grande Lógica” de Hegel, e o seu “Materialismo e empirio-critismo”), construiu uma visão materialista, que apesar dos esforços para não se confundir com o materialismo vulgar de um Moleschott ou de um Vogt, não pôde evitar entregar-se a todas as aporias que daí resultam. E vemos palmarmente os efeitos dessa herança na polémica que se trava entre os marxistas dissidentes e estalinistas, que mutuamente se acusam de falsificadores da doutrina, não poupando até o próprio Engels, que já é acusado de ingenuidade...

O marxismo, filosoficamente, é uma doutrina materialista. Ora a tese fundamental do materialismo marxista é a prioridade do objecto sobre o sujeito. O que o marxista afirma é a anterioridade daquele sobre este. Na verdade, o que o marxista quereria dizer é que há a anterioridade do mundo exterior ao homem, que é uma criação posterior aquele, ou seja, adveio depois. Dessa forma, sendo o homem produto de uma longa evolução da animalidade, a espécie (a *rationalitas* dos escolásticos) fica reduzida à animalidade.

O homem é um animal, mas um animal que se diferenciou. E essa diferença não a nega o marxista. Mas, afirma-a como mera consequência da evolução animal sem qualquer intervenção de qualquer providência extra-terrena. Os marxistas desconhecem o que seja providência divina. Tem de tal termo uma visão caricatural, (exemplo de *ignorantia elenchi*, da escolástica). Combatem-na pelo modelo que

dela fazem, e não compreendem que, se o homem surgiu, ao acaso veio da animalidade, como um ser que se diferenciou, tal não poderia ser apenas uma obra do acaso, mas de desenvolvimento da própria ordem cósmica que já continha, portanto, essa possibilidade. Aquele *ver para diante (pro o videre)*, indica uma *providência* que actua na ordem cósmica, pois, do contrário, teria surgido do nada, o que o marxista não irá de forma alguma admitir.

Neste caso, a ordem cósmica *providenciou* que surgisse o homem, pois se ele surgiu foi uma possibilidade dessa ordem. Portanto, houve um momento em que o homem não era ainda actual, mas estava em potência. Ora, tal potência indica uma possibilidade, um dar-se do homem dentro da ordem cósmica, uma *vidência pro*.

Responderia, acaso, o marxista que essa ordem cósmica é mera realização de per-si, isto é, surgiu também do nada? Não, essa ordem é intrínseca ao cosmos, dirá. De qualquer forma, há de convir que essa ordem, que se dá no cosmos, ou surgiu do acaso ou é eternamente preexistente e eternamente subsistente, ou idêntica ao próprio cosmos. Se aceita a primeira posição, cai em todas as aporias intrínsecas à concepção do acaso, já suficientemente refutada. Se aceita a eternidade e a subsistência, reconhece que há, no cosmos, uma ordem criadora de todas as coisas e não evitará, pelo menos, a queda no *deísmo*, embora não no *teísmo cristão*, com o perigo de tornar-se *panteísta*, ou admitirá que é idêntica, que se pode combinar com a segunda, e não se salvará do mesmo modo.

Dessa maneira, o materialismo marxista é deísta de qualquer modo, pois se vê obrigado a dar à matéria um poder infinito de criar todas as coisas que existem, existiram ou existirão, a não ser que aceite um outro ser mais poderoso e abanone o seu monismo materialista. De uma forma ou outra, o marxismo é supinamente metafísico, pois faz uma afirmação categórica do que não tem experiência total.

Como sabe o marxista que é assim? Por lhe ser evidente? Mas basta a subjectividade da evidência para afirmar uma verdade? Não será apenas uma convicção?

Não podemos discutir as bases do materialismo aqui. Nós o faremos em outros trabalhos. Mas o que se pode dizer, e o queremos fazer com justiça, é que Marx não tomou propriamente uma posição genuinamente materialista, mas apenas uma posição empirista no referente ao conhecimento e na gestação do inteligência humana. Esta é um produto do mundo exterior, isto é, afirma a anterioridade do ser sobre o conhecer, e nisto o marxista, que não o sabe, nada mais afirma que um dos pontos que é patrimônio de toda a escolástica.

Para a escolástica o homem é criatura, e portanto foi criado. E como todo ser criado, é posterior ao que o cria, ao Ser que o antecede. Ademais, quanto ao conhecimento, deveriam os marxistas saber que Aristóteles e São Tomaz aceitavam que "nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu" ou seja nada há no intelecto que primeiramente não esteja nos sentidos", o que é uma afirmação empirista.

Por escolher uma visão materialista, o marxismo juntou o seu destino ao destino do materialismo a mais fraca posição que se conhece na filosofia.

Mas, o mais importante é o que gesta aqui um ponto ético capital. O marxismo, por desvalorizar totalmente o homem, por reduzir a espécie ao gênero, (a racionalidade à animalidade, e esta, fatalmente, pelo mesmo redutivismo ao físico-químico), reduz o homem a uma coisa, e não a uma pessoa. Daí o desrespeito total à pessoa humana, que o leva a outros desrespeitos. O marxismo termina por negar valor a tudo quanto o homem elevou até então. E no seu afã destructivo, julga que, para ser socialista, precisa destruir até as mais caras conquistas da racionalidade e da afectividade humana sobre a animalidade. Dessa forma, combateu a família, combateu a moral, combateu a religião, combateu a filosofia e na verdade não encontrou em que dar coerência ao seu movimento. Em vez da força dada pela coerência, acabou por obter uma coerência conquistada pela força. E a falta de um princípio ético mais profundo ao marxismo, se pode vivamente interessar aos egressos, aos mórbidos, aos doentios, aos ressentidos, a todos os que não podem submeter-se a uma auto-disciplina, nem conhecer

certas victórias por sí, não lhe deu a força que julga ter. Na verdade, o que dá força ao marxismo, fora da Rússia, são ainda os ideais socialistas (no fundo genuinamente cristãos), enquanto nos países, dominados pelo seu poder, essa coesão é obtida pela forma policial, como os factos o comprovam cabalmente.

Vê-se assim, embora em linhas gerais, que a própria filosofia marxista contribui para levá-lo à corrupção mais extrema, a qual não pode ser negada, em face da própria história do partido bolchevista, que, fundada nas afirmações de seus sequazes, é o movimento que apresentou maior número de traidores que qualquer outro da história, e os bolchevistas mataram mais companheiros do que inimigos ideológicos.

Submetendo-se ao destino do materialismo, o marxismo condenou o seu futuro.

E as constantes mudanças de posição, como nos mostra a história do movimento bolchevista na Rússia, que depois de combater a família e propor uma camaradagem entre os sexos, termina por construir uma triada para o povo, como é a actual "Pátria, Família e Estado", este último substituindo Deus, repetindo ridiculamente o "Deus, Pátria e Família", provocaram os risos dos adversários.

As restrições contra o divórcio e a defesa dos bons costumes atingem hoje, na Rússia, uma ferocidade inaudita. As contravenções ao código de moral soviética chegam aos extremos de dar penas pesadíssimas aos namorados que se beijam em plena rua. Uma moral, levada aos extremos, depois de ter sido ridicularizada por tanto tempo.

3) A contradição funcional é importantíssima. O autoritarismo fundamental da concepção marxista faz crescer os abusos de poder. Não são os adversários que os relatam. São eles mesmos. Leiam-se os relatórios de Stalin, e os últimos de Malenkov, que nos contam, em linhas gerais, o que ali se passava e passa. O princípio autoritário, inerente ao marxismo, levou-o ao excesso de poder que não pode afrouxar nem manter. Uma brutalidade leva a outra brutalidade e, nessa sequência, vivem milhões de seres humanos,

sujeitos a todas as lutas internas que geram naturalmente o autoritarismo.

É o absolutismo autoritário um dos factores mais importantes para levar todas as formas humanas às formas viciosas. Toda doutrina absolutamente autoritária está fadada ao malogro final, porque o autoritarismo, por seu caracter absolutista, tende ao vicioso e à destruição final. Toda a história prova essa afirmativa que ora fazemos. Nenhuma ideia, nenhuma organização, que se tornou autoritária, sobreviveu ao próprio autoritarismo. Os abusos que dela decorrem destroem, mais dia menos dia, qualquer construção.

O autoritarismo marxista é uma contradição interna do marxismo, não como teoria, pois o marxismo é intrinsecamente autoritário, mas como factor de decomposição.

E as formas viciosas decorrem deste espirito autoritário, do qual não se livra mais e que o destruirá, afinal.

4) Outra contradição destructiva encontramos no decurso da história. O marxismo não pode evitar de ser histórico e passar com a história. Os factos sucedem-se dentro de uma sequência, que não o fortalece. As victórias obtidas são uma marcha apressada para a derrota final, como as de Hitler o aproximavam cada vez mais da derrota.

Os progressos obtidos pela técnica permitiram que os países neotecnizados pudessem conhecer uma melhoria de vida do trabalhador, vedada à Rússia paleotecnizada. Stalin queixava-se de ser a produção russa a mais cara do mundo, e de o país precisar manter-se afastado dos outros, com as fronteiras fechadas, porque não podia competir, em preços, com a produção dos países capitalistas.

Se os marxistas realmente desejassem a paz poderiam negociar com os outros povos. Mas como vender o que produzem, se é tão caro? Tem de viver de restrições de toda espécie, como sucede com todo país industrialmente mal desenvolvido.

Os países neotecnizados, como o são os Estados Unidos, Suécia, Holanda, Dinamarca, Noruega, etc. não conhecem movimentos marxistas ponderáveis. E, no entanto, nesses países, deveriam ter eclodido movimentos mais ferozes, segundo a norma marxista. Neste ponto, fazem estes os maio-

res malabarismos intelectuais para explicar os factos. Mas não podem negar estas observações:

a) que o proletariado desses países vive num padrão de vida muitas vezes superior ao dos russos;

b) que nesses países a capacidade de produção, *per capita*, é maior que a dos trabalhadores russos;

c) que o proletariado desses países encontra meios fáceis de resolver os problemas económicos, e penetrar na produção, da qual a pouco e pouco se assenhoreiam, por formas cooperacionais.

Ora, tais factos são evidentes. A mentalidade soviética é paleotécnica. Apesar de Lenin ter lutado pela electrificação do país e os bolchevistas terem feito muito neste sector, não foram capazes de aproveitar as lições que a neotécnica e a biotécnica oferecem. Ao contrário, paleotecnizaram a produção, que sofre a pesada carga de uma super-burocratização, de que tanto Stalin tem se queixado, através de seus relatórios.

Desta maneira, o processo histórico e a técnica mostram o marxismo como uma filosofia para o proletariado da paleotécnica, como o socialismo chamado utópico também o foi, e as utopias do Renascimento o foram para a eotécnica. O marxismo encontra, assim, na história, a sua própria contradição.

5) Outra contradição é a de ordem político-administrativa. Quando Lenin pedia ao proletariado que administrasse, que errasse, mas administrasse (e isso antes da revolução de Outubro), fazia ele uma afirmação que não se enquadrava no verdadeiro espírito da doutrina marxista, pois a direcção *devia* caber ao partido, como depois se verificou. Poucos dias após a revolução, quando o proletariado se apoderou das fábricas, propuzeram Lenin e Trotski o prato de lentilhas. Em troca da administração das fábricas, dar-lhe-iam o direito de greve.

Sabia muito bem Lenin e seus sequazes que, sem o poder económico os bolchevistas não guiariam o movimento socialista. O poder económico nas mãos do Estado, e a liquidação posterior dos remanescentes socialistas adversos, com o apro-

veitamento do desinteresse dos anarquistas pela política, o aniquilamento dos socialistas revolucionários, e dominando a máquina do Estado, teriam além do poder político, o econômico, pois só o primeiro seria precário. E sucedeu o que era inevitável dentro da concepção marxista. Ludibriaram as massas com o prato de lentilhas do direito de greve em troca da administração, que foi burocratizada nas mãos do Estado. Vitoriosos, como o foram, o direito de greve foi imediatamente liquidado, e o poder absoluto dos bolchevistas instalou-se na Rússia.

Mas tudo isso traria, como trouxe, uma consequência:

a) a burocratização levaria ao encarecimento da produção;

b) o proletariado, sem a administração, brutalizou-se nas garras do estado policiaco;

c) a produção, apesar dos impetus estacanovistas, não baixou de custo, porque o próprio trabalhador tinha um papel cada vez mais inferior, o que lhe diminuía o estímulo;

d) ademais, a plus-valia paga ao capitalista passou a ser paga, em dobro ou em triplo, ao Estado;

e) caiu o proletariado perdido às mãos dos poderosos, sem ter possibilidade de organizar-se em defesa, pois os sindicatos e os soviets perderam o poder, passando as leis, ordens e regras a serem estatuídas de cima para baixo.

Desta forma os marxistas, na Rússia semearam ventos e colherão tempestades, como Marx semeou dragões e colheu pulgas...

6) A organização paleotécnica da Rússia, o autoritarismo, etc. em suma, tudo quanto estudámos acima, levará o povo russo, para sair da situação em que se encontra, a fazer a revolução. Só pela revolução se libertará de toda a opressão em que vive, e o marxismo passará para a história como mais um exemplo do malogro das doutrinas autoritárias.

Assim como a nobreza fez a revolução para libertar-se do domínio do clero, a burguesia para libertar-se da nobreza, o proletariado para libertar-se da burguesia, instalando um regime de césares, terá de fazer a revolução para libertar-se dos seus "libertadores".

Dizia Nietzsche que é dos destino dos alemães salvar o que está perdido. Dizia que Lutero salvara a igreja, que deveria canonizá-lo, pois graças à sua acção, ela renasceu. Marx, também, salvou a burguesia, cuja situação ter-se-ia tornado inevitável em dias da paleotécnica, se não vesse surgido entre os socialistas a acção dissolvente e divisionista dos marxistas, poderia afirmar qualquer dos seus adversários.

Sua dialéctica levou-o, fundado em poucos factos da História, a construir uma visão falsa da própria alteridade, único campo onde trabalha a dialéctica marxista, apesar de haver muitos outros que ela esqueça ou desconhece.

\*  
\*       \*  
\*

O marxismo gera internamente uma luta sem quartel pelo poder.

É o que se verifica nos quadros do mais rudimentar partido comunista, em qualquer país. Esse espírito exige a desconfiança constante e a constante instabilidade dos dirigentes, ameaçados sempre de denúncias, e por sua vez dos próprios membros menores, sempre ameaçados. Nem Stalin sentiu-se seguro. E seu fim, um tanto prematuro, ainda põe dúvidas, e bem fundadas, sobre a verdadeira causa de sua morte, que parece ter obedecido mais a um plano premeditado que a uma simples doença.

Aquí há lugar para uma pausa e comentário. Stalin não podia modificar a orientação soviética. Ele era suficientemente inteligente para saber que um ditador, quando concede certas liberdades, cai fragorosamente. Morto, a Rússia poderia dar um outro passo, sem tal perigo. A morte de Stalin era necessária.

Sucede, porém, que a táctica de Malenkov, e companheiros, também não trará grandes benefícios, e se verá forçada a guinadas de todo modo, com depurações constantes e sangrentas.

Os bolchevistas não podem permanecer na brutalidade desenfreada, nem podem empregar a liberdade. Perdoem-

-nos a profecia, mas assistirá a humanidade a mais feroz carnificina que conheceu a história. Os russos aprendem há séculos a matar, brutalizar. Os discípulos, em breve, mostrarão aos mestres quanto aprenderam. Não se pense que tal seja impossível, pelo facto de o Estado soviético dispor de tanta força, como a policial, a militar, etc. Tudo isso ruirá fragorosamente, mais cedo do que se pensa ou se espera.

O autoritarismo bolchevista provoca o anti-marxismo, fortalece-o. As forças contrárias crescem constantemente e, internamente, as forças de desagregação são estimuladas. No fundo de si mesmo, todo russo, até Malenkov, desejaria que tudo fosse diferente... Esse desejo já existe. Se a Rússia abrisse as fronteiras e deixasse sair do país quem o quisesse, talvez ficassem apenas os senhores do Kremlin, e nesse "talvez" há muito ainda de dúvida. As fugas constantes, os milhares que morrem nas fronteiras, enfrentando os guardas, para alcançar um mundo onde possam respirar livremente, são um atestado insofismável. Um estrangeiro, ao visitar a Rússia, sem faro psicológico, pode não perceber tal coisa ao primeiro relance. Pode, com espírito de turista, embriagar-se até com belezas que o novo regime tenha realizado. Seria ingênuo acreditar que em trinta e tantos anos nada se tivesse feito na Rússia.

O turista não vai às favelas, à miséria dos bairros. E muito menos na Rússia, onde há lugares proibidos em todos os cantos.

Mas todos esses argumentos seriam fracos e desinteressantes, em face do que o marxismo inevitavelmente é *ab ovo*: autoritarismo, absolutismo.

Pode ter a Rússia tudo o que quiser, mas não tem socialismo, nem marcha para o socialismo. O socialismo só seria implatado à custa do regime bolchevista, por meio de uma grande revolução popular, que extirpasse o país dos dirigentes.

O marxismo não é uma doutrina socialista consequente. O socialismo implica liberdade, e a liberdade é uma perfeição que só se torna praticamente real com a própria prática. A

opressão não é escola de liberdade; esta só pode surgir por oposição àquela.

O ciclo dialéctico da alteridade leva-nos, *marxisticamente*, a considerar:

*Tese*: o socialismo romântico, sincero, cheio de brio, e já genuinamente solidificado por ideais e práticas mais seguras;

*Antítese*: o socialismo autoritário, prussiano, de Marx, cuja prática está atestando o que é;

*Síntese*: será um socialismo democrático cooperacional, que realize, como já o fazem, embora em parte, os 500 milhões de cooperacionistas do mundo.

Estes constroem o que até então era considerado impossível, sem a intervenção do Estado, e pela exclusiva acção dos próprios trabalhadores, como verificamos em países como Suécia, Noruega, Islândia, Holanda, Dinamarca, Suíça, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá e entre nós, sobretudo, no Rio Grande do Sul.

Tais afirmativas, naturalmente, levam desde logo a muitas objecções por parte dos marxistas. Com seu tecnicismo verbal, desejariam demonstrar que tal é impossível. Mas trinta anos atrás também era impossível. E nessa época os cooperacionistas eram apenas uns 50 milhões. Afirmavam os marxistas que a cooperação organizada pelos trabalhadores e pelas classes populares não poderia construir, por exemplo, a exploração do petróleo, estradas de ferro, navegação, grandes indústrias, etc. As duas dezenas de companhias de petróleo, formadas sobre bases cooperativas, e de propriedade de trabalhadores, existentes nos Estados Unidos, com sua frota de petroleiros, etc. as estradas de ferro construídas na Bélgica e na Suécia, as grandes companhias de navegação sueca e islandesas, etc. demonstram à saciedade que os marxistas são teimosamente maus profetas.

São os marxistas os maiores inimigos do cooperacionismo. Para os líderes é preciso que as massas populares não criam em si mesmas, não confiem em sua força de organização, não realizem obras que melhorem suas condi-

ções econômicas, não aprendam a administrar por si a si mesmas. Elas precisam confiar na omnisciência dos líderes, dos grandes iluminados da autosuficiência, dos ideólogos sistemáticos de ciência infusa, que se julgam senhores do conhecimento e falam em tom dogmático, como se conhecessem todos os mistérios da natureza e da vida humana.

## OS FACTORES EMERGENTES E PREDISPONENTES

Os factores emergentes são os internos; e os predisponentes, os externos.

O homem é emergentemente *corpo* (factores bionômicos) e *alma* (factores psicológicos). Mas o homem vive na natureza (factores ecológicos) e numa sociedade humana, sem a qual ele não surgiria (factores histórico-sociais).

Os factores emergentes, ante a acção predisponencial dos factores exteriores, actualizam-se de determinadas formas. Assim, o meio ambiente tem seu papel importante, mas apenas favorece ou desfavorece a actualização da emergência.

Não é difícil encontrar no socialismo suas raízes emergentes nem tampouco compreender o papel que os factores predisponentes exercem na actualização de suas formas.

O socialismo da eotécnica é diferente do que corresponde à paleotécnica. Aquele tem características que lhe são dadas pelo *artesanato*; este pelo *salariato* do período paleotécnico.

Um socialismo de Fourier, de Owen e de Proudhon, em parte, é eotécnico.

Tem a revolta romântica do artesão que súbitamente é superado (não em tudo é certo) pela grande indústria que aos poucos lhe arranca os clientes. Tem de proletarizar-se, e revolta-se. Ou está ameaçado a proletarizar-se, e revolta-se. Os factores predisponentes actuam e permitem a emergência de uma revolta que se adapta às condições ambientais. Não se poderia esperar outra coisa.

Mas nesse socialismo eotécnico, os fundamentos do socialismo são invariantes.

A inversão vai dar-se nos marxistas. Estes surgem em plena paleotécnica. São os socialistas da grande concentração.

O capitalismo toma o rumo das grandes unidades da centralização constante, do monopólio. O marxismo viu nisso o climax do progresso e uma lição da organização social futura. A sociedade tem de ser centralizada, monopólio de poder, monopólio de produção, monopólio, em suma, econômico, político, e ideológico.

Os factores predisponentes foram aqui importantes. Mas, assim como os factores histórico-sociais para se constituírem precisam dos emergentes, em sua cojunção e reciprocidade, em cooperação com os ecológicos, o histórico-social influenciou sobre Marx, de tal modo, que não poderia ele ter outra visão. Era tudo evidente a seus olhos, tão cheios do século XIX, sobretudo se se considerar que a sua insuficiente cultura filosófica não lhe permitia ver além dos factos, nem ter uma visão global justa, por faltar-lhe uma sólida análise dialéctica.

Por isso, tendeu sempre a acentuar o facto econômico como o preponderante e decisivo. Realmente, nesse período, a predisponência econômica era decisiva, mas isso correspondia ao histórico-social e ao espírito da época, que perdera a fé, que acreditava apenas na ciência e que precisava resolver os problemas econômicos, únicos onde ainda era possível uma salvação para os homens.

Naturalmente que, desde esse momento, a emergência numa adequação com a predisponência dava a concluir precipitadamente que o factor econômico fosse sempre o decisivo. (É verdade que Marx e Engels em seus últimos anos de vida rejeitaram esse absolutismo. Mas os epígonos continuam afirmando-o dogmáticamente. O factor econômico é por eles, assim, retirado, abstractamente, da concreção em que se dá. Em alguns marxistas, naturalmente os de menor porte, esse factor é único. Os outros nem são factores...).

Ora, o ser humano sendo corpo é sempre biológico e consequentemente fisiológico. Um biologista poderia querer reduzir, e alguns o fazem, toda a superestrutura humana à biologia, como procede o biologismo; um fisiologista poderia reduzir à fisiologia, como o fazem os adeptos do fisiologismo.

Mas o homem é também psiquismo, e um psicólogo poderia reduzi-lo à psicologia, e eis o psicologismo. E como o homem existe na natureza, e é natureza, um físico-químico poderia querer explicar totalmente o homem pela físico-química, e teríamos o materialismo vulgar. Como o homem é histórico-social, vive em sociedade, e dela depende para surgir e perdurar, sofrendo dela suas influências, não faltam as reduções do historicismo, as do economismo, etc.

Ora, desde os escolásticos, corpo e alma são inseparáveis, no homem. E também o são a natureza e a sociedade. O homem é um todo dentro de uma concreção. O que se chama factores biológicos não tem uma precisão absoluta, porque, no homem, o bionômico e o anímico estão fundidos. O que nos parece, ora aqui, ora ali, é a predominância deste ou daquele, mas não se pode negar a interactuação do biológico e do psíquico, cujas ressonâncias são mútuas. Podemos não perceber isto ou aquilo, mas o nosso psiquismo percebe. A psicologia de profundidade nos mostra que o que pertence ao inconsciente e ao subconsciente, segundo suas classificações mais usuais, que são apenas graus de intensidade da vida psíquica, é muito mais rico do que pensaria a consciência vigilante, antes dos exames procedidos. Portanto, sabemos que há muito de inconsciente e de subconsciente num simples acto que praticamos, julgado apenas movido por isto ou por aquilo.

Assim como os factores não têm uma nítida separação, não há senão distinções que fazemos *com fundamento in re*, como diria um escolástico, isto é, com fundamento na coisa, mas apenas distinções que não são separações reais-físicas sob todos os aspectos, pois a sociedade, que parece estranha, fora de nós, vive em nós, com muito maior influência e eficacidade do que se poderia pensar.

O factor econômico, por exemplo, não pode ser nitidamente separado, real-fisicamente, mas apenas apontado, e distinguido em sua concreção com os outros.

E explicar tudo quanto se dá na sociedade apenas pela acção decisiva desse factor seria dar uma explicação pouco

dialéctica, por abstracta. Ora, em cada acto humano, há sempre o económico ou a sua presença, como há o biológico, o psicológico e o social. A cooperação das intensidades e extensões desses factores explicam os factos históricos, pois do contrário não poderíamos compreender como um povo, em certas circunstâncias, actua deste modo e outro, em circunstâncias semelhantes, actua diferentemente. Há povos que aceitam desafios e povos que não os aceitam. Há povos que reagem e outros que não reagem aos ataques estranhos. Há povos que se deixam vencer pela natureza, e outros que vencem a natureza. E entre os indivíduos as diferenças são ainda maiores. Os estudos de Spengler e de Toynbee sobre a história, que analisámos em nossa "Filosofia e História da Cultura", nos colocam ante factos que só uma visão dialéctica e cooperacional dos factores de emergência e de predisposição, como propomos, pode explicar.

O estudo mais pormenorizado desses factores, que ora fazemos apenas em suas linhas gerais, está esparso em nossas obras, onde os estudámos sob vários aspectos, desde a "Lógica e Dialectica".

Marx viu nessa época o que outros, antes dele, já haviam visto: o homem estava empolgado pelo económico. Os problemas económicos avultavam. Como naturalmente, a filosofia anterior, dominada pelos abstraccionistas idealistas, pelo abstraccionismo materialista vulgar, pelo abstraccionismo racionalista, que eram formas dissolvidas, provenientes da concreção escolástica, e como o económico não era mais salientado pelos filósofos de então, que até o desprezavam, Marx, espírito rebelde e em constante oposição, acentuou, tanto quanto podia, como ele mesmo o confessa, com o intuito de salientar vivamente o que os outros desconsideravam.

Marx, embora não fosse descobridor do factor económico, teve um papel inegavelmente positivo e de grande valor, ao ressaltá-lo, até com exagero, em contraposição ao abstraccionismo na filosofia que o havia desprezado.

Mas Marx foi um exemplo de sua mesma teoria. Seus exageros foram por ele vividos de tal modo que ao visuali-

zar uma situação histórica, fundado em documentos de parcial valor, construiu uma consmvisão totalmente paleotécnica, e julgou que as soluções sociais seriam, por sua vez, paleotécnicas. O proletariado seria apenas o herdeiro do capitalismo. Eram as formas de produção do capitalismo que *geravam* o socialismo. E de tal modo que as relações de produção se tornavam díspares daquelas, o que dava um conteúdo novo, enquanto permaneciam formas velhas. A revolução seria inevitável, porque o capitalismo era obrigado a socializar a produção. Marx olhava apenas o aspecto da ordem das coisas e não queria ver mais nada.

Ora, o socialismo eotécnico, de forma alguma consideraria a oficina burguesa como exemplo de uma oficina socialista, nem admitiria que a forma de produção burguesa fosse socialista, pois a técnica levava o trabalhador a uma brutallização tal que seria hediondo aceitá-la.

Opunha-se ao capitalismo. Marx não; considerava-o um passo à frente, um progresso. O capitalismo criava maravilhas. Seus ditirambos, no "Manifesto Comunista", são tão entusiastas que nenhum capitalista seria capaz de escrever com tanta ênfase sobre o seu regime econômico.

O próprio Marx intitula o seu livro máximo de "Capital", porque é sobre o capitalismo, forma viciosa do domínio do capital, que ele quer falar.

Viu nas grandes chaminés, que empestavam as cidades, naquelas florestas de canos espetando o céu, um progresso. As imundas cidades de carvão e fuligem são um progresso ante as limpas cidades da eotécnica, conhecidas nos países nórdicos. Marx está cego pela fuligem que lhe cobre os olhos, a barba, o corpo e a alma. O capitalismo é o gestador do socialismo. Ainda o diferente gestará o diferente, o tigre gestará pombas...

Colocado nesse ângulo, o marxismo estrutura-se como uma filosofia do proletariado da paleotécnica.

Marx nunca pensou devidamente nas grandes revoluções técnicas; não pensou que elas poderiam ter um outro papel, importantíssimo, na formação de novos ângulos e perspectivas. O que os "utopistas" Proudhon (que previu o fascismo

enquanto Marx não) e Kropotkin, em cuja obra "Campos, fábricas e oficinas", colocara os aspectos da técnica que serviram de base a Patrick Geddes e a Mumford posteriormente, e, actualmente, ao movimento de humanização do trabalho, Marx não previra. Marx era paleotécnica apenas, e só.

Nem uma visão clara das possibilidades revolucionárias da técnica, nem sequer do papel que ela exercera na transformação das sociedades do passado.

## ANÁLISE DECADIALÉCTICA

Com a colocação dos diversos aspectos mais importantes do marxismo, por nós já salientados nas páginas que antecedem, é fácil agora fazer uma análise decadialéctica, segundo os dez planos, bem como da maneira abstracta de visualizar os temas, não só sociais como filosóficos, económicos, etc.

Analisado o marxismo no *campo do sujeito e do objecto*, deve ser examinado como doutrina e como pratica, como obra de Marx, e de seus seguidores.

Se actualizamos o subjectivo, a pessoa de Marx se torna importante para a explicação da sua doutrina. Esta está marcada pelas peculiaridades do espírito de seu autor. A marca pessoal é demasiadamente evidente: messianismo judaico, ressentimento individual, perseguições e desprezo dos dominadores de então. Marx antes de ser marxista, opunha-se politicamente àqueles a quem houvera solicitado um cargo, que não obtivera por ser judeu, apesar de casado com uma mulher da pequena nobreza alemã. Os estudos filosóficos de Marx, e a influência que sobre ele teve Engels, que era um industrial e economista, explicam-nos muito dessa notável simbiose, que terminou por Engels fazer mais filosofia que economia, e Marx mais economia que filosofia.

Filosóficamente, influenciado pelo hegelianismo de esquerda, que actualizara da obra de Hegel o aspecto objectivo, assistindo a luta que era travada entre os dois grupos que disputavam entre si a verdadeira exegese do hegelianismo, colocado do lado dos esquerdistas, o aspecto materialista teria que ser finalmente acentuado, pois virtualizaria, naturalmente, tudo quanto fosse de subjectivo em Hegel, que fazia parte da concreção hegeliana, que é uma síntese de objectividade e subjectividade. A influência positivista, que

se manifestava vivamente na ciência (o que não deve ser simplesmente confundido com o positivismo de Comte), levava Marx a tender para a objectividade. Mas todo tender objectivo, como já vimos na "Psicologia" e Lógica e Dialéctica", tem sempre uma raiz num interesse *páthico*, genuinamente afectivo. Marx era afectivamente objectivo e exagerava esse aspecto, virtualizando tanto quanto possível a subjectividade, no intuito de alcançar aquela precisão que a ciência buscava e adquiria ao afastar-se do subjectivo, do qual, na verdade, ninguém consegue. Somos objectivos ainda por paixão, e Marx o era, por paixão.

A Alemanha, que sempre chega tarde na História, era estimulada por seus homens públicos (a era bismarckiana se construía) a industrializar-se, afim de competir com as grandes regiões industrializadas da Inglaterra e da França.

Todo o subjectivismo alemão (e que se revela tão simbolicamente no expressionismo em sua arte) tinha que ser posto em quarentena. Era preciso ser objectivo, preciso, prático, eficiente. Era preciso superar estágios, avançar, acompanhar o progresso econômico dos outros povos, competir com eles, e vencê-los.

Naturalmente que a luta entre as tendências objectivas e subjectivas na Alemanha tinham de ser mais agudas que em qualquer outra parte. Marx sentiu a luta e, homem de luta, engajou-se do lado objectivo com toda a paixão. O exagero era inevitável. Por outro lado, o socialismo, que se processava nos países latinos, tinha um cunho altamente subjectivo e, por isso, era supinamente romântico, sem que desprezemos o invariante que o estrutura, nem os fundamentos seguros que o sustentam .

Em princípio Marx, neófito no socialismo, tinha os olhos voltados para o além-Reno. Mas trazia sua alma hegeliana de esquerda já estruturada, quando, em contacto com os revolucionários latinos, sentiu que havia muita exteriorização de paixão por parte destes. Seu rompimento com Proudhon, que tanto admirara, e que o desprezara, levou-o, de vez, a cair numa visão objectiva do socialismo e a actualizar consequentemente os aspectos do objecto, esquecendo a impor-

tância do subjectivo, ao qual virtualizou e que terminaria por tornar-se o ponto fraco do marxismo. Esta acentuação levá-lo-ia a desprezar o homem, enquanto pessoa, e o marxismo caracteriza-se por essa frieza ao tratar do ser humano, que passa a ser apenas uma coisa que organiza coisas, mas que, por estas é modelado.

Daí a concluir que a objectividade gesta a subjectividade era apenas um passo; a a teoria do conhecimento marxista não poderia deixar de cair num empirismo abstraccionista, embora fundando-se nas mesmas teses aristotélico-tomistas da raiz empírica do conhecimento. Mas a não aceitação de um papel activo (o *intellectus agens*, por exemplo, dos tomistas) levou-o a transformar o subjectivo num mero epifenômeno, ou seja, uma cópia, caindo, conseqüentemente, em todos os defeitos do nominalismo, como todo materialismo, já refutado com séculos de antecedência.

É verdade que Marx, no tempo da "Ideologia alemã", obra pouco lida e conhecida dos marxistas, tinha uma visão proudhoniana, e aceitava a interactuação do objectivo e do subjectivo na formação do conhecimento. Mas o calor da sua paixão objectivadora, levou-o a esquecer estas teses e até o quadro da estrutura (da infraestrutura e da superestrutura) foi finalmente modificado, permanecendo a infraestrutura como meramente objectiva, e a subjectividade colocada exclusivamente na superestrutura. Esta passou a ser apenas um epifenômeno daquela, assim como o tremer de um motor é apenas um epifenômeno do seu funcionamento.

Dessa maneira, o marxismo caiu no abismo nominalista, e conseqüentemente teria que gestar todos os erros que posteriormente vieram adicionar-se a este. (Um pequeno erro, no início, gesta grandes erros posteriores, diziam os escolásticos).

Por isso, na economia, o valor de uso, que é subjectivo, é reduzido ao valor de troca. Marx não vê mais o antinômico que se dá entre ambos, como vimos na análise da teoria do valor, que expusemos em "Lógica e Dialéctica". Só se produz o que é útil, conseqüentemente conclui que a uti-

lidade já está contida no valor de troca, o que o leva a construir uma teoria abstracta do valor.

O excesso do objectivismo marxista impele a falsificar o próprio conhecimento, no receio de cair nas teses idealistas. No entanto, como já vimos, em nossos trabalhos anteriores, o idealismo tinha sua positividade, também, ao afirmar que o mundo objectivo é modelado pelo sujeito.

O mundo exterior, que não deve ser confundido com o objectivo, existe independentemente de nós. Mas o conhecimento que dele temos, depende do sujeito. (*Cognitio enim secundum quod cognitum est in cognoscente*). O conhecimento se verifica do modo que o conhecido está no que o conhece, afirma São Tomaz. E prossegue: O conhecido está no que o conhece, segundo seja seu modo natural de ser (o cão conhece caninamente, o homem humanamente, isto é, racionalmente também), pelo qual o conhecimento se adapta ao modo natural de ser do cognoscente. "Portanto, se o modo de ser de um objecto de conhecimento é de ordem superior ao modo natural de ser do que conhece, seu conhecimento está necessariamente acima da natureza de tal cognoscente" (Summa Theologica I, 12, a 4).

Vemos aqui colocado dialécticamente o factor emergente do conhecimento ao lado do predisponente. O sujeito conhece segundo pode conhecer. Nossos esquemas permitem conheçamos segundo nossa *assimilatio* (assimilação) a eles. A criança conhece na proporção de seus esquemas. Mais esquemas, mais conhecimento. A tese idealista, aqui, é positiva. O conhecimento está condicionado ao cognoscente. Mas o cognoscente adquire esquemas pela experiência que o torna apto a conhecer mais. Esta é a tese empirista.

São Tomaz é dialéctico, assim, quanto ao conhecimento. Marx só vê a acção da experiência, e esquece que sem a emergência não haveria conhecimento, sem *o que é capaz de conhecer*, e que realiza o acto de conhecer. O sujeito é constituído de modo a conhecer. E conhece segundo o seu modo natural de ser. Dessa forma a posição empirista e a racionalista apriorista são sintetizadas num empirismo racionalista, que é o de São Tomaz.

Marx, acentuando o aspecto objectivo, virtualiza a acção subjectiva. É verdade que ele termina por aceitar uma positividade também idealista, ao reconhecer o papel que a ideologia exerce no conhecimento, o papel que a subjectividade posteriormente impõe, como na cosmovisão das classes, etc., que ele, na verdade, compreendeu e tangeu em parte, o que já estava bem delineado, explicitamente, nos estudos sobre o conhecimento, que São Tomaz, Duns Scot e Suarez haviam feito, como o mostramos em nosso livro "Gnoscologia ou Teoria do Conhecimento", de próxima publicação.

Citamos ainda São Tomaz na mesmo tópico: "Portanto, o natural para nosso entendimento é conhecer as coisas que não têm ser senão na matéria, já que a nossa alma, pela qual conhecemos, é forma de uma matéria. Mas a alma tem duas faculdades cognoscitivas. Uma, que é acto de algum órgão corpóreo, pelo que sua actividade natural é conhecer as coisas segundo o modo de ser que têm na matéria individual, e por isto os sentidos unicamente conhecem o singular. A outra é o entendimento, que não é acto de nenhum órgão corpóreo, e por isso o conatural (*natural com*) do entendimento é conhecer as naturezas que têm ser em uma matéria concreta, mas não enquanto estão concretadas na matéria individual, mas enquanto abstraídas dela pela acção do entendimento. Por essa acção, com o entendimento, podemos conhecer as coisas em seu ser universal, ao qual não podem alcançar os nossos sentidos".

Esta segunda acção do conhecimento, o marxista a considera como os nominalistas a consideravam. O universal é apenas o que têm de comum os entes. Mas esquecem-se que os esquemas concretos estão também nas coisas, sem uma presença material. Esta maçã é maçã e não outra coisa.

E por que? Por que nela há um relacionamento físico-químico-biológico que a torna maçã e não outra coisa. Mas êsse relacionamento é um relacionamento que não é qualquer outro. E' este. E não sendo este, a maçã não é maçã, seria outra coisa. Portanto, é o esquema concreto òue dá a tensão maçã, com sua forma maçã, algo que se repete, nesta

e naquela e naquel'outra maçã, e só nas maçãs. Mas não está nesta maçã materialmente, pois, do contrário, como teria ubiquidade para estar naquela? Logo o *arithmos*, o número pitagórico no bom sentido, o *arithmos plethos* de que falava Pitágoras, que dá a forma maçã, algo que não é matéria, é uma fórmula que não é apenas uma abstracção do homem (excesso da tese subjectivista que não pôde evitar Marx) mas é algo que se dá aqui, ali e acolá simultaneamente. É uma forma, um *eidos*, no sentido platônico, um *arithmos*, no pitagórico, que não é matéria, do contrário não teria ubiquidade, não poderia estar simultaneamente em tantos lugares.

Não é o mero *flatus vocis* dos nominalistas, apenas uma palavra, mas um esquema concreto que *cresce com* (*concretum ver de concrecior*, crescer com, também em sentido aumentativo,) a matéria que compõe esta ou aquela maçã. Mas essa forma não se actualiza nesta e naquela maçã, sem a presença dos factores predisponentes que a facilitam, pois uma maçã não surgiria na lua, como a lua é hoje.

Logo, essa forma maçã (esse *eidos*, esse *arithmos*, essa forma, o nome pouco importa) é um esquema concreto, real, portanto, não com as características da matéria, mas ubiqua, que é uma possibilidade dentro do ser (um *possibilium* da escolástica, que se torna um *effectibilium* neste planeta), e em certas condições, se actualiza em maçã.

Podemos não saber qual é o esquema concreto da maçã; pode a ciência ainda não saber como ele é; mas sabe que ele é, que ele se dá aqui, ali, acolá. Captamos dele, segundo nossas possibilidades, segundo a possibilidade do cognoscente, o *que ele é*, uma *quidditas*, o seu *quid*, o seu o *que*.

E' uma universalidade para nós, adquirida *post rem*, depois da experiência (como o querem os nominalistas) mas que está *in re*, na coisa, na maçã, (como o afirmam os conceptualistas) e que tinha um modo de ser *ante rem*, no Ser (como o afirmariam os realistas) pois era uma possibilidade que se efectuou. Dessa forma, o pensamento tomista é dialéctico. As formas estão antes da coisa no Ser, pois do contrário viriam do nada (tese realista) dão-se nas coisas, em

esquemas concretos (tese dos conceptualistas), e são conhecidas, por nós, *post rem*, depois da experiência (tese dos nominalistas). Dessa forma, o realismo de São Tomaz é mais dialéctico que o nominalismo marxista, que é abstracto.

O que conhecemos das coisas, as *quidditates*, são condicionadas pelo cognoscente. Conhecemos o cognoscível, e ampliamos o conhecimento à proporção que ampliamos os nossos esquemas de conhecimento. Que são os aparelhos da ciência, microscópios, etc. senão uma ampliação dos nossos esquemas ou que reduzem aos nossos esquemas o que se dá além da capacidade cognoscitiva do cognoscente?

Portanto, uma visão meramente objectiva do conhecimento é uma visão abstracta.

Os marxistas, quando transformam o aparelho cognoscitivo do homem numa mera máquina fotográfica, caem na mesma posição nominalista ou na maneira brutal de ver dos materialistas vulgares, com quem Marx se preocupava tanto em não ser confundido.

E assim como Kant, querendo combater o idealismo, não pôde impedir de nele cair, Marx não pôde impedir de cair no materialismo vulgar, e ao semear dragões colheu pulgas, que se escarrapacharam, sugando, tanto quanto possível, o sangue do nominalismo até inflar ao extremo.

E tudo isto era uma decorrência natural da sua posição subjectivamente objectiva, da sua paixão (subjectiva) ao objectivo, que o levou a não poder conter os exageros, e a precipitar no exagero os seus epígonos mais "marxistas" que ele.

Analisemos dialécticamente em outros campos.

As actualizações e virtualizações que o marxismo procedeu permitiram as modalidades abstracionistas de que está cheia essa doutrina, e que encontra, na prática, um desmentido constante.

Por que os marxistas, na prática, tiveram de ser diferentes do que foram na teoria?

O simples evidenciação dessa diferença é suficiente para, desde logo, mostrar que havia alguma coisa que não estava perfeitamente entrosada, perfeitamente adequada. Em vez de procurar o ponto frágil, os marxistas preferiram cair num bizantinismo de interpretações subtis das frases de Marx, procurando, sempre, justificar os erros, que eram apenas erros porque partiam de posições previamente falsas.

Basta que se observem as obras dos autores marxistas que estão sempre apontando os erros cometidos, como monotonamente o fazem Engels, Lenin e outros, com excepção dos estalinistas, porque estes nunca erram, pois descobriram uma solução ideal para as atitudes: “as condições históricas exigiam tal atitude...” etc.

A posição filosófica do marxismo, sua maneira de ver a história, leva-o a actualizar apenas os aspectos extensistas e a virtualizar o intensista, a actualizar as possibilidades *reais* ou não, que se coadunam com a sua maneira de ver os factos, e a virtualizar tudo o mais, razão porque os acontecimentos, que não seguem a regra marxista, desmentem-no constantemente. A redução do mundo a uma cosmovisão simplista, leva-os a ver nos factos apenas os aspectos que estão de acordo com a teoria, daí actualizarem supinamente o factor económico, sem considerar o que coopera na formação do mesmo, e que actua conjuntamente com ele.

Uma análise da filosofia e da economia marxista, que faremos em outros trabalhos a serem editados, nos mostrariam à saciedade quanto os outros campos da análise decialéctica oferecem exemplos de má apreciação, como seja o campo das contradições da razão, das suas antinomias, que os marxistas não captam, o das contradições da intuição, o que há de desconhecimento, etc., que não poderíamos examinar aqui, onde pretendemos, apenas, dar uma visão ampla dessa doutrina, dentro do socialismo em geral, sem entrar em pormenores, que implicam citações de passagens, afim de justificar as afirmativas que teríamos de fazer.

A análise dialéctica da dialéctica marxista já a fizemos em nossos livros anteriores e cremos, portanto, que o estudo dos aspectos, que acabamos de realizar, é suficiente para jus-

tificar este livro, cujo intuito não é atacar, mas apenas mostrar o que há de positivo, a par do que há de abstracto em uma doutrina, que é defendida por seus sequazes, como a mais objectiva, a mais realista, a mais perfeita que o cérebro humano já foi capaz de construir e até insuperável, peregrina, eterna. Por isso não é de admirar que os marxistas afirmem, com cândida convicção, que depois deles não há mais caminho para a filosofia, que se reduz, dessa forma, a apenas a repetir o que Marx disse. O marxismo assim tende a parar o pensamento e a acabar com a sua própria dialéctica, pois não admite nenhuma contradição em si mesmo. Não se alterará, não será substituído.

Como fecho final, a própria posição marxista é o desmentido mais cabal a si mesma. O marxista, não admitindo sua superação, nega a sua própria dialéctica.

Podem os marxistas fazer os maiores esgares, levantar a voz, blasfemos e revoltados, arguir os mais subtis e bizantinos argumentos, mas o marxismo, negando sua superação, nega-se a si mesmo.

E se a aceitar, deverá reconhecer que foi uma filosofia aplicável ao proletariado da paleotécnica, mas insubsistente e superada para a neotécnica, e ainda mais para a biotécnica. Podem afirmar que Stalin superou Marx. Bem, isto já é outra coisa.

E aqui, ante tal afirmação, eis que os dissidentes, os não-estalinistas, passam a vociferar contra os primeiros. E quando marxistas vociferam é melhor fechar os ouvidos. O desaforo substitui a análise serena, segura e filosoficamente bem fundada. É o que poderemos esperar, quanto a nós, quando certos marxistas fanatizados leiam este livro, e não quanto aqueles que honestamente aceitam a sua doutrina. Estes meditarão sobre as nossas palavras, e se forem socialistas sinceros e equilibrados, hão de bem compreendê-las.

Composto e impresso na  
Gráfica e Editora EDIGRAF Ltda.  
Rua Uruguaiana, 88 — São Paulo

**ANÁLISE DIALÉTICA DO  
MARXISMO**